ESTRATÉGIA DO PSD PASSA POR GANHAR A CÂMARA DE GONDOMAR Pág.32

Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 581 Quinta-feira, 4 de Fevereiro de 1988 Preço 50$00

Ouro baixa por causa de vendas (simultâneas?) da URSS, de banco suíço e do Médio Oriente Pág. 15

Em 24 horas fez o Governo português recuar em toda a linha

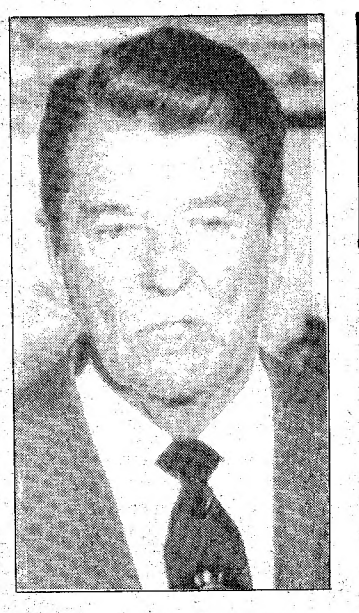
CARLUCCI TROCOU 90 MILHÕES POR ARMAS EM 2.ª MÃO

Um dia em Lisboa foi quanto bastou ao secretário da Defesa dos Estados Unidos para deitar por terra as reivindicações do Governo português: do tom exigente de Cavaco Silva, há alguns meses atrás, passou-se ao «suave» entendimento. Esta manhã Frank Carlucci seguiu para Itália seguro de que Portugal aceitará equipamento usado como compensação pela substancial redução aplicada ao auxílio americano. Pág.3

INCÊNDIO NO D. ESTEFÂNIA

Ministério da Saúde tentou encobrir e pressionou silêncio do pessoal

É um caso de «lei da rolha» imposto pelo Ministério da Saúde para que nada transpirasse de um incêndio verificado na véspera de Natal, no Hospital de Estefânia. O objectivo era que nada transpirasse junto da opinião pública e, para tanto, foram feitas pressões e ameaças sobre funcionários que estavam de serviço. Pág.9



NOVO CHERNOBYL? URSS DESMENTE Pág.17

Moçambique: Mário Machungo à procura de novos rumos para cooperação com Portugal

O primeiro-ministro moçambicano, Mário Machungo, está desde ontem em Lisboa a discutir com o Governo português novos rumos para a cooperação entre os dois países. Machungo, referindo-se às conversações que mantém, disse que não há tabus. Pag.2

Mawete Baptista confirma abertura de Luanda para retirada de tropas cubanas

«Mais cedo ou mais tarde, e garantida a soberania nacional de Angola, começará a retirada dos cubanos. Total ou parcial? Bom, quando começarem a sair é pegar no primeiro e acabar no último. O resultado será sempre a retirada total». Palavras do embaixador angolano em Lisboa, Mawete Baptista, em encontro com jornalistas. Pág. 18

REAGAN DERROTADO: CONGRESSO REJEITA AUXÍLIO AOS «CONTRA» Pág.19

Assembleia: depois das empresas públicas, a Lei Orgânica

CONFRONTAÇÃO PERMANENTE

Daniel Reis

Arrumadas que estão as empresas públicas na dimensão que o Governo, nesta conjuntura constitucional, entende ser preferível (vão ser na sua maioria amputadas de 49 por cento do capital social, logo que a legislação já aprovada na generalidade saia das Comissões para o Diário da República), a maioria parlamentar que sustenta Cavaco Silva volta–se, agora, para o interior da própria Assembleia da República.

O PSD pretende moldar o orgão por excelência da soberania do povo à feição da correlação de forças resultante das eleições de 19 de Julho passado. Na prática política, isto significa uma nova fase, quiçá ainda mais aprofundada, da confrontação permanente que que o PSD vem alimentando contra todas as restantes forças políticas representadas no Parlamento, levando–as inclusive a aproximar–se umas das outras, por mais distantes ideológicamente, num evidente reflexo de auto–defesa e numa clara manifestação de instinto de sobrevivência.

Hoje mesmo se iniciam os debates sobre a Lei Orgânica da Assembleia da República, estando dois diplomas em apreciação, um subscrito pelo PSD (projecto de lei nº 142/V) e outro apresentado pela oposição no seu conjunto (projecto de lei nº 169/V): PS, PCP, PRD, CDS, Verdes e ID.

Esperava–se que, em matéria desta índole, o Parlamento conseguisse reunir um consenso para fixar as regras processuais do seu próprio funcionamento. E quando assim se pensou havia factos que indiciavam ser isso perfeitamente possível. Com efeito, antes da dissolução da Assembleia da República, para as últimas eleições, estava elaborado um projecto conjunto de todas as forças então representadas no Parlamento e que só não foi votado porque a Assembleia foi dissolvida pelo Presidente Mário Soares.

Tudo mudou do Verão para cá

Só que por essa entrada do Verão, o PSD era minoritário na Assembleia, embora dispondo já de uma maioria relativa perante os outros partidos. Vieram as eleições e com elas a vaga de fundo que entronizou Cavaco Silva: tudo mudou desde então no comportamento do partido que o sustenta no Governo.

A oposição no seu conjunto, confrontada com a mudança de agulha do PSD e os riscos de esvaziamento da capacidade de intervenção parlamentar dos grupos minoritários, contidos no projecto do PSD, uniu–se em bloco para protestar, apresentando o seu projecto alternativo de Lei Orgânica da Assembleia da República.

Ao anunciá–lo e em declaração conjunta assinada por toda a oposição parlamentar, foi reafirmado que a Lei Orgânica «tem de ser o reflexo de um conjunto essencial de regras estáveis sobre o funcionamento do orgão de soberania que é a Assembleia da República» e que essa estabilidade não pode estar à mercê de maiorias conjunturais.

A oposição diz «não pretender subverter os resultados eleitorais de 19 de Julho» mas acrescenta que o seu projecto de Lei Orgânica distingue «com o cuidado e rigor devidos, entre o que releva da aplicação da regra da maioria, do que é essencial à defesa das minorias». Sublinha também a necessidade e a exigência de «encontrar uma plataforma consensual sobre a organização e o funcionamento da Assembleia da República».

É esse consenso que não existe mais, nem em torno de questões básicas como são as de processo no Parlamento. Por isso mesmo na sessão de hoje vai–se assistir a mais uma e desnecessária etapa da confrontação permanente a que a maioria–PSD está a sujeitar os representantes de 49 por cento do eleitorado.

Manuel dos Santos e a moralidade nos negócios

A Assembleia vota, ao fim da tarde de hoje, a lei que revê o regime das participações do Estado. Ela foi discutida na sessão de terça–feira, com um prolongamento para além da hora regimental, durante o qual fez faísca o confronto verbal de Narana Coissoró com o ministro Miguel Cadilhe.

Como novidade desta proposta com que o Governo encerrou, por ora, o seu pacote sobre as empresas públicas, está a facilidade de alienação das participações minoritárias do Estado em empresas mistas.

Em vez do concurso público, que era a regra de alienação dessas participações, o concurso passa a ser a excepção, muito condicionada, e a regra é o contrato directo e particular.

«Este processo retira à alienação das participações boa parte da clareza e da transparência e a garantia de livre acesso que, necessariamente, terão de o caracterizar», disse o deputado Manuel dos Santos durante o debate.

Para este deputado socialista, «mais do que o domínio das empresas, o que está em causa com esta proposta de lei é a moralidade e a legitimidade dos negócios que, ao abrigo dela, se podem realizar».

Seiva Trupe sem subsídio

Três deputados do Partido Comunista—Ilda Figueiredo, António Mota e José Manuel Mendes—apresentaram um requerimento ao Governo em que pretendem saber quais as verdadeiras razões da não atribuição do subsídio regular à Companhia de Teatro Seiva Trupe e quais as medidas tomadas para rever a situação de modo a que aquela companhia possa continuar a desenvolver a sua importante acção cultural no Porto.

Aqueles deputados recordaram uma moção aprovada a 14 de Janeiro pela Câmara Municipal do Porto em que se manifesta «altamente preocupada com a marginalização de que foi alvo o teatro na Porto» já que nenhuma companhia daquela cidade recebeu subsídio, inclusive algumas com mais de 10 de actividade regular e subsidiada, como é o caso da Seiva Toupe.

O impasse no Tribunal Constitucional

Tal como Jorge Sampaio tinha advertido há dias no plenário, a ruptura das negociações entre o PS e o PSD para a apresentação de uma lista comum de candidatos às vagas de juizes no Tribunal Constitucional, resultou num impasse. Para já, os dois nomes propostos pelo PSD não foram eleitos e se a maioria não procurar, ao menos, este consenso com a oposição, não se vê como seja possível reunir os dois terços de votos necessários para eleger os dois juizes.

Os candidatos do PSD eram Rui Tato Marinho e Vitor Nunes de Almeida que só recolheram 148 e 140 votos, respectivamente, dos 248 entrados na urna. Ficaram, portanto, longe dos dois terços necessários.

Para além do impasse agora criado e de que o lider do Partido Socialista na Assembleia tinha antecipadamente responsabilizado o PSD, esta eleição teve outro significado político. É que, contrariamente ao acontecido quando das eleições para o Conselho de Estado, o PS obedeceu mesmo à voz de comando. Desta vez, pelo que é possível concluir da contagem dos votos, tocou a unir e nem um só dos socialistas furou a orientacão do Partido.

Verde escondido com rabo de fora

A última, animadíssima e ordinária reunião plenária da Assembleia da República teve um momento de suspense quando se andou, à vez, à procura de quem cedesse tempo a Narana Coissoró para responder ao ministro das Finanças.

Primeiro foram os Verdes e depois o PRD. Mas quando da tentativa Verde, Silva Marques, deputado do PSD, levantou–se lá do fundo da bancada da maioria, para onde foi desterrado nesta legislatura, e interpelou a Mesa:

«Senhor Presidente: Vossa Excelência desculpe se eu não ouvi bem. Mas se foram os Verdes a ceder o tempo, onde é que eles estão, que eu não os vejo?

Só se deixaram uma procuração...».

Todos os olhares procuraram Maria Santos ou Herculano Pombo, deputados eleitos nas listas do Partido Comunista e que na Assembleia se sentam na bancada do PCP; mas nem um nem outro participavam na sessão. O Presidente Vitor Crespo lá explicou que a cedência de tempo tinha sido comunicada pelo telefone com a reserva de que isso, de facto, não era lá muito regimental...

MACHUNGO OPTIMISTA SOBRE OS RESULTADOS DA SUA VISITA A PORTUGAL

O Primeiro–Ministro de Moçambique, Mário Machungo, e o chefe do exectuivo português, Cavaco Silva, analisaram ontem num primeiro encontro em Lisoa, o quadro geral da cooperação entre os dois países.

O encontro durou cerca de 75 minutos. No final, Machungo disse aos jornalistas ter encontrado da parte portuguesa «total abertura para a resolução de todos os problemas pendentes na cooperação» entre os dos países.

«Estas primeiras conversações foram promissoras, disse o Primeiro–Ministro moçambicano. Não há tabús e foram tocados todos os domínios das relações, incluindo a dívida moçambicana a Portugal e a cooperação militar».

Fonte oficiosa moçambicana citada pela Lusa revelou que a dívida de Maputo a Portugal, englobando a dívida ao Estado e a empresas, cifra–se entre 125 a 130 milhões de dólares (cerca de 17,5 milhões de contos). A TAP e a Marconi são os maiores credores portugueses de Moçambique.

Machungo disse aosjornalistas que tanto o Presidente da República, Mário Soares, como o Primeiro–Ministro, Cavaco Silva, estão convidados pelo Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, para visitas oficiais a Moçambique, devendo as datas dessas deslocações ser marcadas pelos mecanismos diplomáticos.

Ontem, á sua chegada a Lisboa, Mário Machungo manifestou a sua convicção de que a visita deverá ter um «saldo positivo» e servirá «para construir alicerces de benefício mútuo e no interesse dos dois povos».

A cooperação bilateral nas áreas militar e empresarial foi referida como questões importantes a discutir com as autoridades portuguesas.

Na área militar as duas partes irão produzir recomendações e sugerir campos de realização, disse Machungo, que salientou a presença em Maputo de uma delegação militar portuguesa.

«Vamos aguardar propostas concretas», disse o Primeiro–Ministro moçambicano.

A questão da presença e da actuação a partir de Portugal de elementos da Renamo é outra das questões importantes na agenda de Mário Machungo.

A propósito da nomeação do novo embaixador de Moçambique em Lisboa, o Primeiro–Ministro moçambicano salientou «constrangimentos de ordem diversa, de natureza financeira e de natureza humana» que impediram essa nomeação. A falta de quadros disponíveis foi outra das razões invocadas.

Durão Barroso no Zaire

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, chegou ontem ao Zaire, onde vai presidir à delegação portuguesa na reunião da comissão mista luso–zairense.

Da agenda dos trabalhos da comissão mista destacam–se a dinamização da cooperação bilateral, o seu alargamento a novos domínios e a situação dos bens de cidadãos portugueses nacionalizados pelo estado zairense em 1973.

Pequeno-almoço com a Imprensa

Esta manhã, o Primeiro-Ministro de Moçambique, Mário Machungo, recebeu, ao pequeno-almoço, representantes da Imprensa portuguesa e colocou-se à disposição dos jornalistas para responder às perguntas que quisessem formular-lhe. Com grande à vontade, mas com perfeito sentido das conveniências, o Primeiro-Ministro de Moçambique deu informações sobre a situação do seu país, os objectivos da sua visita a Lisboa, a conjuntura internacional e regional que a República Popular de Moçambique defronta. No que se refere à actividade dos «bandidos armados», designação oficial dada à Renamo, o Primeiro-Ministro foi claro: com eles não haverá quaisquer negociações, mas a «lei de amnistia» publicada pelo Governo de Moçambique será cumprida. Para Mário Machungo desde que cesse o auxílio material da República da África do Sul, a rebelião será absorvida. Afirmou, contudo, que Moçambique respeita o povo da África do Sul e confia na evolução democrática que elimine o «apartheid» e proporcione um novo relacionamento dos Estados e povos da África Austral.

O espírito das leis

Helena Cidade Moura

A reacção da opinião pública perante um projecto de diploma lançado pelo Governo sobre cessação do contrato individual de trabalho, contrato de trabalho a termo e redução e suspensão de prestação de trabalho, trouxe duas grandes surpresas: a primeira, e a mais importante, a sensibilização colectiva e o arrepio geral que prepasssou no corpo social, meio adormecido pela estonteante propaganda de Cavaco Silva e a sua brilhante vitória em 19 de Julho de 87; a segunda, o espanto geral que o conhecimento desse projecto de diploma provocou.

É que para além do conteúdo das leis há, como detectou a sensibilidade inteligente e empenhada de Montesquieu em meados do século XVIII, o **Espírito das Leis.**

Montesquieu explica o seu posicionamento sobre a realidade das leis, atitude bem estranha na época em que ele escreve: «Não separei as leis políticas das leis civis: porque, como me não, vou ocupar das leis em si, mas do Espírito das Leis, e que este espírito consiste nas diversas relações que pode haver entre as leis e as diversas coisas, preocupei-me menos com as leis do que com as relações e com as coisas. Examinarei primeiro as relações que as leis têm com a natureza e com o princípio de cada governo: e como este princípio tem sobre as leis uma influência suprema, procurarei conhecê-la bem: e se eu conseguir estabelecê-la veremos correr as leis da sua própria fonte.»

É evidente que a luta se faz em torno das leis concretas, porque são elas que vão directamente beneficiar, prejudicar ou mesmo **agredir**, como é o caso deste projecto de diploma do Governo, os seus destinatários. Mas a reflexão sobre as coisas, não pode parar aí, sob pena de não fazermos avançar o nível de consciência colectiva, sob pena de não entendermos a génese dos conflitos pontuais e de não sermos capazes de aculturar a dinâmica por eles gerada.

Para esta reflexão é importante o contributo de Montesquieu; de facto, a leitura deste projecto de diploma traz-nos à memória aquela passagem sobre a **Ideia de Despotismo**, que o tempo celebrizou: «Quando os selvagens da Luisiana querem ter frutos, cortam a árvore pelo pé e colhem os frutos.»

O projecto de diploma do Governo quer cortar a árvore pelo pé e para colher os derradeiros frutos amolgados e prontos a apodrecer.

A extensão do **Poder** dos patrões, para além dos limites impostos à dignidade das relações humanas, é atentatória também dos patrões que ficam todos nivelados pelo patrão esclavagista, aparvalhado de tecnocratice, atolado de incompetência, objectivado em valores de Poder que não servem nem a gestão da sua empresa, nem a produtividade do sector nem os valores humanos do País. Fornece ainda à cena social símbolos de falsas representações, fazendo proliferar um imagético empobrecido e empobrecedor, sem correspondência no real, levando o País para uma europeização linfática, onde os valores nacionais se perdem em benefício de estereótipos, produzidos em sociedades formalmente esgotadas, aos quais se agarra a estratégia nebulosa e intranquila dos actuais governantes.

Sobre esta realidade ridícula e perigosa tece o Governo um conjunto de «slogans», velhos de um século, engrinaldados com a palavra modernidade, como o rabo publicitário dum papagaio voador.

E a verdade é que o chamado desafio da Europa podia ser traduzido num caminhar nacional, na dignidade dos nossos valores, aproveitando as enormes potencialidades do nosso Povo e do nosso país.

Podia ser, por exemplo, e remetemo-nos ao projecto de diploma, ocasião para suprir as carências criadas por cinquenta anos de fascismo e pela ruptura que ele representa no campo da educação e da profissionalização.

Os cursos rápidos, ditos profissionais do Fundo Social Europeu tornaram-se salas de espera para melhores dias, mesmo no caso de funcionarem honestamente. Os alunos mais capazes e mais calmos vão tirando todos os cursos que lhe aparecem, entram naqueles onde houver vaga, para se sustentarem, à espera que se abram miraculosamente ou a Universidade ou o Mercado de Emprego, Desde a tapeçaria, ao cuidar de animais domésticos, a nutropatia, tudo há nesta feira de aprendizagem, onde está afastada da sua própria orgânica, a ideia de profissionalização, de dignidade e de eficiência no trabalho. Conceitos, de resto, que não existem no espírito das leis deste Governo; basta verificar-se a forma como no projecto de diploma está equacionado o despedimento por «inadaptação do trabalhador às modificações tecnológicas operadas **no seu posto** de trabalho» para se sentir como as coordenadas humanas e culturais de toda a problemática do trabalho estão distorcidas, ou são ignoradas.

A mobilidade profissional, a valorização humana são coisas ausentes do «catecismo» que o Governo fornece aos patrões e contra o qual a própria Igreja, herdeira que é a da **Pax in Terris** e de tantos outros textos sentiu necessidade de se pronunciar porque o espírito desta lei atenta contra direitos fundamentais do indivíduo. O trabalhador é aqui presa do seu posto de trabalho; as acções de formação requeridas, e no curto espaço de três meses, não visam a realização profissional do trabalhador, a sua felicidade, a sua produtividade, visam tão-só o preenchimento do posto de trabalho. Isto significa ter da formação profissional uma ideia instrumental que desapareceu cientificamente há mais de cinquenta anos e em Portugal há mais de trinta anos.

Mas o espírito das leis é marcado pela fonte donde elas correm. Este projecto de diploma do Governo entende-se à luz do projecto-lei de Revisão Constitucional apresentado pelo PSD.

Lembremos apenas como é trucidado o artigo 53° da Constituição da República Portuguesa. A actual redacção deste artigo foi aprovada por unanimidade na Revisão de 1982; o artigo tem como título — **Segurança no Emprego** e diz o seguinte: «É garantido aos trabalhadores a segurança no emprego, sendo proibidos os despedimentos sem justa causa ou por motivos políticos ou ideológicos.» Só com rutura social e política de consequências graves se pode alargar o conceito **de justa causa**, como faz o projecto de diploma do Governo até ao limite de destruir o próprio artigo e o seu conteúdo que é a segurança no emprego.

Mas o mesmo espírito da lei leva a que o PSD ataque mortalmente este artigo no seu projecto-lei de revisão, e assim verifica-se:

Primeiro — O PSD altera o artigo 59° (Direito ao Trabalho) que se correlaciona com o artigo 53.° (Segurança no Emprego), de tal forma que o Estado deixa de estar obrigado: «à execução de política de pleno emprego», alínea a) do ponto 3, também ela votada em 82 por unanimidade. Foi a social-democracia que mudou, em pontos fundamentais?

Segundo — Também o projecto do PSD de Revisão limita de forma a nosso ver perigosa a proibição de despedimentos por motivos ideológicos, quando faz o seguinte aditamento: «salvo havendo violação do dever de fidelidade confessional doutrinal ou ideológica em relação às entidades empregadoras de carácter confessional, sindical ou partidário, quando tal carácter esteja expresso nos respectivos estatutos ou seja, **público e notório.** «Não será preciso muita imaginação para saber até que ponto a lei ordinária pode ser contaminada por esta restrição que pode chegar ao excesso de subjectivismo do **público e notório**.

É certamente fruto deste mesmo espírito a causa de despedimento apontada na alínea d) do artigo 18° «desaparecimento da confiança requerida para o exercício de funções». Restringida depois por pressão social apenas as «funções de alta direcção e representação da **entidade patronal**». O que representa de facto e pelo menos o não reconhecimento da competência como valor objectivo do trabalho e pressupõe a legalização do saneamento político nas chefias.

Por outro lado, o conceito que não cabe ao Estado objectivar-se numa política de pleno emprego, de resto opinião formulada por um elemento do Governo, com a profundidade e a responsabilidade de qualquer **palpite**, significa querer atrelar o País a desenvolvimentos económicos caducos, a filosofias políticas extremamente frágeis e envelhecidas.

O projecto de diploma corre da mesma fonte do projecto-lei de Revisão da Constituição, corre neles o mesmo **espírito das leis** de que temos de nos defender de forma racional e eficaz.

Carlucci anula renegociação do acordo das Lajes

LISBOA ACEITA "EXCEDENTES" DE BASES DESACTIVADAS DOS EUA PARA REEQUIPAMENTO DAS FA's

A doação de excedentes de bases militares norte-americanas desactivadas para reequipamento das Forças Armadas portuguesas, foi a solução encontrada(e aparentemente aceite em S.Bento) pelo secretário da Defesa, Frank Carlucci, para compensar o corte de verbas na ajuda militar e económica de Washington a Lisboa prevista no acordo das Lajes.

Em cerca de 24 horas, tempo da sua passagem pela capital portuguesa, Carlucci avistou-se com o seu homólogo português, Eurico de Melo e com o titular dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, almoçou com Cavaco Silva e foi recebido em Belém por Mário Soares, seu amigo pessoal desde o período em que exerceu as funções de embaixador dos EUA em Portugal.

Ontem, ao fim da tarde, em conferência de Imprensa, acompanhado de Eurico de Melo, o responsável do Pentágono anunciou, relativamente às conversações mantidas, que as duas partes iriam acordar o fornecimento a Portugal de excedentes militares dos EUA. Para tanto, foi decidido criar um grupo de trabalho(«taske force») que irá avaliar as necessidades de equipamentos para a modernização das Forças Armadas portuguesas e depois comunicará à administração norte-americana as respectivas conclusões.

«Estamos convencidos— considerou, a propósito, Eurico de Melo— de que iremos encontrar as compensações necessárias para cumprir as nossas missões no quadro da aliança atlântica».

O ministro português da Defesa garantíu, por outro lado, que a região autónoma dos Açores não será prejudicada com os cortes na ajuda de Washington, admitindo que serão desviadas, para o efeito, verbas de outras áreas.

Recorde-se que a ajuda económica e militar dos EUA a Portugal prevista para o ano corrente será apenas de 117 milhões de dólares, comparado com o total de 208 milhões de 1985.

Menores verbas contra maior valor estratégico...

Vindo a Lisboa, na sequência de declarações de Cavaco Silva que, insatisfeito com o corte nas verbas, manifestou a disposição do seu Executivo em renegociar o acordo das Lajes, Carlucci terá obtido um êxito assinalável pois, de acordo com as declarações de Eurico de Melo, as autoridades de Lisboa terão aceitado pacíficamente as alternativas apresentadas.

«É pelas conversações que procuramos novas vias...para resolver problemas(...) há sempre ocasião para encontrarmos soluções para os problemas, fora do âmbito das negociações», comentou Eurico de Melo para os jornalistas, admitindo que já não haverá revisão do acordo das Lajes.

A agência Lusa, citando fontes próximas do dirigente norte-americano, refere que este transmitíu à parte portuguesa eventuais disponibilidades do seu país para fornecer equipamentos militares «modernos», como aviões, barcos, veículos e armamentos, excedentários pelo encerramento de unidades dos EUA. Tais fornecimentos ocorreriam no âmbito da chamada «Southern Region Amendment»(emenda para a região sul), que prevê transferências de equipamentos para países economicamente mais débeis da Europa, como Portugal, Grécia e Turquia.

Entretanto, analistas diplomáticos(leia-se fontes do MNE e da Defesa de Lisboa), citados pela mesma agência, admitem a crescente importância estratégica para os EUA da base das Lajes(facilidades para escala e reabastecimento para operações no Atlântico e no Médio Oriente) e mesmo Carlucci terá reconhecido, durante as conversações em Lisboa, o aumento do valor estratégico de Portugal no quadro do acordo americano-soviético de eliminação das armas nucleares de alcance intermédio na Europa e da próxima retirada de Espanha dos caças F-16.

F-16 e África Austral

Relativamente aos caças F-16, Carlucci declarou formalmente que eles «não virão para Portugal» e referíu estar a negociar com a Itália(para onde partíu esta manhã) «a possibilidade da sua instalação» em território transalpino.

Sem dar pormenores, o chefe do Pentágono admitíu ainda ter abordado, nas suas conversações com os responsáveis portugueses, a situação na África Austral e outras questões de interesse bilateral.

Desta vez através de Brochado Coelho

PSD RESPONDE A FREITAS

O PSD, desta vez através de Brochado Coelho, comentou as recentes declarações de Freitas do Amaral à RTP colocando-as no «campo da irresponsabilidade, desonestidade política e falta de sentido de Estado».

O presidente da comissão política distrital dos sociais-democratas insurgiu-se muito especialmente contra o «apelo ao levantamento popular sugerido na televisão» pelo recém-eleito líder centrista, que qualificou «não apenas de grave, mas um disparate».

Para aquele dirigente social-democrata, Freitas do Amaral, ao utilizar uma «linguagem insurrecional a propósito dos alegados aumentos de impostos, regressou aos tempos do PREC e ultrapassou pela esquerda os partidos mais radicais dessa área, sendo de pensar que, por isso, o próprio major Tomé se sinta contrariado».

Sobre o regresso à presidência do CDS do antigo líder e fundador dos centristas, Brochado Coelho acusa Freitas do Amaral de «violação flagrante decompromisso de honra», recordando que «eu próprio fui testemunha no Conselho Nacional do PSD da leitura de cartas em que aquele professor se comprometeu a não intervir na vida partidária durante cinco anos após as eleições presidenciais, caso as não ganhasse».

Por outro lado, o dirigente social-democrata afirma que Freitas do Amaral, nas declarações aquele programa da RTP, «além de se ter portado como qualquer cata-vento, caiu em diversas contradições, designadamente no caso dos impostos, pagamentos de indemnizações por expropriações e pivatizações».

E acrescentou: «É óbvio que qualquer leigo em economia sabe ser manifestamente impossível promover a redução dos impostos, aumentar os investimentos e reduzir o défice orçamental».

Sobre as críticas do líder centrista ao Executivo a propósito das privatizações, Brochado Coelho comentou: «Freitas do Amaral censura o Governo por não privatizar ao ritmo que o PCP nacionalizou na época do PREC, mas acaba por conceder que as privatizações deveriam fazer-se depois da revisão constitucional».

Sobre os aumentos das custas dos processos judiciais, o mesmo dirigente declarou que tal «não ultrapassou as correcções devidas pela inflacção verificadas nos últimos anos e que o Governo está em diálogo com a Ordem dos Advogados».

«Convém recordar - frisou - que os mais substanciais aumentos de custas se dão em acções de valor superior a 10 mil contos, não se devendo esquecer que as estatísticas demonstram que as acções de valor superior a 800 contos representam apenas oito por cento em relação as de valor inferior».

O actual posicionamento do presidente do CDS em relação ao Governo é interpretado por Brochado Coelho como resultante do facto de «Freitas do Amaral não ser agora um observador descomprometido em resultado de ter assumido funções partidárias».

Reconhecendo ser admissível que o presidente centrista dsenvolva «uma estratégia de engrandecimento do seu partido à custa de quem lhe está à esquerda», Brochado Coelho considera, no entanto, que «não é legítimo que o faça de forma caluniosa, irresponsável e, por vezes, caricata, como tem sucedido».

E concluiu: «O PSD não espera da Oposição outro favor que não seja a crítica construtiva e capaz de ajudar a melhor resolver os problemas nacionais».

Directiva do CDS reuniu-se

A nova Comissão Directiva do CDS considerou «muito positivo e frutuoso» o VIII Congresso do partido, no qual foi eleita.

Reunida ontem, pela primeira vez, sob a presidência de Freitas do Amaral, aquele orgão deliberou pedir audiências para apresentação de cumprimentos ao Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Primeiro Ministro, PSD, PS e PRD.

A comissão estudou a forma de conceder total prioridade ao apoio aos autarcas e à preparação das eleições autárquicas de 1989 para o que vai reunir brevemente todos os presidentes de câmara do CDS. Foi ainda deliberada a realização de um Congresso dos autarcas democratas-cristãos, a efectuar antes do verão.

A ocasião serviu ainda para designar como substitutos do presidente do partido (nos seus impedimentos) Basílio Horta, Morais Leitão e Nogueira de Brito. O pelouro das relações internacionais foi atribuido a Paulo Marques e os da informação pública e do secretariado técnico ao secretário-geral do partido, Luís Beiroco.

Foi nomeado secretário-geral adjunto, encarregado do apoio aos autarcas do CDS, Filipe Neiva Correia, antigo governador civil de Lisboa.

Governo reúne sábado para fazer balanço de 6 meses de acção

O plenário governamental vai reunir-se no sábado na residência oficial do Primeiro Ministro para um encontro informal. De acordo com fontes próximas do Chefe do Governo a reunião já estava prevista desde a tomada de posse do Executivo por forma a coincidir com o termo da primeira fase da acção governativa.

A reunião, que começará logo de manhã, deverá fazer um balanço da actividade de cada ministério. Numa segunda parte, os ministros estudarão um conjunto de iniciativas tendo em vista o relançamento da actividade do Governo.

Do encontro não estarão ausentes não só as críticas da Oposição, como também as sondagens que revelam a queda da popularidade do Gabinete e a recente exigência de uma remodelação governamental feita, designadamente, por Freitas do Amaral.

Manifestação
M.POMBAL-ROSSIO 6FEV.1988
14H30

NÃO!
AO PACOTE LABORAL

Pelo Emprego
Pelo Progresso
USL-USS-CGTP/IN-CIL-CIS

DEBATE SOBRE ENSINO

Hotel Roma – 6 de Fevereiro – 14H30

Tema: **Reorganização dos Planos Curriculares dos Ensinos Básico e Secundário**

Painel constituído por Elizette Alves
Graça Fernandes
Dulce Rebelo
Salvado Sampaio
Lourdes Silva

Debate aberto a professores e outros interessados, promovido pela Associação

INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA

3.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

CITAÇÃO DE CREDORES

Pela 1.ª Secção do 3.º Juízo Cível de Lisboa, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação do presente, citando os credores desconhecidos e os sucessores dos credores preferentes dos réus ANTÓNIO PEREIRA DOS SANTOS e mulher MARIA GRACINDA CLARA DOS SANTOS, casados, residentes na Rua Elias Garcia, n.º 111-6.º-Dt.º, em Agualva – Cacém, para, no prazo de 10 dias seguinte ao dos éditos, reclamarem, querendo, pelo produto dos bens penhorados nos autos de Acção Especial de Arbitramento n.º 2142 que Joaquim do Carmo Gomes Medeiros, casado, residente na Rua da Serpente n.º 2465, Vilar de Andorinho, Vila Nova de Gaia, o pagamento dos seus créditos, desde que sobre eles gozem de garantia real.

Lisboa, 22/1/88

O JUIZ DE DIREITO,
António João Casebre Latas

A ESCRIVÃ ADJUNTA,
Arménia Martins Luís

«DL» 4/2/88 — 1.ª pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA — 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de 20 (vinte) dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: declaração da resolução do contrato de venda referido nos Autos e condenação do Réu a pagar à Autora a indemnização de Esc. 173 652$00 estabelecendo-se quanto às importâncias entregues pelo R. à A., compensação entre essas importâncias e o restante da indemnização de igual montante, que o R. deverá pagar à A., até perfazer Esc. 450 000$00, e ainda em custas, procuradoria e o mais legal. Acção Ordinária n.º 2544, 1.ª secção, Autor **Auto-Horizonte, Comércio e Reparação de Automóveis, Lda.** Réu Fernando José Pereira da Mota Antunes, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Padre João Rodrigues Ribeiro, 11-1.º Dto., em SANTARÉM.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1988.

O Juiz de Direito,
Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva
Pel'O Escrivão de Direito,
Ilda Maria Paiva Inácio Augusto Fernandes

«DL» 4/2/88 — 2.ª Pub.

PRECISA-SE

Cozinheiro(a) para Restaurante (zona de Sacavém). Boas condições.

Resposta a este jornal ao n.º 4201.

VENDE-SE
Triciclo c/marcha atrás
Zundape c/caixa fechada
Bom estado
Tel. 251 99 19

Mensagens entregues a Eduardo dos Santos

SOARES E CAVACO REAFIRMAM SOLIDARIEDADE DE PORTUGAL A ANGOLA

Mário Soares e Cavaco Silva enviaram mensagens ao Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, reafirmando a disponibilidade de Portugal para contribuir para uma solução de paz em Angola e referindo os passados que já foram dados nesse sentido.

As mensagens do PR e do Primeiro–Ministro portugueses foram entregues ao Chefe de Estado angolano pelo nosso embaixador em Luanda, Pinto da França, na véspera de uma importante data para o 4 de Fevereiro, dia que assinalou, há 27 anos o início da luta armada desencadeada pelo MPLA contra o regime colonial.

Segundo o diplomata português, as mensagens de Soares e Cavaco reafirmam a solidariedade de Portugal com Angola face ao recrudescimento das agressões da África do Sul.

Interrogado pelos jornalistas sobre notícias relativas a uma eventual visita de Savimbi a Portugal, Pinto da França recordou que as autoridades têm repetidamente afirmado que só dialogam com o Governo angolano.

O embaixador informou ainda que as mensagens dos responsáveis portugueses respondem às que foram entregues em Dezembro a Mário Soares e a Cavaco pelo vice–ministro angolano das Relações Externas, Venâncio de Moura.

Pinto da França entregou ainda a Eduardo dos Santos um album de fotografias oferecido por Mário Soares e que evoca a visita realizada o ano passado a Portugal pelo Chefe de Estado angolano.

Nogueira Pinto foi à Jamba

Entretanto, chegou à Jamba(antiga reserva de caça junto da fronteira sul–africana, transformada em acampamento da Unita) um grupo de cidadãos portugueses. O referido grupo é composto por Jaime Nogueira Pinto, ex–director de «O Século» e antigo colaborador e director dos já extintos semanários de extrema–direita «Agora« e «Política», Maria José Avilez, assessora do ministro da Educação, Helena Vaz da Silva, presidente do Centro Nacional de Cultura, Maria Antónia Palla, jornalista da RTP, Luisa Vilhena, condessa de Alpedrinha e directora das Relações Públicas do Crédito Predial Português e ex–assessora da Cavaco Silva, e Fátima Roque, presidente da Associação de Solidariedade Democrática Portugal–Angola, próxima da Unita.

Segundo declarações feitas à Lusa por um porta–voz da Unita em Lisboa, o grupo foi à Jamba analisar as carências da organização de Savimbi nos domínios da assistência, reabilitação física e clínica, educação e cultura e observar a acção da liga da mulher angolana, organização feminina da Unita.

O mesmo informador lembrou a visita em Novembro, ao acampamento de Savimbi, do consultor presidencial, João Carlos Espada, e do deputado do PSD, Pacheco Pereira, e anunciou a visita para breve de um grupo de sindicalistas.

Parlamento Europeu vai debater situação de Timor-Leste

Os deputados portugueses ao Parlamento Europeu Pedro Pinto e Fernando Gomes, mantiveram contactos, na capital da Malásia, Kuala Lumpur, com deputados indonésios sobre a situação em Timor–Leste. O encontro, realizado no quadro dos contactos anuais entre parlamentares da CEE e da Associação dos Países do Sudoeste Asiático (ASEAN), permitiu que um grupo de deputados do Parlamento Europeu obtivesse novos elementos sobre a situação em Timor–Leste.

Fernando Gomes, deputado socialista europeu, disse á agência Lusa que «a opinião pública parece adormecida em relação ao problema de Timor e o Parlamento Europeu irá acordá–la».

Segundo ste deputado socialista, o Parlamento Europeu deverá analisar, durante uma das próximas sessões, a situação em Timor–Leste, e «será condenada a atitude da Indonésia».

«A atitude do Parlamento Europeu causa–lhes problemas não só em termos de opinião pública mas também devido às relações comerciais entre a Comunidade Europeia e a Indonésia, as quais são bastante favoráveis a Djakarta» acrescentpou o deputado socialista.

Fernando Gomes disse contar naturalmente com o Parlamento Europeu e com a pressão internacional para levar a Indonésia a mudar de atitude. Referiu a acção do Presidente da República mas lamentou que a questão de Timor não faça parte do programa do Governo português.

Fernando Gomes e Pedro Pinto foram convidados a visitar a Indonésia, embora sem receberem garantias de poder visitar o território de Timor–Leste.

«Não nos foram dadas garantias a esse respeito, assim como elas não serão dadas aos deputados da Assembleia da rRpública, que também receberam esse convite», disse Fernando Gomes.

Referindo–se aos parlamentares indonésios, entre os quais se envontrava o porta–voz da assembleia, Fernando Gomes disse que eles «não aceitam o facto de que Timor foi ocupado pela força».

«Na lógica dos deputados indonésios, Timor faz parte da Indonésia porque houve um referendo. Quanto á luta de guerrilha, trata–se, segundo os indonésios, de um grupo de comunistas», disse Fernando Gomes, que realçou a excelência da máquina de propaganda indonésia.

O deputado português disse ter conhecimento, através da Associação Ecuménica das Igrejas, de que no dia de Natal a bandeira portuguesa foi hasteada em Timor e 25 soldados indonésios foram mortos em combate.

Faleceu o embaixador da Argélia

Ahmed Draia, embaixador da Argélia em Lisboa, faleceu ontem num hospital da capital, vítima de cancro. Contava 58 anos e chefiava a missão diplomática argelina desde Janeiro de 1985, depois de, em Argel, ter exercido os cargos de ministro dos Transportes e de responsável pela Direcção-Geral de Segurança Nacional. Participara na luta armada, tendo seguido a carreira militar onde atingiu o posto de coronel. À frente da embaixada argelina em Lisboa está, provisoriamente, o primeiro-secretário, Samaili Belkacem.

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

COMUNICADO

RESULTADO DAS REUNIÕES HAVIDAS, NO PASSADO DIA 2, COM OS SINDICATOS DA UGT E DA CGTP/IN

Em reuniões havidas no passado dia 2, a Administração da empresa comunicou directamente às duas frentes sindicais, nas respectivas mesas negociais, a seguinte posição:

- **consciente dos efeitos negativos que a persistência da actual situação de crise induz na empresa e na comunidade envolvente;**
- **preocupada com a situação de impasse a que se chegou;**
- **ponderando com sentido de responsabilidade todas as vias de eventual saída da crise;**
- **ciente de que o conceito de produtividade e o cálculo dos respectivos acréscimos constituem matéria com alguma flexibilidade negocial;**
- **consciente de que o retorno à normalidade do serviço público, a superação do desacordo negocial existente e a obtenção de um clima de paz social na empresa justificam, por si só, um esforço adicional e empenhado da empresa;**
- **aceitando ultrapassar eventualmente os limites justificados pelo enquadramento económico-financeiro da empresa e pelo próprio acordo firmado em sede do Conselho Permanente de Concertação Social;**
- **ciente da inexistência de uma cobertura prévia da sua tutela para uma proposta final a formular condicionalmente;**
- **assumindo integralmente as suas responsabilidades, como lhe compete;**

A Comissão Administrativa propôs aos sindicatos, com o compromisso de se empenhar junto da tutela na obtenção do seu indispensável acordo formal — na base de uma solidariedade institucional sempre mantida —, um aumento de cerca de 7,3% na "massa salarial per capita", desde que este limiar, já situado para além das reais possibilidades da empresa constituisse uma plataforma de acordo que fizesse cessar, desde logo, o conflito negocial e as paralisações de serviço público dele resultantes.

O referido acréscimo de 7,3% poderia corresponder aos seguintes aumentos de factores:

tabela salarial	***6,9%***
subsídio de refeição	***550$00***
prémio de assiduidade	***105$00***
restantes, subsídios, indexados à tabela salarial	***6,9%***

A proposta apresentada, a não ser aceite, faria cessar tacitamente o processo negocial em curso, a menos que os sindicatos manifestassem vontade inequívoca em negociar no estrito âmbito dos acréscimos de produtividade previsíveis para a empresa em 1988.

Face a esta proposta da Administração, a posição dos sindicatos foi de rejeição clara. Perante este desencontro de posições, cabe a cada uma das partes assumir as inerentes responsabilidades.

Lisboa, 3 de Fevereiro de 1988

A Comissão Administrativa

CARRIS
COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

LICENCIADOS EM DIREITO POR MACAU PODERÃO EXERCER EM PORTUGAL

A Universidade de Macau vai ter a partir de Outubro cursos de Direito e de Administração Pública, cujos licenciados poderão, em princípio, exercer a sua actividade em Portugal. O coordenador do Gabinete para o Curso de Direito e Administração Pública, Vitalino Canas, disse à Lusa que a licenciatura irá ser reconhecida no continente mas, frisou, o «objectivo prioritário é formar não só quadros que possam assumir responsabilidades na administração local, as também juízes e magistrados».

Os cursos decorrerão na Universidade da Ásia Oriental, recentemente adquirida pela Administração do Território à Ricci Island West, companhia privada de Hong-Kong.

O projecto terá apoio das Faculdades de Direito de Lisboa, Coimbra e Católica, através dos catedráticos Oliveira Ascensão, Jorge Figueiredo Dias e Mário Júlio de Almeida Costa.

Responsáveis da Universidade de Cantão já exprimiram também o seu interesse em participar no projecto.

Vitalino Canas disse à Lusa que os cursos terão um «cunho regional, através de uma vertente comparatista das várias ordens jurídicas da zona onde Macau está situado». O curso deverá ser estruturado de modo a formar quadros e juristas para Macau numa perspectiva do período de transição que o território atravessa e tendo em conta que a partir de 1999, a administração será assumida pelas autoridades chinesas.

O curso de Direito e Administração Pública durará entre 4 e 5 anos, sendo o primeiro ano leccionado em português, mas a partir do segundo as aulas terão tradução simultânea em chinês. Está igualmente previsto o grau de bacharelato em Administração Pública ao fim dos primeiros três anos.

Os alunos chineses com dificuldades na língua portuguesa terão que frequentar um ano de Propedêutico, como aliás acontecerá aos que tiverem apenas terminado o décimo primeiro ano de escolaridade.

Vitalino Canas acentou a componente prática e profissionalizante que se pretende imprimir ao novo curso. Ainda durante este mês, estará concluído o relatório que definirá os parâmetros do curso, lançando-se imediatamente depois todas as acções legais que permitam a sua criação e entrada em fucionamento.

Ainda no âmbito da formação superior em Macau e com vista ao programa de localização dos quadros dirigentes da Administração, estão a decorrer estudos destinados a criar em Macau cursos de Engenharia.

Na origem da decisão está a criação em Macau de empresas de alta tecnologia, nomeadamente face ao arranque de importantes projectos de desenvolvimento, como são o futuro aeroporto e o porto de águas profundas.

Secundária de Belém-Algés encerrada

A falta de pessoal levou ao encerramento da Escola Secundária de Belém-Algés a partir de hoje. A escassez do pessoal auxiliar de apoio levara já o conselho directivo a encerrar o bar da escola, o que criou problemas graves aos alunos, nomeadamente aos dos cursos nocturnos. Os delegados de turma destes alunos, reunidos no dia 2, decidiram aprovar uma moção de apoio ao encerramento da escola até ser garantido o seu normal funciomamento. Os alunos dos cursos nocturnos são trabalhadores-estudantes que vão normalmente do emprego para as aulas e que, sem o apoio do bar da escola, só podem comer quando regressam a casa, a altas horas da noite.

Quadro distrital de professores do Primário

É hoje publicado no «Diário da República», o Decreto-Lei n.º 35/88, do Ministério da Educação, que cria um quadro distrital de professores do ensino primário e de educadores de infância, estabelecendo medidas no sentido de «dar maior estabilidade àqueles docentes, permitindo uma melhor racionalização dos recursos humanos disponíveis».-

Dia D discrimina sectores de ensino

Congratulando-se com a determinação do ME de paralisar as actividades escolares durante um dia para debate de alguns aspectos da reforma educativa, o Sindicato dos Professores da Grande de Lisboa critica, no entanto, o que considera algumas falhas do processo. Em comunicado, o SPGL salienta que no ensino primário realizar-se-ão conselhos escolares com o mesmo objectivo e a educação pré-escolar, a educação especial, a educação de adultos e o ciclo preparatório TV, foram «simplesmente esquecidos» no despacho do ME. Denuncia também que não houve qualquer iniciativa para fornecer às escolas indicações concretas sobre o debate, não existem parâmetros para a abordagem dos «múltiplos e desiguais documentos» e é insuficiente a edição dos projectos em discussão. Conclui o SPGL que isto reflecte «a fala de convicção com que as estruturas intermédias do ME encaram o processo de reforma educativa».

Federação das Associações de Estudantes

Vinte e nove direcções de associações de estudantes do ensino secundário, reunidas no passado dia 31, na Escola Secundária Alexandre Herculano, do Porto, decidiram criar a Federação daquelas associações estudantis com o objectivo de realizar um trabalho conjunto cultural, desportivo e político. A Federação apelou à criação de núcleos associativos distritais «para um melhor e mais unido trabalho entre todos os estudantes do ensino secundário.»

Barreto defendeu Universidade Aberta

O dirigente do Partido Socialista António Barreto defendeu ontem em Lisboa a criação de uma Universidade Aberta para o desenvolvimento da educação de adultos no País. O dirigente socialista apresentou esta sugestão no início de um debate de que foi moderador sobre «A educação de adultos, desenvolvimento e democracia», promovido pelo PS. Ana Maria Bettencourt, coordenadora de um ciclo de debates sobre a reforma educativa, citando João Cravinho, defendeu a ideia de que parte das verbas do Fundo Social Europeu poderiam ser canalizadas para a educação, nomeadamente para a formação de professores.

14.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção, deste Juízo, correm éditos por 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, CITANDO o Executado TITO CARDOSO ESPADINHA LAGRIFA, actualmente ausente em parte incerta, mas com última residência conhecida na Quinta da Boa Hora – Lote 23 – 2.º – Esq.º – 2840 Arrentela, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos éditos, deduzir oposição, querendo, na Execução Sumária n.º 4979, que lhe é movida pela exequente RENAULT GEST – SOCIEDADE DE COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS SARL, com o fim de obter daquele o pagamento da importância de Esc. 384 129$00, acrescida de juros à taxa legal corrigida e demais acréscimos legais, como tudo aliás melhor consta do duplicado da p.i. que se encontra depositado nesta secretaria à disposição do citando.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1988.

O Juiz de Direito
António Pedro Figueira Ferreira de Almeida

O Escrivão Adjunto
José António da Costa Cardoso Antunes

«DL» 4/2/88 – 2.ª Pub.

Objectivo é um novo Centro de Trabalho

para reunir mais 30 mil contos PCP de Setúbal junta esforços

O PCP possui já cerca de 30 mil contos para a construção de um Centro de Trabalho em Setúbal, cujo custo total é ainda desconhecido, mas que deverá rondar o dobro daquela importância, e que estará concluído, em princípio, dentro de ano e meio, revelou em conferência de Imprensa o dirigente comunista Carlos Ramildes.

O Centro de Trabalho, que será erguido no local onde até há bem pouco tempo funcionou a sede distrital do Partido Comunisita, na avenida Cinco de Outubro, na zona central da cidade, será, de acordo com um documento entregue aos jornalistas, «um edifício operativo, capaz de corresponder à forte organização do PCP» naquela região, mas, paralelamente, terá «características arquitectónicas inovadoras».

Aliás, Carlos Ramildes, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, faz questão de salientar que o Centro de Trabalho de Setúbal, que será composto por cinco pisos, numa área construída de, aproximadamente, 2800 metros quadrados,» vai dignificar a malha urbana da cidade», já que se trata de «uma construção moderna, mas adquada», cujo projecto somente foi feito «após um ano de levantamento histórico».

O dirigente comunista referiu que, «aprovado que está o projecto», da autoria do arquitecto Jorge Silva, «entrou-se na fase de encontrar uma empresa construtora a quem adjudicar a obra», uma vez que, frisou, «a administração directa demorava mais tempo e era mais cara».

«Experiências anteriores dizem-nos isso, rebentou-nos a castanha nas mãos» — disse.

Quanto ao dinheiro que falta para a obra, embora confessando que «há preocupações financeiras», mostrou-se confiante, dada a implantação, afirmou, do PCP no distrito de Setúbal, «onde há à volta de 36 mil militantes» e também ao facto de «muitas pessoas que não são filiadas no Partido reconhecerm a importância da obra».

Os dinheiros que faltam, tais como os que já foram conseguidos, segundo Carlos Ramildes, serão obtidos através das mais variadas campanhas e iniciativas. A título de exemplo, citou o caso de um bolo que, no passado fim-de-semana, foi leiloado por 72 contos.

O documento que foi entregue aos jornalistas e a que já nos referimos afirma mesmo que a campanha para angariação de fundos «é e irá continuar a ser mobilizadora a original» e que «em cada concelho as iniciativas e as ideias brotam porque existe um forte sentimento» de que a mesma «não se deverá nunca restringir aos militantes comunistas, mas deverá envolver todo o povo do distrito».

Quanto ao facto de, segundo opiniões, poder ser chocante, num distrito como o de Setúbal, com vários problemas sociais como o desemprego e os salários em atraso, promover uma campanha para angariar fundos para a construção de uma sede partidária, Carlos Ramildes manifestou a opinião que o novo Centro de Trabalho do seu partido «não é um luxo, mas tão-somente o resultado do somar das dificuldades e da tentativa de as satisfazer».

Um desafio

O dirigente comunista salientou que esta iniciativa do PCP é «um desafio a quantos querem pôr em causa a vitalidade do partido».

«Com esta iniciativa mostramos e demonstramos — lê-se na nota entregue aos jornalistas — que o PCP é um grande partido nacional, que continua e continuará empenhado na defesa dos interesses e do desenvolvimento do distrito, lutando, como sempre tem lutado, na defesa de regime democrático.»

FUNDO ARTIGO DE

Mário Castrim

Caro Jonas

O convite para visitar o teu acampamento dava-me realmente a possibilidade de uma reportagem valiosa. Teria ao mesmo tempo a possibilidade de visitar a África do Sul e assim contactar com uma realidade violenta e tão mal vista por esse mundo fora. Aliás, acredito que no meio de tudo isso há jogo de propaganda adversa. **Apartheid,** *na África do Sul? Segregação racial? Perseguição aos negros? Mas tu, caro Jonas, és a prova mais certa dessa mentira. Negro és tu e , no entanto, a África do Sul quer-te bem, ajuda-te, traz-te nas palminhas, manda-te armas, víveres, enfim, manda-te militares todos eles brancos, que, sem problemas raciais convivem com a tua gente. Deve ser interessante ver brilhar,numa seara de carapinhas, umas loiríssimas cabeleiras!*
Juntos atacam freiras e missionários. Juntos fazem ir armazéns pelos ares. Juntos fazem explodir autocarros cheios de mulheres e crianças negras.
Essa colaboração não é bem vista em quase todo o mundo, mas felizmente que a Casa Branca traz a excepção honrosa. Para veres como gostam de ti na dita casa, basta dizer que Ronald Reagan me enviou um telex dizendo que gostaria de me ver na Jamba, ao pé doutros jornalistas e parlamentares. Só não lhe faço a vontade porque teria de ir, pela credencial, à África do Sul, em momento tão solene como é este. Receio que, dadas as semelhanças físicas existentes entre mim e o Bartolomeu Dias, pudessem os sul-africanos pensar que se tratava de uma nova tentativa de desembarque, quiçá de invasão.

Só por isso. Quanto ao mais seria para mim certamente muito frutuoso conhecer pessoalmente alguém que a opinião autorizada de Reagan considera um «combatente da liberdade», tal como ele e outros americanos.

Não faltarão ocasiões. Até breve.

M. C

P.S Segue pelo correio uma carta que não tiveste tempo de receber. As autoridades portugueses acham que a carta te pertence, pois traz o seguinte endereço: JONAS SAVIMBI, Rua António Maria Cardoso, Lisboa. Está datada de 1973. Lê, lê. Quanto mais não seja, para matares saudades.

Alunos dos ISCA's

CONCENTRAÇÃO NACIONAL ESTA TARDE JUNTO AO ME

Os alunos dos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração de Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro, concentram-se hoje, ao princípio da tarde, junto das instalações do Ministério da Educação, na Avenida 5 de Outubro.

Objectivo desta medida é uma vez mais manifestar ao ministro da Educação e à opinião pública o seu repúdio pela anunciada intenção do ME de integrar aquelas escolas no ensino superior politécnico.

A recusa das escolas começa pela indefinição quanto ao ensino superior politécnico patente no texto da Lei de Bases do Sistema Educativo.

«Integrarem-nos de qualquer maneira naquilo que não se sabe bem o que é?» perguntavam ontem alunos e professores em conferência de Imprensa, realizada nas degradas instalações do Instituto Superiore de Contabilidade e Administração.

(Note-se a propósito que durante as duas horas e tal que durou a reunião com os órgãos de Comunicação no ginásio do ISCAL, um pingo de água caiu do tecto, regular e sistematicamente, junto à fila de cadeiras reservada aos jornalistas).

Tal como ontem foi frisado na conferência de Imprensa, especialemente pelos representantes das associações de estudantes dos ISCA's de Lisboa, Porto e Coimbra — Aveiro não se fez representar por se encontrar em período de provas de frequência — nem o ministro Roberto Carneiro que na sexta-feira passada se deslocou ao ISCAL, substituindo assim uma audiência marcada para o Ministério da Educação, esclareceu essa indefinição.

Profundamente insatisfeitos com o resultado daquilo a que chamaram de pseudo-audiência, apesar de ter durado duas horas, os dirigentes associativos consideraram-se mais confusos depois desse encontro.

«A única coisa de concreto que sabemos é que se mantêm os nomes dos institutos», comentaram.

Ainda que haja em geral a ideia de que Portugal é um País de doutores, os representantes dos estudantes salientaram que não é a anulação da licenciatura em si que os preocupa, mas a despromoção profissional que isso representa e as incógnitas que lança sobre o seu futuro, quer a nível nacional quer internacional.

Como bacharéis ficarão impedidos de concorrer ao ensino e, embora teoricamente se possam licenciar, fazendo mais dois anos de curso especializado, terão de passar pelas restrições de um segundo «numerus clausus» (para ingressarem nos cursos de especialização), que inevitavelmente deixarão de fora da carreira docente muitos candidatos provenientes dos ISCA's.

Além disso, com a entrada em vigor, a 1 de Janeiro de 93, do Acto Único Europeu, se apenas forem habilitados com o grau de bacharel conferido pelo ensino politécnico, os diplomados pelos ISCA's não poderão competir com os seus colegas da Comunidade Europeia, que têm em regra, formação universitária.

Defendendo a qualidade do ensino ministrado nestes institutos com largas tradições (foi aluno do ISCAL, entre outros, o actual Primeiro-Ministro) e forte componente profissionalizante, tanto alunos como professores (estiveram na mesa da conferência dois professores do ISCAP e um do ISCAL), repudiaram a integração no politécnico e sugeriram alguns que preferiam ficar como escolas superiores independentes a serem despromovidos para um «ensino de segunda».

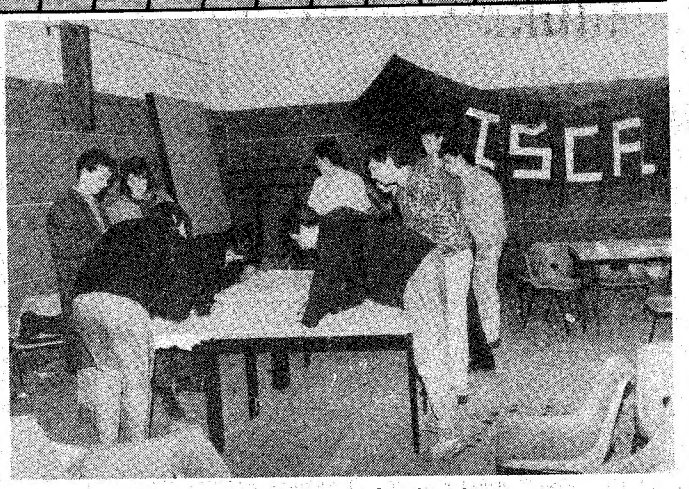
A questão surge como o prolongamento do que passou na comissão parlamentar da Educação no debate da Lei de Bases do Sistema Educativo: enquanto umas forças políticas defendiam a existência de um ensino superior universitário único, outras defendiam a divisão entre ensino universitário e politécnico. Foi consagrada na lei a segunda opção, o que não impediu de esta ter sido uma das duas questões da lei de mais difícil consenso.

Na conferência de Imprensa foram adiantadas algumas razões para a imposição do ME: o favorecimento do ensino universitário privado («Há universidades privadas que estão a pensar criar licenciaturas em Contabilidade») e o facto de o ME pretender que os institutos superiores de Contabilidde e Administração e de Engenharia sejam «os motores do ensino politécnico».

Uma questão foi posta pelos dois professores do ISCA do Porto, presentes ontem na conferência, prendendo-se com a profunda disparidade de condições de trabalho existentes no corpo docente destes institutos. O Decreto-Lei 443 de Outubro de 85 determinou que os professores dos institutos receberiam pela tabela da carreira docente do ensino politécnico, continuando os que já estavam no sistsema a receber pela tabela do ensino universitário, o que se traduziu pela redução de cerca de 50 por cento do vencimento dos primeiros em relação aos segundos.

As escolas enviaram telegramas de protesto e a pedir audiências a várias entidades, nomeadamente o PR, o Primeiro-Ministro e grupos parlamentares.

A Associação Portuguesa de Contabilitas manifestou também o seu repúdio pela eventual integração das escolas no politécnico.



Alunos em luta: primeiro na escola, depois na rua

CARRIS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

SERVIÇO ALTERNATIVO DE TRANSPORTES, POR MOTIVO DE PARALISAÇÕES DA REDE DA CARRIS, EM PERÍODOS DIÁRIOS DE 4 HORAS, NO DECURSO DA SEMANA DE 1 A 5 DE FEVEREIRO

Como é do conhecimento público, estão anunciadas para a semana de 1 a 5 de Fevereiro novas paralisações do serviço da CARRIS, por períodos diários de 4 horas — diversificados ao longo da semana —, que afectarão fortemente o sistema de transportes explorado pela empresa.

No sentido de minimizar os efeitos resultantes das referidas paralisações, e tendo em conta os custos sociais da sua persistência, a Carris manterá o serviço alternativo que tem vindo a prestar ultimamente.

LINHAS ALTERNATIVAS PRESVISTAS

A – Moscavide-Praça do Comércio
B – Moscavide-Areeiro
C – Calçada de Carriche-Entrecampos
D – Pontinha-Sete Rios
E – Portas de Benfica-Sete Rios
F – Algés-Praça do Comércio
G – Alcântara-Praça do Chile
H – Algés-Rot. Cabo Ruivo
I – Sete Rios-Entrecampos
J – Galinheiras-P. Alvalade
L – Calvário-Areeiro

HORÁRIOS

O serviço alternativo será assegurado nos seguintes períodos de paralisação de serviço:

1/2/88 (2.ª feira) ..... das 05.00H às 09.00H
2/2/88 (3.ª feira) ..... das 16.00H às 20.00H
3/2/88 (4.ª feira) ..... das 05.00H às 09.00H
4/2/88 (5.ª feira) ..... das 10.00H às 14.00H
5/2/88 (6.ª feira) ..... das 16.00H às 20.00H

Espera-se garantir um intervalo máximo de 10 minutos.

PARAGENS

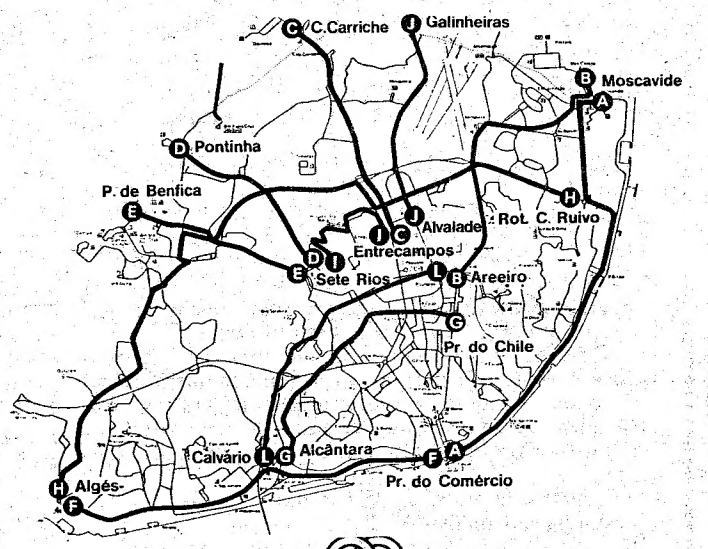
As paragens serão as habituais das carreiras da CARRIS nos mesmos percursos.

TÍTULOS DE TRANSPORTE

Serão aceites os títulos de transporte habituais da CARRIS (passes e bilhetes pré-comprados), mas não haverá venda de bilhetes nos veículos.

IDENTIFICAÇÃO DOS VEÍCULOS

Os veículos serão identificados por letreiros bem visíveis, com indicação de «AO SERVIÇO DA CARRIS» e da linha em que operam.



CARRIS
COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL

Auto-estrada do Norte chega a Leiria em 1991

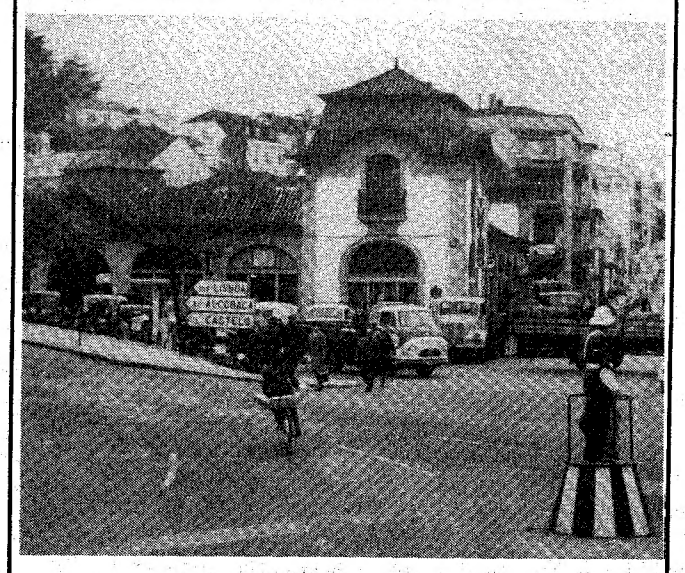
A Auto-Estrada do Norte deverá chegar à cidade de Leiria em 1991, segundo foi ontem anunciado pelo presidente da edilidade local, Lemos Proença, na sequência de um encontro com o secretário de Estado das Vias de Comunicação, Falcão e Cunha, o qual informou que o troço Torres Novas-Leiria da Auto-Estrada Lisboa-Porto vai entrar em funcionamento nessa data, dado que a sua construção foi antecipada um ano.

Durante o encontro, e de acordo com Lemos Proença, aquele membro do Governo abordou ainda problemas relacionados com as variantes de Barosa, na estrada da Marinha Grande, e da Gândara, na estrada da Figueira da Foz, ambas consideradas da máxima importância para o desenvolvimento do distrito de Leiria, face ao seu actual ritmo de crescimento.

Falcão e Cunha revelou que o início da construção da estrada da Gandara está previsto para o ano em curso e quanto à variante da Barosa a sua construção será lançada também ao longo de 1988.

Ao que nos informou o tenente Rosa, oficial de dia na Brigada de Trânsito da GNR, a ponte da Marateca, entre Setúbal e Alcácer do Sal, vai estar em obras durante três dias, devendo os automobilistas que se dirigem de Norte para o Sul fazer um desvio para uma estrada provisória localizada a 50 metros da ponte, enquanto que os que transitam do Sul para o Norte podem utilizar a ponte, mas a velocidade reduzida.

O tenente Rosa referiu que, nas últimas 24 horas, ocorreram 92 acidentes nas estradas sob controlo da Brigada de Trânsito da GNR, de que resultaram dois mortos e 33 feridos, 14 dos quais em estado grave. A mesma fonte salientou que o trânsito era esta manhã intenso, processando-se com alguma dificuldade, devido ao piso escorregadio.



«Milagre» na curva de Mónaco

A Brigada de Trânsito da PSP, de acordo com dados fornecidos ao «DL» pelo graduado de serviço, chefe Pais, registou nas últimas 24 horas 108 acidentes, causadores de 34 feridos, encontrando-se sete deles em estado grave.

Em Lisboa, onde a greve na Carris se iniciou pelas 10 horas, o trânsito processava-se com dificuldade, especialmente no Campo Pequeno, e ainda nas estradas oriundas de Sintra, Loures e Odivelas. Cerca das 8 horas um autocarro da Carris chocou com um automóvel, na Avenida Gago Coutinho, não se tendo registado vítimas. Na curva de Mónaco, na estrada Marginal que se dirige para Cascais, um automóvel caiu ao rio Tejo. Eram 20 e 40 e o condutor saiu «milagrosamente» ileso, pois a maré estava baixa na altura do acidente.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

DL NACIONAL

Câmara de Portimão ganha a primeira "batalha"

ANTENAS PARABÓLICAS PODERÃO VOLTAR ÀS AUTARQUIAS EM BREVE

O despacho do tribunal Judicial de Portimão que impede os CTT de retirar as antenas parabólicas instaladas pela Câmara Municipal daquela cidade algarvia foi bem acolhido por várias autarquias que dispõem do mesmo serviço e receiam a intervenção dos serviços eléctricos portugueses a coberto da Lei 65/79.

Recorda-se que em 4 de Novembro do ano findo os CTT de Moita do Ribatejo, Fafe, Santo Tirso, Póvoa de Varzim e Paranhos, freguesia do Porto, levaram as antenas parabólicas instaladas por aquelas autarquias, protegidos pelas autoridades.

O município de Portimão solicitara uma providência cautelar não especificada no sentido de impedir a retirada, pelos CTT, da antena parabólica colocada na Estação Elevatória de Chão-das-Donas vendo agora despachada favoravelmente a sua pretensão. No documento apresentado ao Tribunal de Portimão, a autarquia argumentava ser inconstitucional a retirada das antenas parabólicas para serviço da comunidade, pois dessa forma ficavam em situação desvantajosa os munícipes sem possibilidades de as adquirir.

A decisão do juiz de primeira instância, em vários meios algarvios (onde há mais Câmaras Municipais com antenas parabólicas) considerada «oportuna e corajosa», poderá, eventualmente, vir a reflectir-se nas decisões sobre a mesma matéria pendentes nos tribunais de várias zonas do País, entre elas, Fafe, Santo Tirso, Moita do Ribatejo, Paranhos (Porto) e Póvoa de Varzim.

«É um avanço em relação às autarquias, a decisão tomada pelo juiz de primeira instância do tribunal da comarca de Portimão», disse esta manhã ao «DL» o advogado fafense Laurentino Dias, que integra o Secretariado das Antenas Parabólicas eleito recentemente numa reunião efectuada na freguesia de Paranhos, Porto, depois da intervenção dos CTT e das autoridades. Segundo ele, trata-se, contudo, de uma decisão de um tribunal cível, e não de um tribunal criminal, em cujo foro repousam as cinco apreensões de antenas parabólicas feitas em 4 de Novembro de 1987, sem que ninguém o esperasse.

As autarquias são acusadas de infracção à Lei n.º 65/79, Lei da Radiotelevisão, ao abrigo do Art.º 30.º, o que a seu ver não tem qualquer fundamento, porque nenhuma das autarquias produz ou emite televisão. Trata-se, com efeito, de antenas parabólicas que todos sabemos que transmitem programas, não havendo fundamento para que sobre os seus responsáveis impenda um processo-crime de pena maior, entre dois e oito anos. A Lei 65/79 proíbe a actividade radiotelevisiva que as antenas parabólicas não fazem, ao contrário, isso sim, das «televisões piratas».

Laurentino Dias confia em que a situação se esclareça a curto prazo, lamentando, entretanto, que a actual fase dos processos decorre de forma morosa, além de não terem, naturalmente, o mesmo tratamento. Por essa e outras razões, a CM de Fafe apresentou uma providência cautelar no sentido da restituição do material que lhe foi apreendido em 4 de Novembro, o qual foi diferido mas está ainda por concretizar.

O Secretariado das Câmaras Municipais para as Antenas Parabólicas solicitou recentemente uma entrevista com o secretário de Estado adjunto para a Comunicação Social, devendo ser recebido por Albino Soares dentro de dias.

«A retirada das antenas parabólicas e apreensão do material constitui uma precipitação por parte dos CTT», comentou Laurentino Dias ao «DL».

Dois jovens afogados quando pescavam no rio Minho

Em virtude da forte ventania que agitava as águas do rio Minho, um pequeno barco virou-se quando, ontem à tarde, andava à pesca da lampreia, em Seixas, no concelho de Caminha, tendo morrido afogado os seus doisd jovens ocupantes.

Um dos náufragos, João Ovídio Leitão Lages, de 17 anos, solteiro, ainda foi recolhido com vida pelo pai que pescava próximo do local do acidente, mas acabou por sucumbir pouco depois. Quanto a Mário José Fernandes, de 26 anos, casado, afundou-se no rio, não tendo o seu corpo sido encontrado até ao momento apesar dos esforços dos bombeiros de Caminha e Viana do Castelo.

Suspeita de homicídio em jovem carbonizado

O corpo semicarbonizado de um jovem foi ontem pelas duas horas da tarde encontrado num local ermo da serra do Lavrador, nas proximidades de Loures.

Identificado como Sidónio dos Santos Costa, de 24 anos, pedreiro e residente na região, havia desaparecido no dia 20 de Janeiro último de casa dos familiares.

O facto de apresentar as pernas amarradas com uma corrente e outros indícios levaram a Polícia Judiciária a considerar tratar-se de homcídio pelo que as investigações foram entregue à respectiva secção especializada que averigua as causas da morte bem como tenta identificar o ou os autores, estando já a seguir algumas pistas que poderão levar ao total esclarecimento do caso.

Desmoronamentos ameaçam 46 famílias nos Açores

Devido à iminência de novos desabamentos de terras na área, o presidente do Serviço Nacional de Protecção Civil dos Açores admitiu ontem a necessidade de evacuação de cerca de cem pessoas que residem na Ponta da Faja, na ilha das Flores.

De referir que um desmoronamento ocorrido em meados de Dezembro de 1987 provocou elevados estragos em Ponta da Faja, levando a que a zona fosse considerada de «grande risco geológico».

Face à situação existente, o presidente do Serviço Regional de Protecção Civil, Martins de Freitas, acaba de anunciar o realojamento de seis das famílias desalojadas devido à derrocada de Dezembro passado e admitiu a apresentação de uma proposta ao Governo açoriano para a evacuação e realojamento de outras 40 famílias.

Por seu turno, o presidente da Câmara Municipal das Lajes, a que pertence a zona afectada, disse que estão em curso trabalhos para realojamento e inventariação de estragos.

Praticavam assaltos em Bragança dizendo-se militantes das "FP-25"

A PSP deteve dois indivíduos acusados de terem assaltado e ameaçado de morte várias pessoas em Bragança, intitulando-se militantes das «FP-25», empenhados em angariar fundos para a organização.

Pedro Silva e Miguel Afonso, que confessaram ter roubado pelo menos a duas pessoas 126 500 escudos e 16 500 escudos, tinham em seu poder uma pistola de calibre 6.35, uma espingarda de canos sobrepostos, de calibre 12, marca «Sarriugarte», com cartuchos e zagalotes, uma faca de corte duplo com uma lâmina de 64 cm de comprimento, dois punhais, uma navalha de ponta-e-mola, e ainda uma pistola e um revólver de alarme.

Segundo a PSP, os dois assaltantes eram normalmente acompanhados por um outro indivíduo, António Maltez, cuja captura não foi por enquanto efectuada.

Delegação de Siegburg vai à Guarda

Uma delegação da cidade alemã federal de Siegburg desloca-se em Maio à Guarda no âmbito de um acordo de geminação estabalecido entre os dois municípios, disse o presidente da câmara, Abílio Curto.

Está previsto para 21 e 22 de Maio a realização de um concerto pela escola de música de Siegburg, datas em que os membros da delegação alemã visitarão a cidade.

A Guarda tem ainda acordos de geminação com Safed, em Israel, Waterbury, nos Estados Unidos, e Bejar, em Espanha.

Ocorreu na véspera do Natal e foi apresentado como um vulgar "foco de incêndio"

MINISTÉRIO DA SAÚDE PROCUROU OCULTAR INCÊNDIO NO HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA

A «lei da rolha» está a amordaçar os trabalhadores da saúde e a fazer calar tudo o que possa causar incómodo à senhora ministra. Só que às vezes há quem fale, ainda que seja umas semanas depois, e a estratégia do silêncio acaba por virar o feitiço contra a feiticeira.

O Ministério da Saúde fez «um esforço desesperado» para ocultar até hoje a gravidade de um incêndio ocorrido no Hospital de D. Estefânia, na véspera de Natal, e que foi resumido a um «foco de incêndio» na meia dúzia de linhas que um ou dois jornais lhe dedicaram na altura, apurou o «DL» junto de fontes hospitalares.

Para bloquear a informação e para limitar ao máximo as repercussões do incidente, alguns médicos e outros trabalhadores presentes chegaram a ser ameaçados com sanções diciplinares, caso falassem, sendo a ocorrência reduzida a uma versão oficial que lhe retirou toda a importância e impacto público.

De acordo com as nossas fontes, o incêndio não causou efectivamente quaisquer danos pessoais, mas «isso deveu–se unicamente ao facto de ser véspera de Natal e por isso haver muito poucas crianças nas três enfermarias afectadas».

A versão do director do hospital

No entanto, e segundo o próprio director do hospital, dr. António Roque, nos afirmou, o incêndio foi suficientemente grave para provocar o encerramento do serviço de urgências e para originar a evacuação das «vinte e tal» crianças que se encontravam naquela zona do estabelecimento. Insistindo em que o incêndio «não teve consequências de maior», o director do hospital reconheceu que se gerou um «pânico justificado» e que o hospital ficou sem Raios X e laboratórios durante algumas hora, tornando–se necessário desviar para Santa Maria e São Francisco Xavier os doentes destinados ao seu serviço de urgências.

António Roque acrescentou que o incêndio teve provavelmente a sua origem num curto–circuito, verificado perto das 18H00 de 24 de Dezembro, e que dele resultou um corte no abastecimento de energia eléctrica ao hospital até às 23H00. Durante esse período esteve em serviço a central de emergência, mas a sua potência permite assegurar apenas a iluminação mínima dos edifícios.

Em consequência da combustão dos materiais armazenados na cave (espátulas de madeira em invólcuros de plástico, segundo a versão oficial e «lixo de toda a ordem», segundo outras versões) desenvolveu–se uma cortina de fumo que se estendeu rapidamente às três enfermarias do piso superior e foi responsável pelo pânico gerado. O fogo foi dominado pelo Batalhão de Sapadores e as crianças foram evacuadas pelo pessoal e pelos bombeiros.

«Acusação é totalmente falsa» — diz o Ministério

Ontem ao fim da tarde, uma informadora do Gabinete da Ministra da Saúde disse–nos que a titular da pasta se deslocou nessa noite ao hospital e se inteirou do sucedido no local. A mesma fonte disse ser «totalmente falso» que tivesse sido dada qualquer indicação no sentido de minimizar as repercussões do incidente, «até porque ele foi noticiadissimo».

Sem conseguirmos chegar à fala directa com a Ministra, ficámos no entanto a perceber que no gabinete se confundia o incidente da Estefânia com outro verificado cinco dias depois no Hospital dos Capuchos: «O que aconteceu foi que rebentou uma caldeira e provocou um incêndio», disse a referida informadora. Enfim, como semanas antes tinha havido um outro fogo na Maternidade Alfredo da Costa e mais ou menos na mesma altura caíu parte de um tecto no pavilhão de oftalmologia dos Capuchos, é natural que reine algumas confusão no Ministério da Saúde...

Na sua passagem pela Estefânia na noite de Natal, Leonor Beleza foi ao local de onde partiu o incêndio e pode verificar, de acordo com as nossas fontes, «o estado de degradação em que se encontrava e o perigo que continua a representar uma cave onde se amontua tudo e mais alguma coisa, mesmo por debaixo das enfermarias». Neste momento, acrescentam, «ainda não foram feitas quaisquer obras e essa cave mantém–se como um risco potencial para a segurança do hospital».

Leonor Beleza não terá no entanto considerado o incidente como muito grave e em resposta a uma empregada mais aflita afirmou mesmo: «Isso é só fumo».

«Procurámos evitar o alarme»

Inquirido directamente pelo «DL» acerca das acusações de que teria sido exigido o silêncio de todo o pessoal em relação ao ocorrido, António Roque disse–nos que «apenas se procurou evitar o alarme» e que «o comportamento do pessoal foi impecável». Em sua opinião, e apesar das circunstâncias, «o que aconteceu acabou por ser um bom treino para o pessoal, que soube reagir sem sobresaltos».

Trabalhadores que estiveram na Estefânia na noite de Natal garantiram–nos todavia que lhes foi recordada a obrigatoriedade de não fazerem declarações à Imprensa e que lhes foram feitas ameaças directas de procedimento disciplinar, em caso de infringirem essa norma.

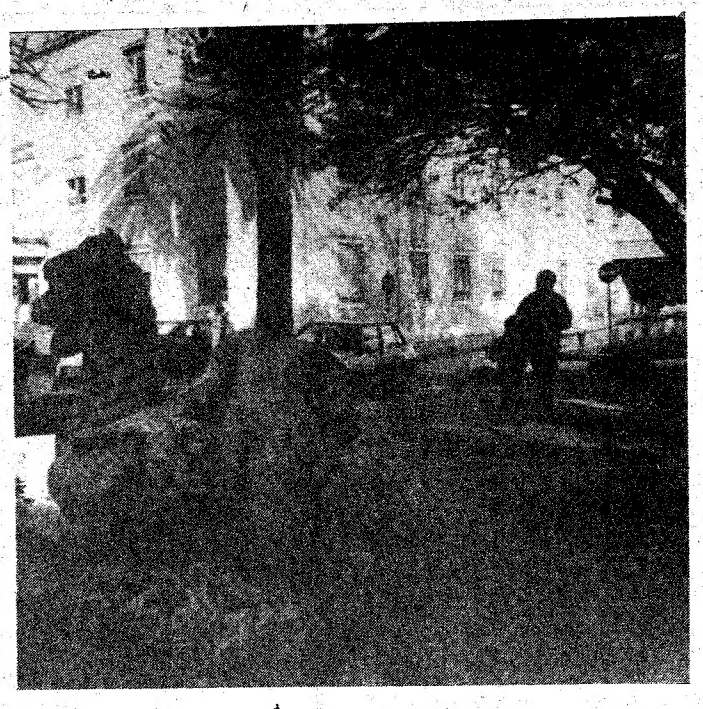
Entretanto, dirigentes do Sindicato dos Médicos garantiram–nos esta manhã que o que se passou na Estefânia é bem uma demonstração da dependência em que a nova lei da gestão hospitalar coloca as direcções dos hospitais, que passam a ser de nomeação governamental. «O que está a acontecer desde há algumas semanas é que há pessoas que sabem que a sua manutenção no cargo depende da colaboração activa que derem ao encobrimento de tudo o que funciona mal no âmbito da saúde», comentou o dr. Mário Jorge, do Sindicato dos Médicos da Zona Sul.

Sustentando que «a ameaça sistemática passou a ser método de trabalho» no Ministério da Saúde, aquele dirigente sindical não excluíu a hipótese, sem possuir elementos que permitam assegurá–lo, de que a direcção do Hospital de D. Estefânia tenha sido ela própria alvo de pressões para tentar abafar o incidente.

«Insegurança é razão para alarme»

Por seu turno, o presidente aquele sindicato, dr. Carlos Silva Santos, disse–nos que «a sucessão de incidentes ocorridos ultimamente em diversos hospitais mostra a má segurança em que eles funcionam e constitui efectivamente uma razão para alarme». «Imagine–se apenas que aquilo que aconteceu na Estefânia ocorria no Hospital de Santa Maria», observou aquele médico.

Outra interpretação dada em meios hospitalares ao silêncio que caíu sobre o incêndio da Estefânia aponta para uma certa chantagem por parte dos responsáveis da saúde. Segundo se afirma nesses meios, a técnica usada terá sido a de sensibilizar a direcção do hospital para o risco que corria de ver retardadas as obras de recuperação das zonas atingidas pelo fogo, caso o assunto tivesse grande repercussão pública. O argumento teria sido usado por um dos secretários de Estado do Ministério da Saúde que ficou agastado com o impacto casuado pelo recente incêndio da Maternidade Alfredo da Costa. É que dessa vez o Ministério viu–se obrigado a proceder imediatamente às obras necessárias e à substituição de todo o material danificado...



Hospital de D. Estefânia: incêndio e silêncio

O NACIONAL

Beleza troca hospitais por promoção imobiliária

A ministra da Saúde foi ontem acusada em Lisboa de administrar uma empresa imobiliária em vez de dirigir um Ministério. Dirigentes da Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos afirmaram ser «impróprio designar o Ministério da João Crisóstomo por Ministério da Saúde, já que se trata de uma grande empresa imobiliária, de material informático e equipamento hospitalar, de grandes negócios com a doença».

O vice-presidente do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, Mário Jorge, adiantou alguns exemplos, justificando a sua acusação: a instalação e funcionamento do Hospital S. Francisco Xavier, a futura alienação (ou pelo menos anunciada) do Júlio de Matos e os eventuais encerramentos dos Hospitais Curry Cabral, Magalhães Lemos e Miguel Bombarda. O Centro de Recuperação Mental de Montachique, no concelho de Loures, e o Hospital do Lorvão, em Coimbra, correm o risco de serem desactivados ou entregues a instituições privadas de solidariedade social (IPSS), caso do Centro de Montachique.

Mário Jorge defende que tal política «contraria radicalmente os argumentos apresentados por Lenor Beleza, da vantagem de transferir para unidades mais pequenas da periferia as unidades de saúde» e, numa declaração, esta manhã feita ao «DL», foi mais longe: «Leonor Beleza está já a destruir a prestação dos cuidados de saúde a que a população tem direito.»

Na sua óptica, portanto, já nem é do Serviço Nacional de Saúde (SNS) que se trata, porque esse também já foi — em sua opinião — destruído pela ministra da Saúde: é da própria prestação dos cuidados de saúde. Mas Luz Silva, médico do Hospital Júlio de Matos, tem uma ideia própria sobre a forma como Beleza dirige o MS: está a levar à prática uma «política autofágica».

Aquele conhecido psiquiatra lisboeta sustenta que o Hospital Júlio de Matos é insubstituível, opinando que «seria um crime contra a saúde pública a sua destruição».

Luz e Silva lembrou que já o Governo de Marcelo Caetano encarou a hipótese de encerrar o Júlio de Matos. Pediu então o parecer de um grupo de destacados psiquiatras, entre os quais Barahona Fernandes, Pedro Polónio e o já falecido João Santos.

O parecer — que foi entregue 15 dias antes do 25 de Abril — recomendava que, em vez da substituição do hospital, se procedesse, «com a maior urgência» às obras de recuperação do Hospital.

«A substituição do local do Júlio de Matos por locais distantes na periferia — afirmavam aqueles médicos — seria um contágio inaceitável ao campo da saúde, do delito de especulação de terrenos que o nosso Governo tão sabiamente tem feito por combater em toda a Nação.»

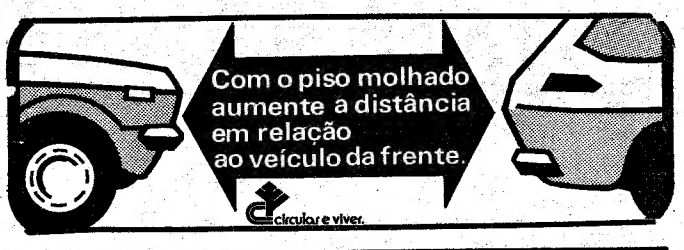
Para além de verberar a ideia (para já, só a ideia) de tentar destruir uma das raras zonas verdes da cidade, Luz e Silva, acrescentou que dois por cento da população portuguesa sofre de psicose e que, os internamentos desta doença não podem ser feito em centros de saúde, e lembrou ainda os 500 doentes crónicos que estão internados no Júlio de Matos, cuja transferência para um lar seria «uma fantasia».

Segundo este médico, «os hospitais psiquiátricos não podem ser substituídos por enfermarias próprias nos hospitais distritais, pois os que têm sido construídos não dispõem deste serviço». De qualquer forma — acrescentou — seriam sempre necessários grandes centros para a investigação e formação de técnicos.

«Só na Itália e nos Estados Unidos se pensou em destruir os hospitais psiquiátricos e já está a voltar-se atrás» — disse ainda Luz e Silva.

No Hospital Júlio de Matos foram dadas 31 727 consultas em 1986, e atendidas 2872 urgências, números que dizem bem da indispensabilidade do estabelecimento que dispõe de espaço, ainda segundo Luz e Silva, para criar novas valências, designadamente um bom serviço de neurocirurgia.

A questão da gestão hospitalar foi uma vez mais abordada na conferência de Imprensa da Coordenadora Nacional dos Médicos, bem como o problema das alterações às carreiras médicas, para as quais há um documento elaborado por um grupo de médicos do Porto encabeçado pelo ex-secretário de Estado, Paulo Mendo, que poderá vir a ser adoptado por Leonor Beleza.



A procura da imagem de marca

ALGARVE JÁ PÔS EM MARCHA CAMPANHA PELA QUALIDADE

«Um esforço permanente na valorização qualitativa da oferta turística do Algarve e a defesa intransigente dos seus valores tradicionais» constituem duas das várias linhas de força da campanha «Algarve e qualidade» que o presidente daquela Região de Turismo ontem apresentou no Hotel Ritz, em Lisboa, à Comunicação Social, na presença de um representante do secretrário de Estado do Turismo, dos presidentes da AHP, APAVT e de algumas Regiões de Turismo, entre elas a da Costa Azul. Igualmente presente o vereador de turismo da CML, Vítor Gonçalves.

O Algarve quer uma imagem de marca, a ourela no seu turismo, razão por que este ano arrancou com uma campanha que assenta na autenticidade e na genuinidade, segundo Horácio Cavaco. O presidente da RTA defende que o turismo algarvio (também) é tipicismo, cultura e património, e fez algumas revelações. Esta, por exemplo: as praias do Algarve são as mais limpas da Europa, sendo possível fazer a leitura das suas águas até 15 metros de profundidade.

A campanha «Algarve é qualidade» não tem temporalidade nem limite de tempo, envolve todos os sectores da vida da região, realça que o artesanato não tem idade, mas tem valor, e convida todos os que vivem e trabalham no turismo algarvio (ou para o seu engrandecimento) a concorrer a um troféu. «Bom serviço é qualidade», «Boa cozinha é qualidade», «Informar é qualidade», «Simpatia é qualidade», «Higiene é qualidade» são vários dos «slogans» e das preocupações da RTA que também recomenda, num livrinho ontem divulgado em Lisboa, «Como Fazer Turismo no Algarve».

Horácio Cavaco afirmou também que 1988 «é um ano turisticamente decisivo por muitas e variadas razões internas e externas» e que «Algarve é qualidade», mais do que um «slogan» publicitário é uma «campanha séria de grande fôlego e objectivos perfeitamente definidos, sem precedentes não só no nosso país como em destinos turísticos nossos concorrentes».

Uma imagem do turismo que a região algarvia pode oferecer, sem cair no erro de muitos outros centros turísticos europeus, perdidos entre o desordenamento e o cosmopolitismo. E furtando-se aos estigmas do turismo irradiado de Londres, por conta de operadores que não se preocupam com isso, com a qualidade.

Já chamaram ao Algarve muita coisa: bem recentemente, durante o V Congresso da região, compararam-no à Florida, dizendo mesmo que o Algarve poderia tornar-se numa «Florida da Europa». Mas o presidente da RTA baliza os objectivos: é preciso dar ao Algarve uma imagem de marca, transformando-o num destino de qualidade alternativa aos mercados concorrentes da bacia do Mediterrâneo. «Em termos de turismo, o Alvarge só pode ser qualidade sob pena de deixar de ser turismo», sublinhou Horácio Cavaco.

Resistir a pressões

Neste contexto, Horácio Cavaco referiu que «a oferta turística algarvia não pode continuar sob pressão constante da procura», tanto mais que «os nossos mercados concorrentes conseguem fazer ofertas de férias a preços inferiores a um terço dos praticados no Algarve».

Além disso, «após 25 anos de vivência turística, não é mais possível assistir ao crescimento do turismo, nem sempre disciplinado, sem uma chamada de atenção», disse.

«Quem de direito tem de ajudar o turismo e o Algarve» — afirmou o presidente da RTA, acrescentando que «o Algarve não pode continuar a ser apenas a carruagem de uma composição turística.

«Pela sua grandeza e pelos números que movimenta, o Algarve terá de ser a locomotiva» do turismo português — acentuou.

Nesse sentido, Horácio Cavaco defendeu o reforço de poderes para a RTA, uma vez que «à medida que as decisões dependerem da região se ganhará tempo na solução dos problemas que afectam o turismo algarvio».

«Para que o Algarve atinja com mais qualidade a meta da qualidade a que se propõe, o exercício do poder deve ser mais regional» — disse.

Horácio Cavaco acrescentou que a RTA «está empenhada em tentar saber até que ponto poderá requerer novas competências junto da Secretaria de Estado e da Direcção-Geral de Turismo».

«Normalmente são atribuídas ao turismo e às autarquias todas as culpas do que acontece em outras áreas, mas a actividade turística em si, pela sua sensibilidade e natureza da sua imagem, não pode suportar o peso de tais afirmações», concluiu.

Em termos gerais, a campanha «Algarve é qualidade» dirige-se a todos os intervenientes no fenómeno turístico, estendendo-se por «várias fases e durante vários anos».

Agarrar as pessoas com manuais e folhetos

Com objectivos a médio e longo prazo, a primeira fase da campanha irá abranger os sectores da indústria turística, os profissionais de turismo e hotelaria, os turistas de um modo geral e a população residente.

Em termos de acções concretas para a indústria turística, todas as unidades vão receber um manual intitulado «A Qualidade em Turismo» e diverso material informativo e de promoção.

Para os profissionais do sector será distribuído um manual sobre «Higiene na Hotelaria», contendo um conjunto de conselhos básicos sobre as técnicas a utilizar para uma higiene perfeita nas cozinhas, quartos, salas de restaurantes e sanitários.

A nível da população residente, para além da distribuição domiciliária de folhetos, pretende-se sensibilizar as pessoas para a preservação da arquitectura regional, a luta contra o ruído e «o valor do tipicismo como forma de viver bem algarvia».

Painéis informativos nas entradas das cidades, vilas e nas praias com indicações úteis é uma medida dirigida aos turistas nacionais e estrangeiros que poderão encontrar nos diversos postos de turismo da região um folheto indicador «Como fazer Turismo no Algarve».

A RTA tem ainda em vista lançar acções espaciais que deverão incluir concursos para «casas típicas do Algarve», «cidade limpa», «jardins do Algarve» e «praia e natureza» para além da organização de seminários.

DL NACIONAL

Gondomar

Governo volta a justificar dissolução PCP "deixa cair" presidente da Câmara

A Presidência do Conselho de Ministros eximiou-se ontem e hoje a dar explicações sobre a razão que levou à divulgação pública da decisão governamental de dissolver a Câmara de Gondomar antes de o decreto ter sido entregue na Presidência da República, como seria normal. Entretanto, o secretário de Estado da Presidencia do Conselho de Ministros divulgou uma nota em que diz que a divulgação pública constitui procedimento habitual para outras decisões do Governo . O PCP, pelo seu lado, anunciou que vai apresentar recurso em tribunal e "deixou cair" o presidente da Câmara.

Na nota do secretário de Estado Marques Mendes, o Governo sente-se na necessidade de esclarecer que a decisão de dissolver a Câmara não foi ditada por razões partidárias, recordando que «o mesmo procedimento havia sido já adoptado pelo anterior Governo ao proceder igualmente à dissolução da Câmara do Fundão, que era então de maioria do partido do Governo».

«Ao tomar a decisão que tomou — refere ainda a nota — o Governo não podia deixar de divulgar os seus fundamentos,como é sua obrigação e constitui procedimento habitual relativamente a muitas outras decisões governamentais».

A Comissão Concelhia de Gondomar do PCP justifica o anúncio da decisão dos vereadores eleitos pela ex-APU de levar a questão aos tribunais, afirmando que a decisão do Governo «não poderia nunca atingir os que não são responsáveis pela situação», recordando que os vereadores do PCP denunciaram multiplas vezes a falta de planos e orçamentos. Simultaneamente, afirma que a decisão do Governo não deveria pode exceder «a perda do mandato do responsável pelos atrasos verificados, no caso concreto o presidente da Câmara, tal como a lei prevê».

O PCP diz que, com este caso, fica demonstrado que o PSD utiliza o Governo para desestabilizar autarquias em que está em minoria e que o inquérito «não foi mais que material encomendado para servir de justificação ao ministro Valente de Oliveira para dissolver uma Câmara» que «poderosos interesses económicos ligados à habitação e ao negócio do gás pretendem controlar».

A concelhia de Gondomar do PCP considera que a constituição de uma comissão administrativa enforma uma «manobra antidemocrática» que aparece no facto de o Gopverno ter nomeado aquela comissão «sem atender ao peso das diversas forças políticas, de acordo com o único método democráticamente admissível, que é o do respeito pelos últimos resultados eleitorais».

«Através da designação de pretensos independentes — diz o PCP —, o Governo atribuiu ao PSD (que é minoria no concelho) a maioria absoluta na comissão administrativa», o que seria «uma manobra antidemocrática», «para tentar manipular e falsificar a livré expressão da vontade dos eleitores».

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Fronteira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/46, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira, uma linha aérea a 30 Kv, para o PT n.º 1154 Arrociada-Cabeço de Vide-Fronteira, com 391 metros e origem no apoio n.º 2 da linha para o PT n.º 1155 Arrociada-Cabeço de Vide-Fronteira.

Linha aérea a 30 Kv, para o PT n.º 1155 Arrociada-Cabeço de Vide-Fronteira, com 1434 metros e origem no apoio n.º 7 da linha para o PT do Lagar Cooperativo de Cabeço de Vide-Fronteira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS

Técnico superior principal

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Almeirim, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/14, arquivo 9-D, para o estabelecimento na freguesia de Benfica do Ribatejo, concelho de Almeirim, uma linha aérea a 30 Kv, com 674 metros, do apoio n.º 75 da linha entre a SE de Almeirim e a SE de Glória — Almeirim e Salvaterra de Magos, ao PT ALR 15 C — Adega Cooperativa de Benfica do Ribatejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS

Técnico superior principal

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Torres Vedras, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/4, arquivo 9-E, para o estabelecimento na freguesia de Dois Portos, no concelho de Torres Vedras, uma linha aérea a 30 Kv, n.º 3114/R-3 (2.º troço), com 1337 metros do PTS n.º 30 TVD ao PT n.º 259 TVD em Murteira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS

Técnico superior principal

Chegada da "Bartolomeu Dias" a Mossel Bay:

FESTA VIGIADA COM BRANCOS PINTADOS DE PRETO

O presidente da República da África do Sul, Pieter Botha, enalteceu ontem a comunidade portuguesa em Mossel Bay, à chegada da caravela «Bartolomeu Dias» àquela praia. Botha disse que os portugueses (que na ponta sul de África são conhecidos pela «simpática» homofonia «pork and chesse», que quer dizer «porco e queijo») têm contribuído para o desenvolvimento económico daquele país.

Entretanto, em Lisboa, o CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral) manifestou a sua preocupação «e mesmo indignação» pela forma como o quinto centenário da passagem de Bartolomeu Dias pelo Cabo da Boa Esperança está a ser comemorado na África do Sul, onde personalidades oficiais portuguesas compareceram à cerimónia de ontem, incluindo uma delegação parlamentar e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

«Respeitamos todos os povos que vivem em África qualquer que seja a sua cor, mas julgamos não dever ser consentida qualquer forma de reconhecimento e cumplicidade para com os representantes de um regime universalmente condenado», diz a mensagem do CIDAC, assinada por Luís Moita e divulgada como carta aberta, tendo como destinatários principais o Presidente da República e os deputados do Parlamento português.

Continuamos a citar: «O que se passa em Mossel Bay é uma mancha, susceptível de ensombrar o conjunto das celebrações do 5.º centenário dos Descobrimentos e comprometer dimensões relevantes de recolocação de Portugal no mundo.» No parecer daquela organização de solidariedade com os países da África negra, «não se pode festejar a abertura de novas vias para o contacto entre os povos, o encontro de civilizações ignoradas e o fundamento da visão universal dos tempos modernos com aqueles que são a negação desses valores, pois recusam a outros a dignidade física, agridem Estados vizinhos, desestabilizam toda a região e desafiam persistentemente os imperativos da convivência internacional.»

Portanto, Pieter Botha deu as boas vindas aos tripulantes (portugueses e sul-africanos) da «Bartolomeu Dias» e elogiou a comunidade portuguesa residente na África do Sul. E enquanto tal acontecia um grupo de brancos pintados de preto desempenharam o papel dos nativos que há 500 anos acolheram o navegador Bartolomeu Dias quando desembarcou em Mossel Bay. Seria razão para sorrisos não fosse a gravidade da situação: a verdade é que a população não branca da África do Sul boicotou, em peso, as comemorações.

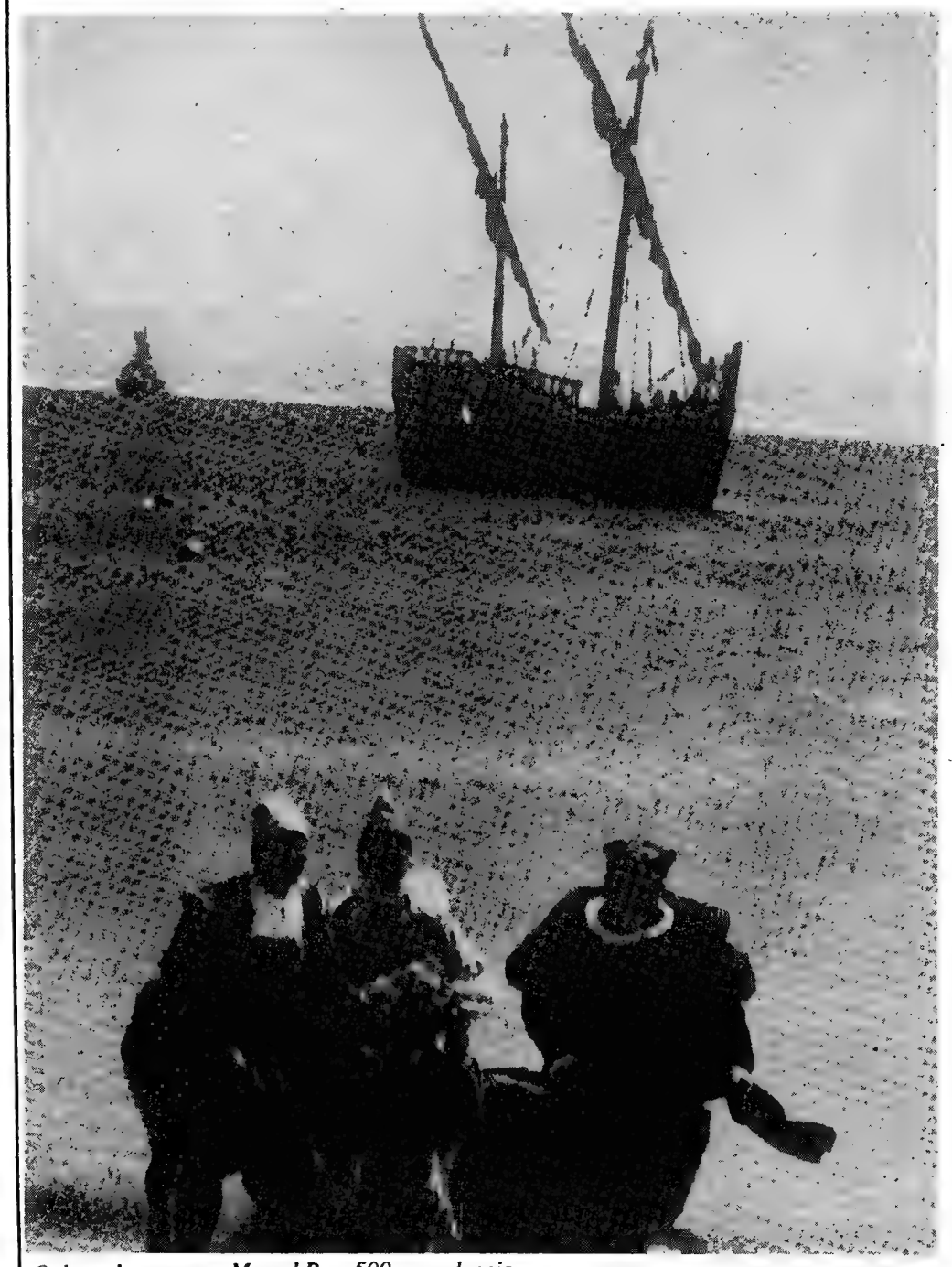
Tratava-se de uma reconstituição do acontecimento de há cinco séculos, com trajes da época, mas os negros e mestiços sul-africanos recusaram-se a desempenhar o papel de nativos por motivos que são óbvios para quem sabe o que se passa naquele país. Os sul-africanos brancos, esses sim, celebraram ontem a chegada dos europeus à África Austral com uma explosão de fervor patriótico e rácico. Negros e mestiços, que em Mossel Bay superam em número a população branca numa proporção de cinco para um, eram poucos entre as 10 000 pessoas que participaram nos festejos.

O Festival Dias 88, como se chamava, tornou-se numa questão nacional o mês passado quando o político mestiço (na África do Sul quem é mestiço é «preto», o que não admira quem ali verifica que os portugueses são brancos de segunda, gente para o trabalho duro) Peter Klink e os filhos foram expulsos de uma praia de Mossel Bay reservada aos brancos. Posteriormente, o Partido Trabalhista (mestiço), os professores e destacadas figuras mestiças apelaram para o boicote às comemorações, como protesto contra o sistema de «apartheid».

«Dias chegou aqui e implantou uma cruz em nome do amor» — comentou Edgar Domingo, reitor de um liceu mestiço local, referindo-se ao padrão colocado pelo navegador português. «Hoje as pessoas ignoram a cruz», lamentou. Domingo acrescentou que todos os seus 700 alunos compareceram ontem às aulas, sem fazer caso das comemorações.

Depois do acidente foi o folclore, com exibição de grupos corais sul-africanos e ranchos portugueses. Soaram os dois hinos, no cais sete mulheres de tripulantes que viajaram de Lisboa para Mossel Bay aguardavam os seus maridos com lágrimas nos olhos, depois de três meses de separação. E D. Teodoro de Faria, bispo do Funchal, celebrou missa para a comunidade portuguesa.

Mas não se pense que o ambiente foi especialmente festivo. A recepção estava altamente organizada, com fortes medidas de segurança tanto em terra como no mar, onde poucos foram os barcos de recreio que puderam ir saudar os navegantes, acolhidos por uma imposição das autoridades navais que surpreendeu alguns dos que visitaram a África do Sul pela primeira vez. E foi tudo, pois então.



O desembarque, em Mossel Bay, 500 anos depois

DL NACIONAL

Com o pós-moderno a dissolução da verdade

Que necessidade é esta de pôr prefixos a torto e a direito? Pós-moderno; pós-industrial, pós-bauhaus, pós-isto e aquilo, uma inflação de **pós** que, convenhamos, começa a ser saturante. Propôs Adriano Rodrigues, no colóquio da Gulbenkian, versando exactamente o «moderno, pós-moderno» que se reflectisse sobre a avalanche de prefixos que contamina o discurso. Ideia que me pareceu bastante aceitavel, até para contrariar a monotonia das comunicações, a maioria delas repetitivas e circulares.

As mesmas citações, as mesmas palavras, a mesma articulação de texto. Na verdade, a certa altura, por muito interessante que seja o tema, a coisa torna-se soporífera. Uns tantos indivíduos, provenientes da comunidade universitária, sentados atrás de uma mesa, com a garrafa de água e o respectivo copo à frente (para refrescarem as gargantas), a ler extensas comunicações, só confirmam que a prática da conferência continua arreigada no **social**, pré-moderno, moderno ou pós-moderno. Exige-se, de facto, do ouvinte comum, muita paciência e amor à «arte», para que aguente firme tanta leitura. Acho que já era tempo de se imaginar uma maneira mais aliciante de comunicar ou de coloquiar.

Manuel Maria Carrilho, director da revista «Crítica» expôs, com enorme clareza os parâmetros filosóficos do debate, aludindo à ressonância do pós-moderno nas áreas da cultura, sem que no entanto se chegue a nenhuma conclusão. Fez uma espécie de diagnóstico da situação, aliás com aproximações ao pensamento de **Vattimo**. Falou da **«dissolução da verdade»** do **«enfraquecimento do ser»**, da **«adopção do niilismo»**, e do **confrontamento com o caos»**. Agora que os imperativos categóricos de Kant faliram há que conviver e gerir esta espécie de desordem cósmica. **Vattimo** aponta-nos, apesar de tudo, um programa positivo que é o de assumir a condição pós-moderna, com todas as **dúvidas**.

Do meio da assistência: um senhor, fez uma observação muito confusa que pretendia atingir a inoportunidade de realização de um colóquio, em Portugal, sobre questões das quais, na sua óptica, estamos arredados. Porque ainda não há estradas capazes para uma deslocação rápida a Bragança — querendo dizer que nós aqui ainda permanecemos numa fase de grande recuo face ao desenvolvimento. Foi, sem dúvida, descabida a sua intervenção, pois não compete a Manuel Maria Carrilho que não é político nem se encarrega das obras públicas, alterar a situação.

Esta história das prioridades, de que devemos alhear-nos dos movimentos culturais da contemporaneidade, porque temos mais que fazer, também já me soa a um velho disco de tangos, riscado pelo uso. Mas, com alguma secura, Manuel Maria Carilho respondeu-lhe bem.

Dentro das teorias pós-modernas perfila-se, na lógica da dissolução, o retorno da retórica, cumprindo-se, assim, **«a vingança da sofística contra a filosofia»**. O que não é grave, segundo Manuel Maria Carrilho. Recuperam-se os sofistas. Os vencedores da história da filosofia, os que garantiram, peremptórios, que **«as grandes narrativas já não são mais possíveis»**, tendem a periclitar no seu papel, enquanto os vencidos emergem agora da indiferença para onde foram relegados. Tito Cardoso Cunha, ao traçar a imagem das correntes filosóficas em disputa, atribuía os louros da vitória a **Kant** e a **Descartes**. Quem perde sujeita-se ao desprezo e ao ridículo. Daí a carga pejorativa que acompanha os termos retórico e sofista. **«Mas a retórica dos sofistas não era só ornamento do discurso, era também uma teoria da argumentação. Eu pergunto se isso de retórica estará a ser recuperado pela pós-modernidade.»**

Joel Hasse Ferreira teceu algumas considerações sobre a crise dos grandes sistemas tecnológicos e organizativos que protagonizaram o crescimento industrial. «Rompe-se com os modelos tayloristas de organização do trabalho, experimentando-se, assim, uma ruptura global na área da gestão e seu contexto envolvente, com concepções racionalistas e funcionalistas, intimamente ligadas aos movimentos modernistas.» E a propósito cita Lyotard que, tal como o seu opositor **Habermas**, foi um dos pensadores mais convocados para o colóquio, da Avenida de Berna. Disse o papa do pós-modernidade: **«O saber muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades entram na era dita pós-industrial e as culturas na era dita pós-moderna.»**

Por outro lado, Rui Magalhães, da Universidade de Aveiro, que numa longuíssima comunicação andou à volta de **Michel Foucault**, reconheceu **«fragilidade e algum esquematismo»** no discurso de Lyotard. De acordo. Dissolveu-se a verdade, só nos resta o plausível, o provável. Contudo pressinto que o pós-moderno já contém sinais dogmáticos. Neste tráfico de vedetas do espectáculo cultural prefiro **Richard Dorty**. Porquê? Talvez por ser mais consensual.

Termina hoje o colóquio «Moderno, pós-Moderno», com a presença de um dos mais brilhantes intelectuais franceses, que é **Jean-Baudrillard** e com a ausência de **Vattimo que faltou, depois de ter confirmado a vinda a Lisboa, sem fornecer qualquer justificação a quem o convidara.**

Lourdes Féria

Uma exposição patente até Março no Museu do Traje

AS ILHAS E O MAR DOS MENINOS CABO VERDIANOS ATRAVÉS DOS SEUS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

Elsa Andrade

«As crianças caboverdianas demonstram uma criatividade excepcional a nível do desenho e modelagem, utilizando muito mais a cor e o movimento que as crianças portuguesas, mais viciadas e estereotipadas nos seus desenhos». A conclusão é de uma professora primária portuguesa, que nas suas turmas tem crianças da ambas as nacionalidades. Prova disso é a exposição de brinquedos caboverdianos patente no Museu do Traje, em Lisboa, onde se pode ver como com engenho e imaginação uma lata de azeite se transforma num «Cadillac», uma caixa de cartão numa câmara de vídeo, e a espinha de um peixe num veleiro

«'Dos pequenos nada que são tudo' se fizeram os brinquedos expostos, erguendo-se de brincadeiras espontâneas ou mais elaboradas, com regras feitas na hora ou com outras mais tradicionais. Assim se exprimem os elementos fundamentais da cultura material infantil de Cabo Verde», explica Madalena Braz Teixeira, directora do Museu do Traje, no catálogo da exposição.

Aqueles brinquedos têm a designação de «tanaké», do ponto de vista de classificação específica, pois trata-se de objectos lúdicos manufacturados com desperdícios da sociedade de consumo. Mas são mais do que uma designação: representam um modo de arte, na sua expressão mais ingénua, por serem construídos por crianças sem qualquer outro objectivo que não seja brincar, inventando o que não há.

«São brinquedos de meninos pobres», como define Carlos Barroco, um dos autores da exposição.

Nestes brinquedos «a poesia também está presente por se tratar de uma fabricação infantil e ainda pelo encanto paradigmático destas ilhas atlânticas. Daqui se partiu sempre, pois a chuva tarda e as horas são muitas. Carregada de nostalgia e de uma forte componente afectiva, a presença caboverdiana chegou a Lisboa nos anos 60, com um enorme sonho de realização e progresso, alastrando para outras regiões da Europa», escreve a directora do Museu do Traje, para acrescentar:

«Ficaram crianças. Vão ficando crianças, o mar, a praia, a aridez da terra e o tempo de estudar. Engenhando se vão preparando para crescer. Do que não há recolhem fragmentos, restos de materiais moldáveis a que emprestam formas e dinamismo para a fabricação dos seus brinquedos».

Latas da ajuda internacional

«Brincadêra ê na rua» ouvem as crianças caboverdianas às mães, como uma palavra de ordem. E para a rua partem, à procura da lata do leite em pó da ajuda internacional para construir um barco, de sobras de arame para os volantes dos carrinhos, ou garrafas, rolhas e latas de sardinha para montar a «loja» e construir o fogão e as panelinhas onde as raparigas, mais tarde, à porta de casa cozinham os pequenos peixes que os irmãos pescaram no mar.

A brincadeira começa com a procura do material, prossegue com a sua fabricação e estende-se pelas situações que criam, na aproximação possível à vida dos adultos.

«A procura do material e a construção dos brinquedos faz parte da brincadeira. Depois do brinquedo construído, brincadeira desfeita, muitas vezes deitam-nos fora, porque no dia seguinte fazem outros, se lhes apetecer», explica Carlos Barroco.

«Hoje vamos brincar de loja, casa, pai e mãe». É como se ouvíssemos a frase na boca das crianças, ao observar-se os brinquedos expostos.

As bonecas de trapo, de cabelos crepos feitos de lã pelas meninas são já uma parte da brincadeira e retratam a sua própria vida: o pai e a mãe levam o filho pela mão, e a mãe já está grávida. As bonecas aparecem como representações da sua vivência: o padre, o casal de noivos, as saias e blusas das bonecas idênticas às das suas próprias mães.

As festas de rua, com música e dança estão presentes nas duas bonecas agarradas, nos cavaquinhos construídos com pedaços de madeira, ou nos tambores coloridos.

A faina pesqueira a que os pais se dedicam prolonga-se nas brincadeiras dos rapazes, nos botes lançados ao mar, nas canas de pesca, nos veleiros fabricados com todos os pormenores, onde nem os salva-vidas foram esquecidos.

Preço de menino

A recolha dos brinquedos começou muito antes do projecto de realização da presente exposição.

Três «malucos por brincar», como afirmam, começaram a juntar brinquedos: Leão Lopes, um artista caboverdiano que viveu longos anos em Portugal até resolver regressar às origens, fundando o «Atelier Mar», Carlos Barroco e Nadia Baggioli, dois portugueses que dirigem uma galeria de arte em Lisboa e constituem o «Grupo 2».

Primeiro foi a exposição da parte portuguesa em Cabo Verde, onde o Carlos e a Nadia tomaram contacto com as crianças caboverdianas, os seus brinquedos e brincadeiras.

«Em Cabo Verde conheci meninos fabricantes destes engenhos lúdicos e nas suas 'oficinas' encontrei latas várias de azeite e óleo 'export' da ajuda internacional que, com tesouras, alicates, serras e martelos eram transformados em carros descapotáveis, jipes, carrinhas de transporte e aviões, que depois eram trocados por rebuçados, alugados a outros meninos ou vendidos em 'stands' faz-de-conta, à beira da estrada», conta Carlos Barroco. Foi em Porto Novo (Santo Antão) em 1981.

«Uma das partes mais animadas da exposição em Cabo Verde era uma orquestra de miúdos, que com instrumentos feitos por eles tocavam músicas populares. Imitam o que lhes apetece, fazem tudo, e as coisas transformam-se no que eles querem», recorda o artista plástico.

A música é um elemento fundamental da cultura caboverdiana, e desde muito cedo os miúdos dançam ao som de mornas e coladeras, com um ritmo inato.

A exposição do Museu do Traje é acompanhada por música caboverdiana e poesia, além de fotografias tiradas no arquipélago, ilustrando a construção dos brinquedos e o que é possível jogar com eles.

Lembrando-se dos seus tempos de miúdo, Leão Lopes começou a juntar os brinquedos das crianças de hoje, em tudo iguais aos que ele construía. Não tinha em vista qualquer intenção científica, apenas o interesse pelos objectos e «um certo gosto pela poesia e pela expectativa de ver o espanto em cada olhar de menino que visse os meus brinquedos todos juntos».

«Como eu construía, as crianças de hoje ainda constroem os seus brinquedos com materiais recuperados como latas vazias, cintas de embalagem, arames, bocados de madeira e outros materiais que lhe vêm à mão e ferramentas como dentes, pedras, facas de cozinha, pregos, etc», explica Leão Lopes.

«Fazem-nos para si ou para os irmãos e amigos mais pequenos que ainda não tenham a suficiente destreza e a aquisição técnica para tal. Dão-se, trocam-se e eventualmente se vendem por preço de menino», acrescenta o artista caboverdiano.

O tamanho

Uma das caraterísticas específicas do brinquedo caboverdiano é o tamanho. São maiores que os brinquedos portugueses, por exemplo. «É o que se passa também com as crianças norte-americanas. Os miúdos caboverdianos têm uma relação diferente com as coisas», explica Carlos Barroco.

Exemplo disso são os carros, presentes na exposição do Museu do Traje de todos os feitios e fabricados nos mais diversos materiais.

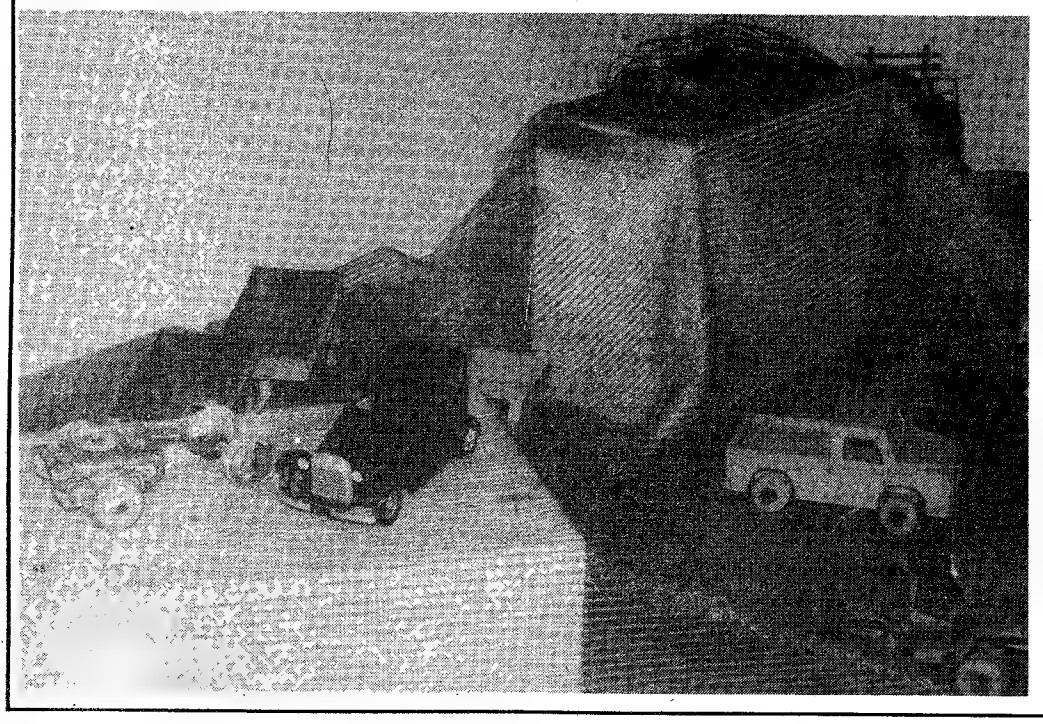
Os carros são grandes, e têm um volante enorme, até à altura das mãos dos meninos, o que lhes permite brincar de cima.

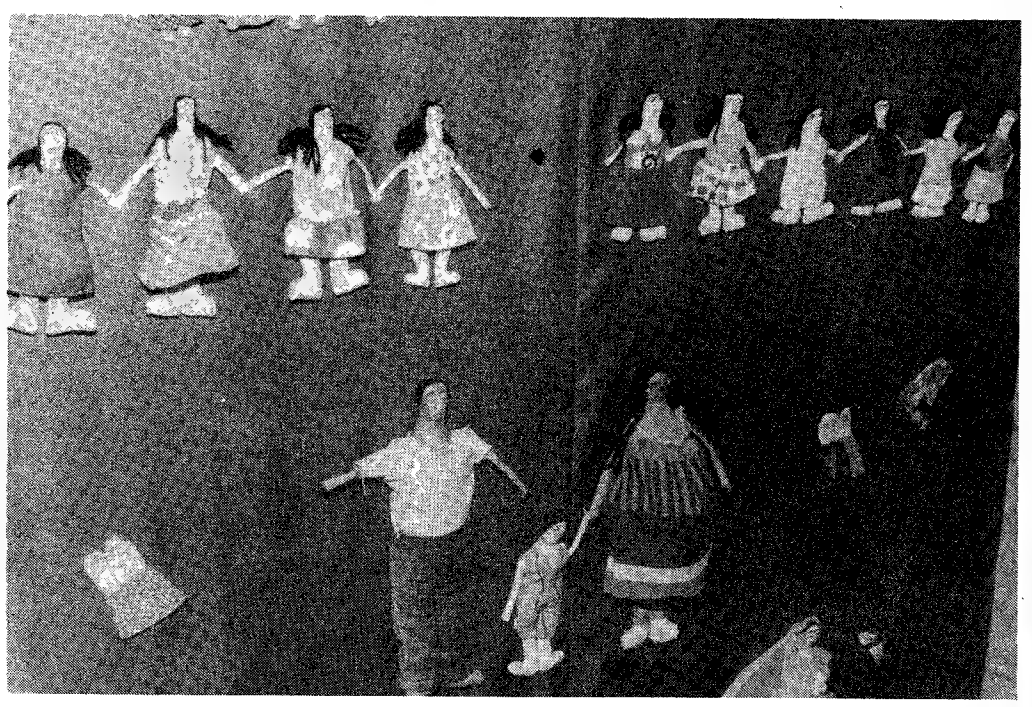
«Os carros — um dos brinquedos mais populares como se prova nesta exposição — de madeira, de lata, de cartão, de arame, ou mesmo de cascas de fruto e restos vegetais, consoante a ilha ou o meio onde se fabricam atingem uma dimensão e uma escala própria, em termos técnicos e criativos, para que o lúdico se aproxime ao máximo do real», explica Leão Lopes.

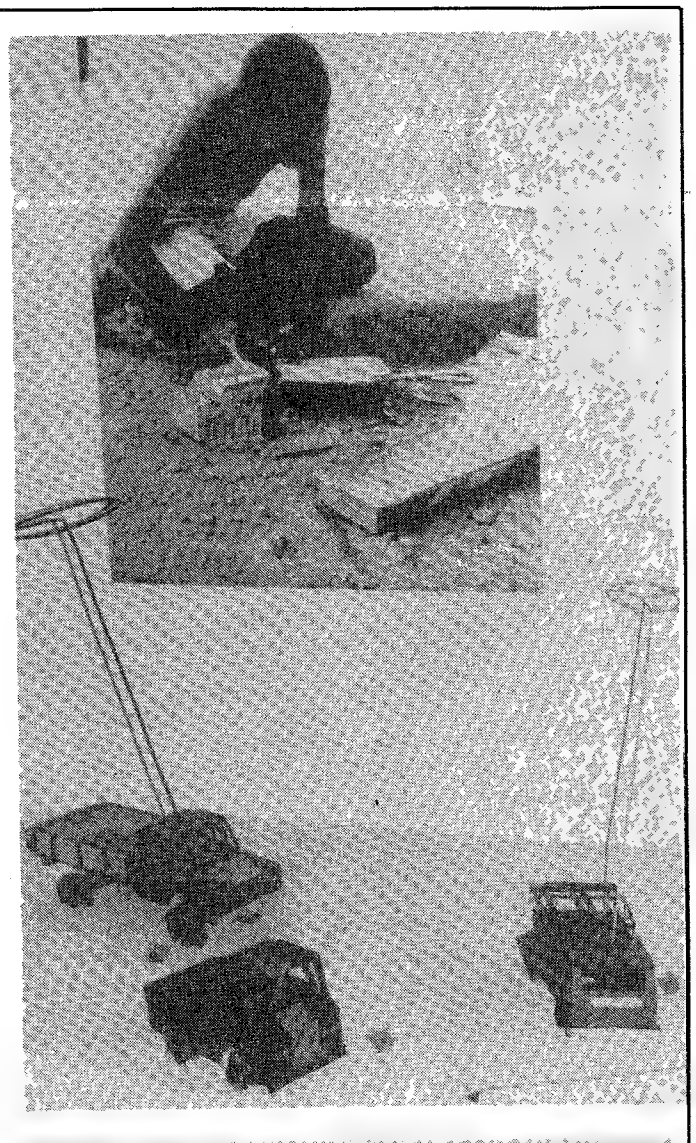
«O meu carro como o de agora, tinha de ser conduzido de pé, com volante e sistema de direcção próprio e em estradas feitas de terra com os acidentes necessários. Tinha, como tem ainda hoje, que permitir todas as manobras possíveis dadas pelo nosso engenho de construtor e nosso talento de condutor», acrescenta.

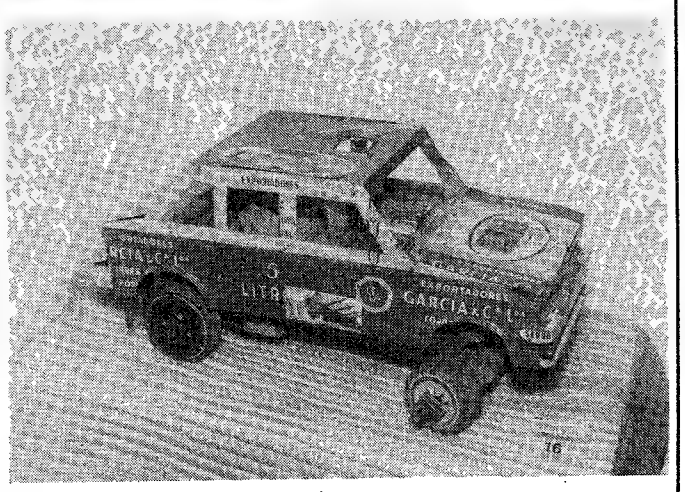
Na exposição do Museu do Traje vêem-se carros construídos de madeira, arame e lata, alguns já de cor indefinida pelo efeito da ferrugem. Mas a maior parte deles mantém a cor das latas usadas, e pode ler-se as especificações do produto que continham e a marca.

Na tentativa de aproximação à realidade, os carros têm escrito pelos seus construtores a marca que lhes quiseram dar: são Cadillac's,









Renault's, Land Rover's, Peugeot's, Citroen's ou V. W. Golf's. Outros são apenas jipes, tratores ou camionetas.

As cores escolhidas são sempre cores fortes — azul, verde, amarelo e vermelho — tornando-os mais atractivos.

A rua

Mesmo quando chove, as crianças caboverdianas brincam na rua. Na rua correm os carros, fazem-se jogos de roda e escondidas, joga-se à bola, salta-se à corda e contam-se histórias.

«Não me lembro de bincadeiras dentro de casa. Mesmo as minhas irmãs tinham, como as meninas de hoje, que montar 'loja' na rua, com os seus tarecos: garrafas, rolhas, latas, etc, porque a venda de açúcar, leite, arroz e milho (pedrinhas, terras ou areias) podem deixar a casa suja», recorda Leão Lopes.

Enquanto as raparigas brincam à porta de casa, os rapazes, mais libertos do controlo das mães, têm liberdade de andar pela rua e, portanto, de brincar.

Enquanto não chega a idade de ir à escola, têm todo o dia para brincar, indo a casa apenas às horas das refeições, quando se lembram. Passam dias inteiros à beira-mar, pescando ou fazendo corridas de barcos. O mar está relacionado com grande parte das suas brincadeiras.

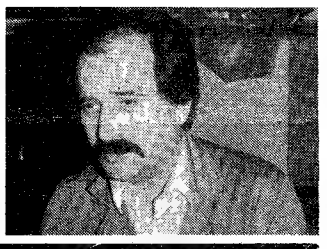
«Este ano havia muitos surfistas em Cabo Verde — diz Carlos Barroco — mas não tinham pranchas de 'surf', por isso criavam as suas próprias pranchas com sinais de trânsito».

As raparigas muito cedo são envolvidas no mundo adulto, por razões de vária ordem, cumprindo tarefas como cuidar da casa, tomar conta dos irmãos mais novos ou ajudar as mães, o que se reflete nas suas brincadeiras. As bonecas, fogões e panelinhas são já uma iniciação à vida adulta.

As brincadeiras iniciam-se de manhã e prolongam-se pelo dia fora, às vezes pela noite dentro, à luz do luar.

«Mamã, q´ondê qu´ê lua nova?», perguntam as crianças, sempre ansiosas, quando a lua tarda.

ALBERTO SOARES



Rui Eduardo Paes

Não há "cabeçudos" como os que ele faz

Alberto Soares diz de si mesmo que é «irascível», sobretudo quando lhe querem impor as coisas. Não tem feitio para pau-mandado, nem consegue estar quieto durante muito tempo. A sua vida é uma errância entre situações novas, saltando sempre de uma para outra. Não sei que sonho persegue, mas a sua vontade é indomável, entre a mecânica de automóveis, que lhe dá a base do sustento, e o artesanato, campo onde faz de tudo. Alberto «vai a todas», como ele próprio costuma afirmar.

Agora, o seu entusiasmo dirige-se todo para a feitura de cabeçudos, já que se aproxima o Carnaval. Trabalha por encomenda, mas à maneira dele. E a verdade é que este homem, à semelhança do que tem acontecido com outras invenções suas, modificou a «arte» de fazer esses pesados artefactos festivos, tornando-os... leves.

O ano passado foi a primeira vez, quando «Os Zíngaros» de Ansiães conhecendo os dotes excepcionais que têm as suas mãos, lhe pediram para fazer seis cabeçudos para as festas locais. Habitualmente, cada cabeça é feita em esferovite (para a modelagem, que depois se retira para ficar oca de modo a poder-se enfiar pelo corpo) e pasta de papel. Alberto Soares não gostou do processo e preferiu fazer o molde em barro e o cabeçudo em poliéster. Dos 13 quilos que os foliões tinham de suportar, chegou aos mais suportáveis três quilos e meio. Diz ele: «Os meus cabeçudos até as crianças podem usar.»

Depois de modelado o cabeçudo em barro, o artesão tirou o negativo em gesso e a partir do gesso utilizou a fibra de vidro. Até a tinta substituiu, passando da vulgar tinta de óleo para a de celulose. Para além, do menor peso são outras as vantagens: «Dura mais tempo, se se estragar pode-se emendar mais facilmente e posso dar mais expressão à cara», diz-nos Alberto Soares numa tasca de Arroios.

Um homem livre

Este ano tem já uma pequena encomenda de um clube de futebol de Chaves, e enquanto não chegam mais vai-se dedicando às suas outras «alegrias», não só pelo prazer da criação como pelo dinheirito que faz entrar — a família é grande (4 filhos 4) e voraz na suas exigências materiais. A verdade é que a vida escolhida por Alberto é instável: ou o saldo é muito e farto ou escasseia, dilemas de ser artesão em Portugal e, sobretudo, de querer ser um homem livre e independente de obrigações quotidianas e humores patronais.

Mas o que faz ele que justifique esta nossa atenção? Tudo, amigo leitor, e a ver se recapitulo sem deixar nada de fora. Dos cabeçudos já falámos, depois vem a pintura sobre azulejo, os vitrais, os santos de barro, os trabalhos em latão, ferro e alumínio, desde os 'bibelots' ao mobiliário e passando pelos candeeiros, as máscaras de madeiras diversas, a cerâmica e a olaria. Alberto Soares é conhecedor dos segredos do bate-chapas, do serralheiro civil, do electricista, do mecânico de automóveis e de aviões, do carpinteiro, do ferreiro ou do sergeiro (uma profissão «em vias de extinção» já que se trata da feitura de rodas para carroças).

Alberto Soares «reinventou» uma máquina de ozono com menor voltagem, maior produção e, claro, menor consumo que foi um pequeno alívio para o seco Alentejo. E descobriu a cor ideal para dar uma parecença «de velho» ao latão dos seus objectos decorativos. Tem larga experiência com acrílicos e ferro forjado, descobriu o poliéster como uma solução radical, sabe fazer alfaias agrícolas e tem alguma formação teórica a nível de 'marketing' e vendas porque também já andou no «porta a porta», com enciclopédias debaixo do braço.

O bom castigo

É um homem com história, muita história para contar. O pai queria que Alberto fosse médico, mas o jovem não foi pelos ajustes. Ele é que sabe, e cedo os conflitos com o progenitor nasceram. Na escola industrial reprovou por faltas, sempre adverso a fazer o que esperavam dele: «Não gosto das situações que me são postas», explica-nos. Como castigo o pai meteu-o numa oficina. Foi o melhor que lhe podia acontecer, e aí deu os primeiros decisivos passos para ser o que é hoje. Diz ele que na 'oficina onde estava havia todas as profissões e eu experimentei-as uma a uma».

Mais tarde, a sorte grande foi a sua passagem pela Força Aérea, pelo que nos conta, onde aprendeu a lidar com material aéreo e a aprimorar aquilo que com orgulho chama de seus «dotes manuais». E esclarece-nos as suas aptidões para uma rápida compreensão afirmando que «basta que eu observe, explicarem-me só vai complicar tudo».

Nos primeiros anos de trabalho que se seguiram Alberto Soares amochou um pouco, metendo ombros para conseguir um lugarzinho ao sol. O primeiro ordenado, em 1957, quando ainda estudava à noite para ver se podia chegar mais longe (chegou: é engenheiro técnico), espante-se o turbilhão do tempo e a miséria salazarista, de apenas 2$50, que depois passaram para a graça de uns 5$00.

Mas a segurança depressa o cansou. Em 1976 desempregou-se e foi trabalhar sozinho, em casa. Já com algum «mostruário» para apresentar foi à Associação de Artesãos de Lisboa e fez-se sócio. Só conseguiu lá estar durante um ano: «Eu trabalhava e os outros davam aulas. Aquilo transformou-se numa escola de rendas, azulejos e olaria e acho que até foram eles que me puseram fora», recorda Alberto Soares.

De seguida, buscou ainda uma alternativa de grupo, formando uma associação de artesãos, por pensar que o espírito independentista que é próprio da «classe» e aquele acérrimo «não gostar de obedecer aos outros» ficaria reforçado pela existência do colectivo. As dificuldades, no entanto, logo surgiram: o número de artesãos não era suficiente para se formar uma cooperativa.

«O artesão não se deve preocupar com a escrita»

Mas não foi só: «Para os artesãos não dá para pagar impostos. Preocuparmo-nos com a escrita quando o que queríamos era inventar todos os dias novos objectos? Impossível: quando se está embrenhado num projecto esquecemo-nos de tudo o resto», adianta sobre aquele período. E, é claro, a dependência mantinha-se, desta feita em relação ao Estado e aos subsídios. Acabou no fim.

Daí a pouco Alberto Soares percorria, sozinho, o circuito das feiras: S. Pedro de Sintra, Estoril, Albufeira, Vila do Conde, entre as especificamente de artesanato, e até as feiras ambulantes, como a Ladra, a de Carcavelos ou da Malveira. Não chegava, e Alberto voltou à actividade por onde tinha começado — a mecânica, numa garagem da Rua de Arroios, com garantia de autonomia que baste. Não desistiu, porém, da sua actividade criativa.

Em Setembro passado foi chamado para as filmagens de «O jovem Toscanini» que, envolto pela polémica que todos então conheceram, trouxe a Lisboa (essa «grande aldeia», como Alberto lhe chama) o cineasta italiano Franco Zefirelli. Queriam que Alberto Soares cosesse à máquina: «Nunca tinha feito, mas fui lá e tudo bem.» É evidente que o nosso amigo não se ficou pela costura do guarda-roupa. Fez a decoração dos palácios e barcos utilizados, e fez os adereços: «Ganhei mil contos em 30 dias», revela com um sorriso.

Agora são cabeçudos de Carnaval o que quer fazer, e espera que mais alguma sociedade recreativa ou grupo de brincalhões se lembre dele.

Último amor de um «vai-a-todas»: os cabeçudos

PELO MUNDO

• **A Mastercard International** vai comprar 15 por cento da Eurocard Internacional, no âmbito de um protocolo de acordo assinado pelas duas companhias. O acordo prevê a aquisição, por parte da Mastercard, de 15 por cento da sociedade EPSS, que gere a rede de telecomunicações da Eurocard, EDCS. Essa rede será ligada à rede Banknet, da Mastercard, que cobre o resto do mundo, permitindo aos utilizadores do Eurocard continuar a beneficiar de um serviço mundial.

• O grupo alemão federal **Daimler-Benz** vai aumentar, em 1988, 10 por cento a sua produção de camiões (marca Mercedes), contra 9 por cento em 1987, anunciou a firma de Estugarda. A Daimler-Benz, maior construtor automóvel de veículos utilitários de mais de seis toneladas, produziu 234.000 camiões em 1987, 150.000 dos quais na RFA. O volume de negócios do grupo neste sector totalizou 19.000 milhões de marcos, em 1987, uma subida de 6 por cento em relação ao ano anterior.

• O construtor aeronáutico norte-americano **Lockheed Corporation** registou lucros de 421 milhões de dólares, em 1987, contra 408 milhões no ano anterior. O volume de negócios da firma aumentou para 11.300 milhões de dólares, em 1987, contra 10.100 milhões em 1986.

• A maior sociedade italiana no sector de pneus, **PIRELLI**, anunciou aos sindicatos a intenção de reduzir cerca de 2.000 postos de trabalho, para melhorar a sua produtividade e competitividade. A Pirelli emprega actualmente cerca de 10.000 pessoas nas suas sete unidades de produção em Itália.

• **O Bank America**, o segundo maior banco dos Estados Unidos, anunciou ter vendido a sua filial no Paraguai, Finamerica Paraguya SAF, assim como quatro sucursais naquele país latino-americano. A instituição norte-americana informou que a venda foi concluída com investidores paraguaios, sem precisar o montante da transacção.

• **O Crédit Lyonnais** será privatizado depois das eleições presidenciais em França e sejam quais forem os resultados destas, revelou em Tóquio, o presidente e director-geral daquele banco francês, Jean-Maxime Leveque. «O Estado precisará de dinheiro e é mais agradável vender activos do que aumentar os impostos», comentou.

Fusões de sociedades e aquisições de todo o género

1988, O ANO DAS OPA NAS BOLSAS OCIDENTAIS

Após a crise bolsista de Outubro, o panorama nos mercados financeiros ocidentais é dominado pelo ressurgimento das OPA´s — Ofertas Públicas de Aquisição. Todos os dias surge um novo lote de OPA´s, às quais nenhum sector de actividade parece escapar.

Do cognac à banca e às petrolíferas, a actualidade das OPA´s, ainda desconhecidas no nosso país mas bastante em voga nos mercados de capitais europeus e norte-americanos, é notória. Ao lançar uma OPA, um investidor anuncia a sua vontade de adquirir em Bolsa acções de determinada empresa, obtendo depois uma resposta mais ou menos favorável da parte dos respectivos accionistas. Por vezes, as OPA chegam a resultar numa transferência da parte maioritária do capital e do controle da sociedade visada.

Revestindo-se, na maior parte das vezes, de um carácter hostil — isto é: sem consentimento da direcção das empresas visadas — estas ofertas públicas de aquisição de acções em Bolsa dão lugar a contra ofensivas fracassadas ou discretas. Formam-se «clans», os «amigos» por vezes intervêm (nem sempre sendo solicitados), outras vezes traiem-se uns aos outros... 1988 anuncia-se um ano agitado para os «estados maiores» das sociedades anónimas, e nenhum pode dormir verdadeiramente tranquilo.

Segundo Daniel Lebègue, ex-director do Tesouro francês, «1988 tem todas as condições para ser o ano das fusões e das aquisições, tal como 1986 e 1987 foram os anos da explosão de novos produtos nos mercados financeiros».

As operações actuais ainda não são muito numerosas. Mas são pelo menos espectaculares e o que nelas se joga é por vezes considerável, como por exemplo no caso da ofensiva de De Benedetti na Bélgica, que faria passar um terço da economia daquele país para as mãos do capital estrangeiro. Ou como no caso da OPA da British Petroleum sobre a Britoil, que reuniria numa só mão todos os bens petrolíferos britânicos. Mais discretas, mas ainda assim importantes, são as tomadas de empresas não cotadas em Bolsa que, de acordo com todos os bancos especialisados, se multiplicam. Talvez esteja aqui a verdadeira novidade deste início de 1988, mais que nas OPA´s.

Viveremos no despontar de uma nova era de conquistas marcada por ofensivas em rajada à escala mundial? Muitos a anunciam, todos se preparam para ela. Na verdade, três razões convergem para um renascer das OPA.

Em primeiro lugar, salta à evidência o «crash» bolsista. As empresas eram caras, mas já não o são. A sua capitalização (o montante que seria necessário pagar pela compra da totalidade das suas acções ao preço da Bolsa) caiu nos últimos seis meses.

A queda da capitalização bolsista foi, em média, de 40% em Paris, 30% em Nova Iorque, 40% em Frankfurt e 25% em Londres. Em consequência, os famosos PER (price earning ratio ou seja, o quociente entre a cotação em Bolsa das acções e o rendimento por elas proporcionado) desceram, em Paris, de 13 no ano passado para 8 este ano. Um movimento que se explica quer pela baixa dos preços em Bolsa, quer pelos aumentos nos lucros das empresas, que persistem, malgrado a crise bolsista. Os bancos prevêm um novo ganho médio dos lucros das empresas de cerca de 12,5% em 1988, e que os efeitos da recessão só se façam sentir nas contas das empresas em 1989. A Peugeot, por exemplo, vale em Bolsa mais que 18 milhões de francos, face a lucros de 6 a 8 milhões em 1987.

A esta baixa nos preços das acções, há a juntar as perspectivas de abertura dos mercados, nomeadamente com o acordo de liberalização das trocas EUA–Canadá e com o mercado único europeu de 1992. O proteccionismo parece ir desaparecer e as empresas querem desde já assegurar as suas posições internacionais. Comprar uma firma, é comprar a sua quota de mercado, os seus circuitos de venda e, esperançadamente, os seus clientes.

Como terceira razão para o renascimento das OPA´s, é apontado o facto de muitas empresas sairem agora do seu período de reestruturação interna iniciado no fim dos anos 70 ou no início dos anos 80. Elas reduziram os seus efectivos e desinvestiram massivamente para se concentrarem nos seus pontos fortes. O saneamento, bem entendido, foi permanentemente conciliado com ganhos de produtividade e hoje existem boas disponibilidades financeiras para partir ao ataque.

Após a retoma de um nível competitivo, os dirigentes pensam hoje que é tempo de voltar a fomentar um crescimento externo às suas empresas. Certamente com um apetite menos financeiro que na grande vaga das OPA´s de dois ou três anos atrás, e com uma motivação mais industrial e mais preocupada com a obtenção da dimensão empresarial ideal, por comparação com os líderes mundiais de cada mercado.

Quanto duram os amores...

Razões e meios, tudo se conjuga. Poderíamos ainda referir a queda do dólar, que torna os europeus e os japoneses mais ricos para fazerem as suas compras nos EUA. Mas 1988 será provavelmente o ano das OPA´s de carácter industrial. Na sequência do «crash» de Outubro, são as empresas, e não os financeiros, que têm capitais disponíveis.

Pelo sim pelo não, as empresas não deixam de olhar de modo inquieto o seu capital social. Algumas desenvolvem métodos de contra-ofensiva. É o caso da General, da Bélgica, cuja administração solicitou aos accionistas o direito de aumentar brutalmente o capital em caso de ataque, de forma a diminuir a parte que cabe ao atacante. De Benedetti e seus aliados adquiriram 18,6% da empresa que, emitindo 12 milhões de novas acções, diminuiu essa percentagem para 11%. No entanto, a operação encontra-se suspensa, aguardando que o tribunal comercial de Bruxelas se pronuncie sobre a sua legalidade.

Outras firmas defendem-se comprando parte das suas próprias acções. Mas o mais comum é a formação de uma rede de alianças com trocas de partes de capital: a BSN tomou 20% do capital da Ifil (do grupo Fiat) e a Ifil tomou 4,3% da BSN. Aquando das privatizações, o ministro Edouard Balladur, utilizou largamente este sistema para constituir os seus «núcleos duros» de accionistas estáveis. O mundo das finanças e da indústria encontra-se assim sulcado por estas ligações complexas onde, aos mais clássicos acordos comerciais e tecnológicos, se sobrepõe muitas vezes a solidariedade financeira: «eu defendo-te, tu defendes-me».

A medalha tem o seu revés: as «traições» são o pão nosso de cada dia. Assim a família Firino-Martelli assinou um acordo com os britânicos do Grand Metropolitan, em seguida comprometeuse perante o notário com os canadianos da Seagram, voltou a virar-se para o Grand Metropolitan e, por fim, accitou a proposta final da Seagram.

Em matéria de negócios, a fidelidade negoceia-se ou, melhor dito, os amores duram apenas o tempo de encontrar um melhor partido...

A "receita" da Sony

A principal responsabilidade de um patrão é dar aos seus empregados um trabalho que lhes dê satisfação e só nessa condição uma empresa pode realizar lucros a longo prazo, afirmou o presidente da firma japonesa Sony, Akio Morita. Num simpósio económico realizado em Davos (Suiça), o patrão da construtora nipónica de material electrónico frisou que «uma empresa não deve nunca considerar os seus trabalhadores como simples máquinas de fazer lucro». «Do meu ponto de vista, a missão essencial de um chefe de empresa é criar um bom ambiente que permita um entusiasmo partilhado e suscite iniciativas» — prosseguiu Akio Morita.

O presidente da Sony criticou as sociedades dos países ocidentais que põem acima dos interesses dos trabalhadores os interesses dos accionistas ou das administrações quando se trata de repartir os frutos do trabalho das suas empresas. No Japão, disse, os patrões fazem todos os possíveis para fabricar melhores produtos, encontrar bons fornecedores e vender os produtos da maneira mais eficaz. Conduzindo o pessoal a dar o melhor de si mesmo, os lucros estão garantidos, salientou.

As sociedadades japonesas têm igualmente beneficiado da compreensão dos accionistas quando a administração prefere reinvestir os lucros ano após ano. «Os accionistas pensam como os empregados: querem que a sua empresa prospere durante muito tempo, se conhecem um ou dois anos maus, sentem-se menos inclinados do que os investidores ocidentais a lançar os seus capitais na procura de lucro rápido», comentou o patrão da Sony.

Na sua opinião, os dirigentes das empresas norte-americanas tornaram-se em grande medida «partidários do lucro imediato», em detrimento de uma produção de qualidade. A reputação das sociedades norte-americanas e a sua competitividade foram abaladas de um só golpe, comentou Morita.

O presidente da firma norte-americana ITT, Rand Araskog, concordou com o ponto de vista do patrão da Sony, declarando que, nos anos 80, os homens de negócios dos EUA pensaram demasiado em lucros rápidos. Na sua opinião, o «crash» bolsista de 19 de Outubro último e os escândalos descobertos em Wall Street provocaram uma mudança de mentalidades e fizeram reforçar o interesse nos investimentos produtivos e nos produtos de qualidade, mais do que nos lucros rápidos em transacções financeiras.

Animação no mercado de obrigações

QUEDA NA BOLSA NÃO PÁRA

A tendência de queda da Bolsa de Valores de Lisboa, suscita a muitos investidores melancólicos o mesmo desabafo dos dias em que chove de manhã à noite: «e não há meio de parar...».

Com efeito, não foi ainda na sessão de ontem que o mercado deixou transpirar sinais de uma próxima fase de recuperação das cotações. No mercado oficial de acções, estiveram em queda mais de 48% do total de espécies transaccionadas. Por cada subida de cotação, registaram-se 2,3 descidas.

Mesmo assim, verificou-se uma ligeira melhoria face à sessão de terça-feira. O número de não efectuados (títulos não transaccionados por impossibilidade de estabelecer qualquer cotação), foi de 45, repetindo o valor da sessão precedente. O número de descidas foi ontem de 46 — ligeiramente melhor que as 52 observadas na terça-feira — e o total de subidas passou de 16 para 20. Ontem registaram-se ainda 29 preços repetidos.

Ao todo, o montante negociado ontem na Bolsa de Lisboa rondou os 432 mil contos, enquanto na terça-feira (primeira sessão da semana e por isso, dia geralmente mais forte dos negócios bolsistas) tinha sido de apenas 375,6 mil contos. No entanto, esta melhoria deveu-se ao comportamento do mercado obrigacionista, já que no segmento de acções com cotação oficial o volume de negócios baixou de 256,4 mil contos anteontem para 198,3 ontem.

Tal como já acontecera há alguns dias, destacaram-se os títulos da dívida pública, com um movimento desusado indicativo da procura de segurança por parte dos investidores, nomeadamente dos de maior porte. Um só título — Tesouro FIP 2ª emissão — foi responsável pelo mudar de mãos de quase 122,4 mil contos, ao transaccionar 23.760 unidades a 5.150 escudos cada.

Esta procura enorme de títulos de rendimento fixo parece significar que os institucionais não estão dispostos a tomar a iniciativa de recuperar o segmento accionista, ao passo que também os pequenos investidores não se dispõem a aplicar no mercado as suas poupanças enquanto não virem sinais claros de que as cotações podem subir. Neste impasse, o mercado vai quebrando. E não há meio de parar...

Admissões à cotação

• Da **Companhia Portuguesa do Cobre, SA** foram ontem admitidas à cotação no mercado oficial da Bolsa de Lisboa 320 mil acções de valor nominal de cinco mil escudos, representadas por títulos de 1, 5, e 10 acções.

• Da **Sociedade Portuguesa de Seguros, SA** foram admitidas, no mesmo mercado, 180 mil acções de valor nominal de 2.500 escudos, representadas por títulos de 1, 10, 50, 100 e 1.000 acções.

• Da **Inforgal, Informática e Gestão, SA** foram também ontem admitidas no mesmo mercado 100 mil acções de valor nominal de 1.000 escudos, representadas por títulos de 1, 10 e 100 acções.

• Finalmente, da **Reditus Processamento Automático de Informação, SA** foram ontem admitidas à cotação oficial 80 mil acções de valor nominal de 1.000 escudos, correspondentes ao aumento de capital de 100 para 180 mil contos. Estas acções são consideradas fungíveis.

• No mercado não oficial da Bolsa de Lisboa, foram ontem admitidas 1.519 mil acções de valor nominal de mil escudos da **Têxtil Lopes da Costa, SA**. Estas acções são fungíveis e o lote mínimo para formação de cotação é de 50 unidades.

• No mesmo mercado foram admitidas 150 mil acçõesde valor nominal de 1.000 escudos da **Zagope — Empresa Geral de Obras Públicas Terrestres e Marítimas, SA**. Estas acções são fungíveis e o lote mínimo para formar cotação é de 20 unidades.

OPV anulada

• A **Probar — Companhia de Produtos Alimentares Barreiros, SA** desistiu da OPV de 125 mil acções anunciada no final de 1987 «face às dificuldades por que passa o mercado», estando a estudar a hipótese de emissão de um empréstimo obrigacionista.

Cotação suspensa

• A cotação das acções da **Sofinloc — Sociedade Financeira de Locação, SA** está suspensa até amanhã (inclusive) para permitir o exercício do direito de preferência na subscrição de acções em curso. Durante o restante período de subscrição, só poderão ser transaccionados os títulos em relação ao quais já tenham sido exercidos os referidos direitos.

Com a subscrição em curso, a empresa aumenta o capital de 450 para 1.000 milhares de contos.

Esso abre postos de abastecimento

A Esso vai inaugurar os seus dois primeiros postos de abastecimento de gasolina em Portugal no próximo fim-de-semana, o primeiro passo de um plano de investimentos que poderá ir até ao milhão de contos em 1988.

Os postos Esso estão situados em Oeiras (a 20 quilómetros de Lisboa) e outro no Porto, junto do Estádio das Antas.

Para 1988 a empresa prevê vir a abrir mais 3 postos de abastecimento de combustíveis no Porto e 4 ou 5 na zona de Lisboa.

Do milhão de contos que a Esso prevê investir em Portugal em 1988, 700 mil são para postos de abastecimento de combustíveis.

Embora só agora passe a comercializar em Portugal gasolina auto, a Esso Portuguesa está estabelecida no País desde 1945.

Tendo ao seu serviço 125 empregados e comercializando mais de 200 produtos, a Esso Portuguesa atingiu, em 1986, um nível de vendas de 160 mil toneladas, correspondendo a quase 7 milhões de contos. O lucro líquido foi de 398 mil contos, após provisão de 250 mil contos para impostos sobre lucros.

Viabilização da Mundet foi aprovada

A assembleia geral de credores da Mundet chegou a acordo sobre o plano de saneamento e recuperação financeira da empresa.

O plano foi aprovado por 78,8 por cento dos credores da Mundet, cuja dívida global à segurança social e a nove bancos públicos ascence a cerca de três milhões de contos.

O Conselho de Gerência da Mundet considera que a empresa, com a aprovação do plano, passará a dispor de uma estrutura financeira equilibrada, o que permitirá a sua recuperação.

O projecto de saneamento financeira da Mundet prevê a mobilização de 1,3 milhões de contos para venda de património, doações de terrenos em capital e aumento do capital social da empresa.

Esta verba permitirá pagar aos credores e obter o perdão de juros vencidos, os quais correspondem a mais de metade do total da dívida.

O plano contempla o pagamento integral dos salários em atraso, no valor de 100 000 contos.

A dívida para com a segurança social, no montante de 500 000 contos, será também liquidada.

Quanto à dívida em capital à banca (900 000 contos), está previsto de uma parte desta seja liquidada imediatamente, em dinheiro e doações de terrenos em capital, enquanto a restante fatia será paga a prazo.

QUEDA DO OURO ORIGINA EXPLICAÇÕES VÁRIAS

O ouro fechou hoje em forte baixa no mercado de Hong-Kong, cotando-se a 438/438,5 dólares, contra 453,8/454,3 ontem — uma perda de 16 dólares. Operadores de Hong-Kong atribuiram este movimento de baixa ao exemplo dado ontem pelos mercados estrangeiros, nomeadamente de Nova Iorque — onde o ouro perdeu 9 dólares ao cotar-se a 444,5 dólares — Londres — onde ocorreu uma descida de 10 dólares para 446,5 — e Zurique, onde o ouro perdeu 11 dólares face aos 456,5 de fecho na terça-feira. Também em Lisboa o ouro fino esteve ontem em queda, perdendo mais de 30 escudos por grama e fechando a 2.080$5 na compra.

Esta tendência baixista do metal amarelo é atribuída por alguns ao facto de importantes produtores mundiais, como a URSS, estarem a vender maciças quantidades de ouro, para fazer face a necessidades de liquidez. Outros, porém, afirmam ter sido um banco suíço o causador da baixa, enquanto há também quem sustente que a responsabilidade cabe a ordens de venda originárias do médio oriente.

A URSS esteve também ontem em foco face à evolução do dólar dos EUA nos mercados cambiais internacionais. A moeda norte-americana quebrou ontem de novo em todas as principais praças asiáticas e europeias, excepto em Frankfurt.

Em Londres, onde estava a perder valor, o dólar subiu momentâneamente devido a rumores de um acidente nuclear na URSS, prontamente desmentidos por fontes soviéticas citadas pela agência Reuter. Em Washington, a Casa Branca referiu não ter conhecimento de qualquer acidente nuclear na URSS. Cerca de 90 minutos depois de terem começado a circular, estes rumores já não tinham qualquer influência sobre a cotação do dólar, indicaram operadores londrinos.

Cambistas salientaram que o dólar deverá baixar ainda mais até serem divulgados novos dados sobre a economia dos EUA e desaprovaram a decisão de alguns bancos dos EUA de baixarem as suas taxas de juro. Os números do desemprego nos EUA em Janeiro serão divulgados na sexta-feira próxima.

Obras públicas 4 vezes inferiores

O valor das obras públicas adjudicadas em Janeiro último é quase 4 vezes inferior ao do mesmo mês de 1987, revelam dados ontem divulgados por duas associações empresariais do sector.

Segundo esses valores, no primeiro mês de 1988 foram adjudicadas obras públicas no valor de 4,058 milhões de contos contra 14,6 milhões em Janeiro do ano passado, ficando esta elevada diferença ficado a dever-se ao volume excepcional de adjudicações da responsabilidade do Estado, efectuadas no mês do ano passado, no âmbito do programa de construção de escolas e do lance rodoviário Raiva-Trouxemil.

A ANEOP — Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas — e a AECOPS — Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul — reconhecem que Janeiro de 1988 foi «um mês fraco», embora se encontrem ligeiros desfasamentos entre os dados das duas associações. Assim, enquanto que para a ANEOP o total de obras adjudicadas se cifrou em 90 num total de 4,2 milhões de contos, para a AECOPS o montante das obras somava 91 num total de 4,058 milhões envolvidos.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53$10	59$10
ALEMANHA FED. (marco)	80$70	81$90
ÁUSTRIA (xelim)	11$45	11$65
BÉLGICA (franco)	3$670	3$920
BRASIL (cruzado)	$881	1$481
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	105$80	108$30
(notas de 5 a 1000)	106$30	108$80
DINAMARCA (coroa)	21$05	21$45
ESPANHA (peseta)	1$160	1$280
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	135$60	139$10
(notas de 5 a 1000)	136$10	139$60
FINLÂNDIA (marka)	33$25	33$85
FRANÇA (franco)	23$95	24$65
HOLANDA (florim)	71$85	72$95
IRLANDA (libra)	215$60	219$60
ITÁLIA (lira)	1$000	$115
JAPÃO (iene)	1$021	1$076
NORUEGA (coroa)	21$25	21$75
REINO UNIDO (libra)	240$65	245$15
SUÉCIA (coroa)	22$50	23$00
SUÍÇA (franco)	99$60	101$10
VENEZUELA (bolívar)	4$669	5$669

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Ao contrário de todas as expectativas

PREÇO DO PETRÓLEO PODE SUBIR

Contrariamente a todas as previsões, o preço do petróleo manteve-se sob forte pressão nas primeiras semanas de 1988, com tendência para assim continuar.

Não acompanhando todas as previsões, que apontariam para uma diminuição do preço do barril derivada da sobre, produção existente e do desentendimento entre os seus produtores, é opinião de negociadores deste produto que este imprevisto se poderá manter por meses.

A acontecer, este facto vai contra todas as indicações de há dois meses sobre uma queda do preço do barril entre 10 a 15, caso os países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) não tomassem qualquer medida na sua reunião de Dezembro em Viena. Todavia, o encontro aprovou a fixação do preço em 18 dólares o barril e uma quota de produção diária em 16,6 milhões de barris.

Nada indicava que assim fosse, quando, desde meados do ano passado, a situação de superprodução, nomeadamente dos Estados do Golfo, colocava milhões de barris fora das quotas. Contudo, agora surgem novos elementos que quase asseguram a possibilidade de o preço se manter em subida.

A Agência Internacional de Energia (IEA) sediada em Paris, que avisara inclusivamente a OPEP para os inconvenientes de uma conjuntura de superprodução, afirma haver perspectivas de um acréscimo de procura, empurrando os preços para uma alta. Concretamente, a IEA aponta para uma necessidade acrescida de um milhão de barris diários nos países industrializados, ou seja de 17,7 milhões para os primeiros três meses de 1988.

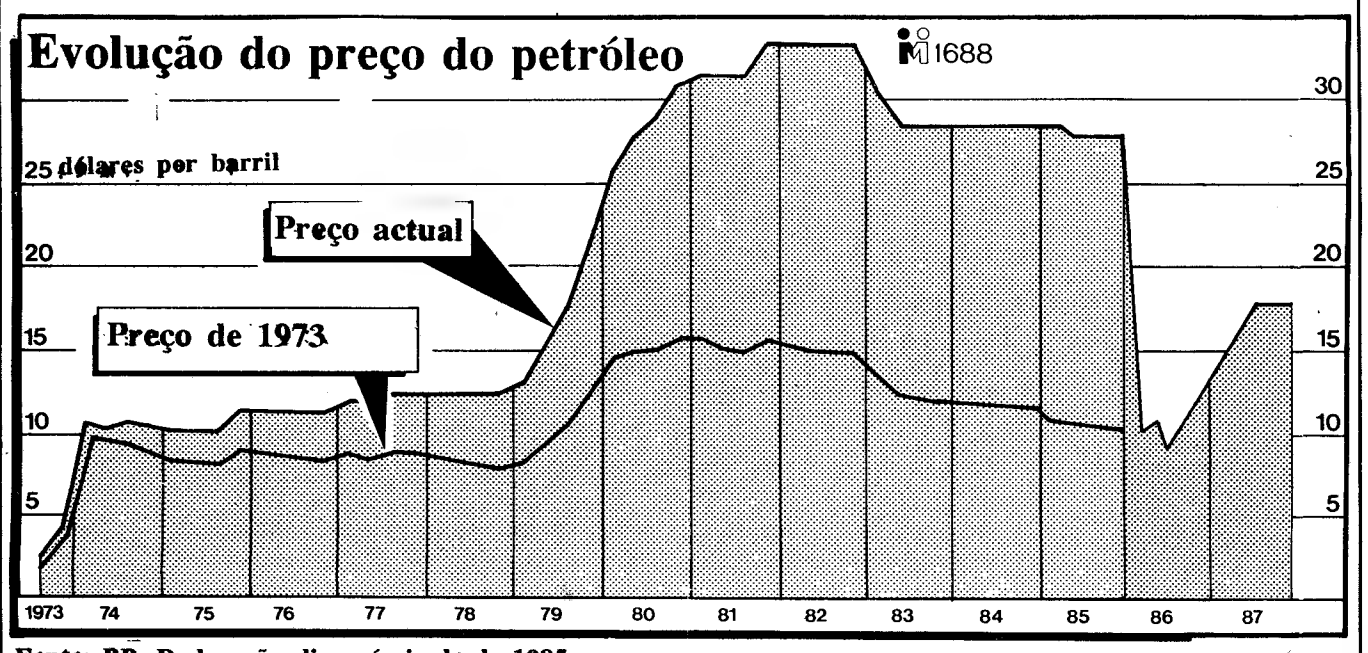
Isto representa uma reviravolta na situação anterior, mesmo inesperada para os membros da OPEP. Dada a fragilidade dos preços em vigor durante 1987, a maioria dos países da OPEP decidiram cortar na produção em vez de vender a baixos preços e, apesar disso, os preços «spot» mantêm-se ainda abaixo do estabelecido em Dezembro — 18 dólares o barril.

Esta conjuntura poderá, a fazer fé nalgumas companhias, continuar durante um certo período de tempo. A sede londrina da Worl Oil Corporation forçou a saída de maiores quantidades dos seus furos no mar do Norte, na esperança de que o barril subisse para 17 dólares e a longo prazo a previsão é de que esses preços eventualmente estabilizarão a esse nível.

Esta expectativa tem igualmente a ver com a «guerra» entre a Britoil e a British Petroleum (BP) em que a primeira destas empresas rejeitou uma oferta de compra num total de 2,3 mil milhões de libras feita pela BP.

De acordo com as explorações na África Ocidental da Britoil, e confirmando os números do Departamento de Energia dos Estados Unidos, o poder sobre o petróleo irá voltar para as mãos do Terceiro Mundo — e em particular para a organização da OPEP — até ao fim da década e mesmo em 1990.

Até lá, as perspectivas são de crescimento do preço deste importante produto primário, indicando mesmo a IEA que a ofensiva iraniana contra as posições iraquianas poderá pôr em risco alguns petroleiros e fazer, por isso, aumentar o preço. Contudo, os esforços actuais vão ao encontro da tentativa de manter o preço abaixo de 18 dólares o barril, embora tudo ainda dependa das decisões da próxima cimeira bianual dos países membros da OPEP que se realiza em Junho.



Fonte: BP. Dados não disponíveis desde 1985

Crédito é um novo condicionalismo

As restrições financeiras constituiem hoje um novo condicionalismo à actividade empresarial, sendo apenas mais um depois do condicionalismo industrial e ideológico que marcaram os anos antes e imediatamente após o 25 de Abril.

As queixas vêm do principal responsável da Associação Industrial Portuguesa, diversas vezes repetidas e agora proferidas durante uma conferência ontem realizada sobre «A indústria portuguesa face à Comunidade Europeia».

Na sua intervenção, Rocha de Matos, alertou igualmente para a superação do «ghetto» que separa Portugal da Europa em matéria de investigação e desenvolvimento, situação que tornará difícil a competição com o Mercado Comum.

Na ocasião, Rocha de Matos considerou o aumento do financiamento do Estado na área de investigação e desenvolvimento e uma diferente articulação da relação indústria–Universidade como pontos cruciais para que Portugal vença o desafio do Mercado Único europeu.

Para salientar a sua ideia, Rocha de Matos lembrou que em Portugal se aplica apenas 0,45 por cento do PIB em investigação quando a média dos países membros da CEE se situa ao redor dos 4 por cento, mostrando que, de uma vez por todas, essa parcela de investimento deva deixar de ser considerada como um «custo».

Comércio em Portugal é retalhista

O comércio em Portugal é sobretudo retalhista, preferindo transaccionar por grosso géneros alimentícios, bebidas e tabaco e tendo cada estabelecimento em média quatro trabalhadores ao serviço.

Estes são alguns dos resultados de um estudo ontem divulgado sobre as inscrições no cadastro dos estabelecimentos comerciais existentes em Setembro do ano passado, no total de 95 411 e publicados no Boletim da Direcção–Geral do Comércio Interno.

O autor do estudo, Alfredo Mendonça. concluiu que os retalhistas dominam em qualquer distrito — chegando mesmo a atingir os 95 por cento em Viana do Castelo —, enquanto o comércio grossista se concentra principalmente no Porto, Aveiro e Lisboa, respectivamente com 21,6, 18,9 e 16,6 por cento do total da actividade.

Entre os comerciantes por grosso, o maior número de exportadores está nos distritos de Porto e Lisboa, enquanto os importadores se encontram em Beja.

Quanto aos ramos abrangidos, os «géneros alimentícios, bebidas e tabaco», «não especificado» e «produtos da agricultura, silvicultura e pecuária» atingem cerca de um quarto do total do comércio grossista. No comércio retalhista, são os «géneros alimentícios e bebidas» com mais de metade dos estabelecimentos, seguindo–se os têxteis, vestuário e calçado» com 13,3 por cento.

Saliente–se ainda a concentração de estabelecimentos por cada mil habitantes que apresenta os seus piores valores no distrito de Bragança onde existem 4,6 estabelecimentos, contra outras zonas em melhores condições como é o caso de Faro que encabeça todos os distritos com12 estabelecimentos, logo seguido de Setúbal e Leiria com11 estabelecimentos.

Medidas proteccionistas de Washington não abalam 'dragões' asiáticos

Os «quatro dragões», novos países industrializados da Ásia (Coreia do Sul, Formosa, Hong-Kong e Singapura), mostram-se convencidos de que as suas economias poderão suportar o choque da decisão dos Estados Unidos de os excluir da lista de beneficiários do regime aduaneiro. Aqueles países lamentaram a decisão norte-americana, mas salientaram que já a esperavam há algum tempo.

At»??-fe- agora, a Coreia do Sul, a Formosa, Hong-Kong e Singapura podiam exportar para os EUA cerca de 3000 produtos, principalmente bens de consumo, sem pagar direitos alfandegários, graças ao «Generalized System of Preferences» (GSP).

A Casa Branca anunciou sexta-feira que aqueles quatro países asiáticos serão excluídos da lista de beneficiários do GSP, a partir de 2 de Janeiro de 1989, uma vez que as suas economias estão suficientemente desenvolvidas e já não têm necessidade de um acesso isento de taxas ao mercado norte-americano.

Em Hong-Kong, o secretário do Comércio, Yeung Kai-Yin, lamentou a decisão dos EUA, mas declarou que não será um desastre para a economia do território.

Na Coreia do Sul, um responsável do Governo mostrou-se confiante: «A nossa economia tornou-se suficientemente forte, não precisando do sistema privilegiado, embora algumas das nossas pequenas e médias empresas sejam severamente abaladas por esta medida».

A decisão dos EUA não provocou nenhuma reacção oficial na Formosa, mas responsáveis governamentais e economistas locais afirmaram anteriormente que esta atitude era esperada e, por isso, não teria grande efeito na economia do país.

Em Singapura, a decepção foi maior, já que Washington só começou a debater há seis meses a possibilidade de aquele pequeno país asiático ser excluído da lista de beneficiários do GSP.

«Esta decisão abala a credibilidade nos Estados Unidos» — comentou o ministro do Comércio de Singapura, Hsieng Loong. «Agora já não sabemos se os Estados Unidos respeitarão a letra e o espírito dos acordos que possamos assinar com eles».

Recorde-se que o GSP destina-se a permitir o acesso dos países em vias de desenvolvimento ao mercado norte-americano, isentando parte ou a totalidade dos seus produtos de direitos alfandegários, os quais podem atingir por vezes os 12 por cento.

No entanto, os «quatro dragões» utilizaram o GSP com tanto êxito que as suas exportações representam uma grande parte do défice comercial dos Estados Unidos: 35 100 milhões de dólares, sobre um défice global de 159 000 milhões, de Janeiro a Novembro de 1987 (último mês conhecido), segundo o Departamento norte-americano do Comércio.

Este desequilíbrio é ainda superior ao registado entre os EUA e a Europa Ocidental (27 500 milhões de dólares nos 11 primeiros meses de 1987).

Fontes oficiais norte-americanas salientaram que as exportações dos quatro países asiáticos referidos totalizaram, no âmbito do GSP, 10 000 milhões de dólares, em 1987, ou seja, cerca de 60 por cento das importações pri»?vilegiadas provenientes de 141 Estados em vias de desenvolvimento.

Polícias alemãs-federais, disfarçados de «punks», posam com o secretário de Estado da Bviera,. Peter Gauweiler, durante a apresentação do um novo contigente de polícias de choque

Em quase todas as favelas do Rio de Janeiro é possível encontrar uma escola–creche onde as crianças pobres de entre zero e seis anos recebem alimentação equilibrada, educação, afecto e assistência médica, afirma o jornalista Thais Corral, da IPS. Esta experiência faz parte do «Programa de Assistência à Infância» que atende 250 mil crianças de toda a cidade e integra os esforços da população das favelas e do Estado. O projecto nasceu em 1980 em consequência das dificuldades que enfrentavam as famílias pobres por não terem com quem deixar os filhos enquanto iam trabalhar. Utilizando os seus próprios recursos, as comunidades criaram as «escolas comunitárias», iniciativa que no começo foi apoiada pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social do Riuo e Janeiro.

Aspecto de uma manifestação do pessoal de saúde britânico que se encontra em greve, exigindo mais dinheiro para o Serviço Nacional de Saúde

Militares norte-americanos apoiam tratado INF

A junta dos chefes do Estado-Maior dos Estados Unidos apoiou ontem o tratado INF, presentemente a ser debatido pelo Senado, mas sublinhou a necessidade de investir na defesa convencional e nuclear para manter a dissuasão na Europa. Os chefes dos Estados-Maiores do Exército, Marinha, Força Aérea e Fuzileiros, em declarações à comissão das Forças Armadas, manifestaram o seu amplo apoio ao acordo para eliminar da Europa os mísseis com alcances entre 500 e 5500 quilómetros. Contudo advertiram que é necessário melhorias das forças convencionais e uma modernização das armas nucleares de combate. A sua posição foi a mais favorável ao acordo, em oito dias de testemunhos prestados por altos funcionários perante três comissões do Senado. «O tratado INF é equitativo e verificável. Deve ser ratificado», afirmou o chefe do Estado-Maior do Exército, Carl Vuono. «A NATO pode e manterá a sua estratégia sem os mísseis INF, mas terá também que continuar a melhorar e adaptar as suas forças», salientou.

Arcebispo de Havana contra pagamento da dívida externa

O arcebispo de Havana, monsenhor Jaime Ortega, declarou que as relações entre a Igreja e o Estado cubano se caracterizaram nos últimos anos pelo diálogo, o que originou mudanças substanciais em relação ao passado. Jaime Ortega disse quarta-feira em entrevista ao semanário «Granma», de Havana, que o «diálogo» favorece as boas relações e deve ser compreendido «como uma opção, estilo de trabalho e convivência». O arcebispo cubano ao fazer uma avaliação do trabalho dos últimos anos referiu que na terceira conferência geral do episcopado latino-americano, realizada na localidade mexicana de Puebla, em Julho de 1977, foi proposto um encontro idêntico em Cuba. Poucos meses depois, o projecta já era algo muito concreto e foi reconhecido nos meios eclesiásticos cubanos como um importante processo de reflexão eclesiástica, disse monsenhor Ortega. «O processo de reflexão entre os católicos alcançou o seu auge no encontro nacional de sacerdotes cubanos realizado em Havana entre 17 e 23 de Fevereiro de 1986, com a participação de 173 delegados das sete dioceses do país», sublinhou o arcebispo.

Inquérito confirma "Watergate" alemão

O ex-primeiro-ministro do estado alemão-federal de Schleswig-Holstein, Uwe Barschel, que aparentemente se suicidou em Outubro último, envolvera-se numa campanha para denegrir a imagem do seu principal adversário eleitoral, informa um inquérito parlamentar ontem concluída. Os quatro partidos políticos representados na Assembleia de Schleswig-Holstein afirmaram em declarações separadas que o líder democrata-cristão local mentira para encobrir o escândalo já depois de este se ter tornado público. Barschel foi encontrado morto na casa de banho do quarto onde se encontrava hospedado em Genebra desde Outubro último, pouco depois de se ter demitido. «Barschel esteve pessoalmente envolvido em actividades desonestas e ilegais. Algumas tiveram lugar a seu pedido, noutras limitou-se a participar e tolerou outras», refere o relatório divulgado pelo Partido Democrata Cristão, a que pertencia, no final do referido inquérito parlamentar.

Moscovo negou oficialmente

SUÉCIA FALA DE NOVO ACIDENTE NUCLEAR NA URSS

Um porta–voz oficial soviético negou ontem rumores de que tenha ocorrido um acidente nuclear na União Soviética. O Instituto Sueco de Protecção contra as Radiações (SSI) anunciara quarta–feira que recebera relatos apontando para a possibilidade de ser ter registado um acidente nuclear na URSS.

«Não aconteceu nada desse tipo em território soviético», afirmou o porta–voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Alexei Cherkashin. «Podemos dizer que esses rumores são completamente infundados», acrescentou.

A agência oficial soviética TASS divulgou também um desmentido formal e citou o Minsitério da Energia Atómica como tendo afirmado: «todas as centrais nucleares estão a trabalhar normalmente».

Os rumores de um incidente ou explosão nuclear em território soviético surgiram na Suécia qaundo o SSI anunciou ter recebido relatos que apontavam para essa possibilidade. Jack Valentin, chefe de departamento no SSI, disse à agência Reuter que estavam a investigar relatos de vários fontes sobre um eventual acidente nuclear na URSS.

«Ainda não temos provas que apoiem os rumores. Não houve aumentos nos níveis de radiação na Suécia, mas não esperariamos que houvessem se o acidente tivesse ocorrido recentemete», disse Valentin. A Suécia foi o primeiro país a noticiar os altos níveis de radioactividade que conduziram à descoberta da explosão do reactor nuclear de Chernobyl, em 26 de Abril de 1986.

Anteriormente, um porta–voz do Instituto de Investigação de Defesa da Suécia, em Hagfors, que regularmente regista os testes nucleares subterrâneos na URSS, disse à Reuter que não tinham recebido relatos sobre aumentos de radiações.

Na central nuclear de Forsmark, no leste da Suécia, a central que primeiro deu a notícia do acidente nuclear de Chernobyl, o porta–voz para a imprensa, Lennart Fransson, disse que tinham iniciado a medição dos níveis exteriores de radiações. O porta–voz disse ainda que os ventos que se aproximavam da Suécia vindos da URSS eram semelhantes aos que prevaleceram na altura do acidente de Chernobyl.

Analistas estrangeiros em Moscovo disseram que os rumores sobre um incidente nuclear poderiam basear–se em notícas mal interpretadas sobre um acidente ocorrido segunda–feira a nordeste da capital e que envolveu um comboio que transportava um liquido tóxico.

A televisão soviética disse na altura que cerca de 2.000 pessoas tinham momentaneamente sido evacuadas das suas casas junto ao local do acidente, mas não houve mortos nem feridos graves.

Pelo seu lado, uma fonte governamental norueguesa afirmou que os rumores sobre um novo acidente nuclear na URSS foram originados por uma séreie de testes com telexes trocados entre a Agência Internacional de Energia Atómica, com sede em Viena e a Organização Meteroroló-gica Mundial, sediada em Londres. «Sabemos que duas agências estiveram hoje a efectuar teste com circuitos de telex abertos», dise uma fonte à agência Reuter. «Os testes continham as palavras «incidente nuclear» e devem ter escapado à organização. Não existem indicios de ter acontecido um acidente de facto», acrescentou a mesma fonte, que recusou ser identificada.

Em Viena, a Agência Internacional de Energia Atómica confirmou ter trocado telexes com a Organização Meteorológica Mundial em testes para acção em caso de emergência nuclear. Maa disse não poder confirmar que os rumores sobre um novo acidente tenham tido como origem alguém que tivesse interceptado os testes.

Em Washignton, a Casa Branca disse não ter informações sobre os rumores.

Craxi sugere Portugal como futura base

Caças F-16 geram polémica em Itália

Funcionários norte–americanos estão a encarar a hipótese de vir a instalar em Itália a nova base para os 72 caças F-16 que vão ser retirados de Espanha, por exigência do governo de Madrid, mas esta hipótese dividiu o executivo italiano e suscitou a oposição de partidos de esquerda.

O secretário norte–americano da Defesa, Frank Carlucci, fará hoje uma escala em Roma para discutir o tema com responsáveis italianos, depois de uma visita de 24 horas a Lisboa. Carlucci terá encontros com o ministro italiano da Defesa, Valerio Zanone, com o primeiro–minsito Giovanni Goria e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Giulio Andreotti, após o que dará uma conferência de imprensa e fará uma declaração conjunta com Zanone.

Zanone tem afirmado que a Itália está a pensar oferecer uma base para os aviões, que serão retirados da base espanhola de Torrejon de Ardoz no prazo de três anos, mas tem sublinhado que não foi ainda tomada qualquer decisão e que o asunto deverá ser estudado em conjunto com os parceiros da Itália na NATO.

Falando na terça–feira perante uma comissão parlamentar, Zanone repetiu a sua afirmação de que uma retirada da Europa daquela ala da Força Aérea enfraqueceria consideravelmente o flanco sul da Aliança Atlântica.

Zanone, o único membro do Partido Liberal na coligação governamental italiana, deu também garantias de que os aviões estariam quipados com armas convencionais e não nucleares.

O antigo primeiro–ministro socialista Bettino Craxi sugeriu que os caças F-16 fossem instalados em Portugal, ideia que teve o apoio dos comunistas italianos.

Esta semana, o embaixador marroquino em Washington ofereceu o seu país como possível futura base para os F-16, nms o secretário de Estado norte–americano, George Shultz, dise que os Estados Unidos preferiam manter aqueles caças na Europa.

No âmbito de um "acordo global de paz"

EMBAIXADOR ANGOLANO CONFIRMA RETIRADA TOTAL DAS FORÇAS CUBANAS

O embaixador de Angola em Lisboa, Mawete João Baptista, negou ontem que se tivesse registado uma alteração na posição do governo de Luanda quanto à retirada das tropas cubanas do país. «A questão é a da sua saída. Mais cedo ou mais tarde, e uma vez garantida a soberania nacional de Angola, começará a retirada dos cubanos. Total ou parcial? Bom, quando começarem a sair é pegar no primeiro e acabar no último. O resultado será sempre a retirada total».

Na conferência de imprensa de ontem: o embaixador angolano em Lisboa, Mawete João Baptista, ladeado por Diogenes Boavida, vice-presidente da Liga angolana de Amizade e Solidariedade com os Povos e ex-ministro da Justiça, e Ivone Carmo Tuta, do Deparatmento de Relações Exteriores do MPLA

O embaixador angolano, respondendo a perguntas do «Diário de Lisboa» durante uma conferência de imprensa realizada no quadro das comemorações do início da luta armada contra o colonialismo português, em 4 de Fevereiro de 1961, sublinhou, contudo, que a retirada das tropas cubanas de Angola só se efectuará quando estiver garantido o respeito pela soberania nacional do seu país. Ou seja, disse, a independência da Namíbia, a retirada imediata e incondicional das tropas sul–africanas de território angolano e o fim da ajuda de Washington e de Pretória aos rebeldes da UNITA.

Estas condições foram apresentadas por Luanda durante as conversações realizadas a semana passada com uma delegação dos Estados Undios chefiada por Chester Crocker. Nessas conversações participou, pela primeira vez, um representante do governo de Havana. Dias depois, o Departamento de Estado norte–americano anunciou que o governo angolano aceitaria a retirada total das tropas cubanas de território angolano no âmbito de um acordo global de paz.

Mawete João Baptista afirmou ainda que Angola tem demonstrado a sua disponibilidade para debater este assunto desde 1982, mas que sempre disse que as «tropas cubanas estão em Angola a pedido soberano do governo» do seu país e que «só sairão quando este assim o entender».

Respondenedo a uma outra pergunta do «D.L.» sobre as «vitórias militares» que têm vindo a ser reivindicadas pela UNITA, o embaixador salientou que os comunicados sobre o assunto divulgados em Lisboa integram–se numa «campanha de mentiras para tentar enganar o povo português sobre a realidade angolana» e acrescentou que estes devem ser encarados como «comunicados de terroristas». Confirmou que os rebeldes do movimento de Jonas Savimbi são apoiados no terreno por forças de Pretória e acrescentou: «se se tivessem registado vitórias militares da África do Sul em Angola, então Luanda estaria tomada».

A perguntas de outros jornalistas sobre as condições para pôr fim à guerra em Angola, respondeu que todos os elementos da UNITA podem reintegrar a sociedade angolana desde que decidam abandonar as armas, mas referiu que mais de 80 por cento das pessoas que defendem em Portugal a «paz entre todos os angolanos» são de nacionalidade portuguesa. Sobre as visitas à base da UNITA na Jamba de personalidades portuguesa, Mawete João Baptista disse que não dignificavam quem as faz, por constituirem «uma violação da integridade de Angola» e uma tentativa de boicotar as relações entre os dois países.

Antes da conferência de imprensa, foi projectado um documentário sobre os combates na região do Cuito Cuanavale, que incluía uma entrevista com um oficial da UNITA capturado em Novembro pelas forças governamentais angolanas.

R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/9, arquivo 9-D, para o estabelecimento na freguesia de Vale de Cavalos, concelho de Chamusca, uma linha aérea a 30 Kv, com 761 metros, do apoio n.º 5 da linha para o PT n.º 279 — Casal das Oliveiras ao PT n.º 484 — Caniceiro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Assinatura ilegível

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Castelo de Vide, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/43, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Santiago Maior, concelho de Castelo de Vide, uma linha aérea a 30 Kv, com 1042 metros, do apoio n.º 7 da linha para o PT CDV 3 — Póvoa e Meadas ao PT CVD 2 Senhora da Luz — Castelo de Vide.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS
Técnico superior principal

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Campo Maior, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/42, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Degolados, concelho de Campo Maior, de uma linha aérea a 30 Kv, com 1611 metros, do apoio n.º 9 da linha para o PT CMM 7 Degolados ao PT CMM 6 da Estação Elevatória de Água da Avelada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS
Técnico superior principal

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Benavente, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo 1/1366, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Samora Correia concelho de Benavente, uma linha aérea a 30 Kv, com 863 metros, do apoio n.º 18 da linha para o PT BNV 48C, ao PT BNV 95C de José Assis Pereira Palha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Assinatura ilegível

S R

Direcção-Geral de Energia

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Castelo de Vide, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/44, arquivo 95-C, para o estabelecimento na freguesia de Santiago Maior, concelho de Castelo de Vide, uma linha aérea a 30 Kv, com 1996 metros, do apoio n.º 6 da linha para o PT CVD 2 Sra. da Luz ao PT CVD 6 — Men Soares.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS
Técnico superior principal

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Coruche, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/13, arquivo 9-D, para o estabelecimento na freguesia do Couço, concelho de Coruche, uma linha aérea a 30 Kv, com 8637 metros, do apoio n.º 7 da linha para o PT n.º 214 Lagoiços ao PT n.º 682 Courelinhas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS
Técnico superior principal

24 HORAS

Desmoronamento no Peru: mais de 30 mortos

Mais de 30 pessoas morreram e pelo menos outras 70 desapareceram em consequência de uma avalanche de pedras e lama, na província peruana de Huanuco, afirmaram porta–vozes da Defesa Civil e da Polícia. Cerca de 12 veículos ficaram submersos pela lama que inundou o vale de Huanuco, devastando as culturas e cobrindo por completo mais de mil metros de estradas numa zona florestal de 420 quilómetros, situada a Noroeste de Lima. O desastre foi provocado pelas chuvas torrenciais que afectam aquela região desde domingo.

Hussein e a paz no Médio Oriente

O rei Hussein da Jordânia, actualmente num périplo europeu destinado a angariar apoios para a causa da paz no Médio Oriente, reuniu–se com o Presidente François Miterrand. Esta visita segue–se a uma outra deslocação a Paris do Presidente egípcio, Hosni Mubarak, com indênticos objectivos. O rei deverá reiterar o seu apoio à realização sob os auspícios das Nações Unidas de uma conferência internacional para a paz no Médio Oriente, de que a França é favorável.

Confirmada substituição de Husac

O Presidente da Checoslováquia foi substituído na presidência do comité central da «Frente Nacional» por Milos Jakes, secretário–geral do PC, anunciou a agência noticiosa checoslovaca CTK. Jakes já havia substituído Husak, em 17 de Dezembro, no cargo de secretário–geral do partido. Husak, Presidente desde 1975, apresentou a demissão daqueles cargos alegando a sua avançada idade, 75 anos.

China reitera apoio a Sihanouk

A China disse que continua a apoiar o líder da resistência do Camboja, o príncipe Norodom Sihanouk, e manifestou esperanças de que os três grupos que combatem o Vietnam voltem a unir forças. O porta–voz do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros disse que Sihanouk «é um grande patriota do Camboja e um estadista experimentado. Nutrimos por ele um grande respeito e acreditamos que consiga resolver adequadamente esta questão».

Ataques à navegação no Golfo

O Iraque disse que aviões seus atingiram «um grande alvo naval» no Norte do Golfo Pérsico, no 18º ataque reivindicado por Bagdad este ano. Fontes independentes ligadas à navegação apenas confirmaram oito dos ataques anunciados pelo Iraque, o último dos quais no sábado contra o petroleiro iraniano «Kharg».

Etarra detido em França

Pedro Murua Etxabe, presumível dirigente da Eta–Militar, foi detido pela Polícia francesa, informaram as autoridades de Paris. Murua, considerado como um destacado membro da Eta, foi enviado para a prisão de Bayona. Além de Murua foram presas mais cinco pessoas, duas delas próximas da Eta.

Avião tailandês atingido

Um avião «F-5E» tailandês foi derrubado por um míssil terra–ar durante ataques às forças laocianas em zonas fronteiriças disputadas pelos dois países - anunciou a Força Aérea da Tailândia. O piloto, segundo a mesma fonte, conseguiu sobreviver ao ejectar–se antes de o aparelho se ter despenhado.

As reformas soviéticas

As reformas soviéticas estão a suprimir um dos privilégios do Governo burocrata, a utilização do automóvel oficial - informou o jornal «Pravda». O conselho de ministros decidiu a redução até 1 de Julho de 40 por cento no número de automóveis oficiais utilizados pelos funcionários dos Ministérios e outros organismos relacionados.

Noriega recebeu milhões da CIA

O chefe das Forças de Defesa panamianas, general Manuel António Noriega, recebeu dois milhões de dólares da CIA ao longo de 10 anos, numa tentativa da agência norte–americana o afastar da influência soviética, informou a cadeia de televisão «NBC». O Governo norte–americano que tem nos últimos tempos tentado afastar Noriega das suas funções, espera que a acusação dos tribunais (de tráfico de droga) dê mais força moral à oposição panamiana para exigir a demissão do general.

Casa Branca "decepcionada"

CONGRESSO NORTE-AMERICANO REJEITA AJUDA AOS "CONTRAS" NICARAGUENSES

A maioria democrata no Congresso norte–americano rejeitou por 219 contra 211 a ajuda de 36,25 milhões de dólares que o Presidente Ronald Reagan tinha proposto para os «contras» nicaraguenses. Após um longo e acalorado debate, os legisladores rejeitaram a proposta, qualificada por Reagan como «o tudo ou nada| para os rebeldes anti–sandinistas.

Os congressistas derrotaram o «pacote» de ajuda apesar da oferta feita por Reagan de lhes conceder a última palavra sobre os 3,6 milhões de dólares para armas, quer deviam permanecer «congelados» até 31 de Março, pendentes de um cessar–fogo entre Manágua e as forças rebeldes.

Segundo planos anunciados antes da votação, os democratas irão apresentar nas próximas semanas uma proposta de ajuda «humanitária» para os «contras», posição que o chefe de gabinete da Casa Branca, Howard Baker, descreveu como «uma rendição» e «assistência para refugiados».

Entretanto o porta–voz presidencial, Marlin Fitzwater, disse que a Casa Branca «está decepcionada» por a proposta não ter sido votada favoravelmente a fim de «manter a pressão sobre o Governo sandinista durante o processo de paz».

Por seu turno, o dirigente «contra» Adolfo Calero afirmou que o corte d ajuda norte–americana «não favorecerá» as negociações para o cessar–fogo na Nicarágua e anunciou que continuará a lutar.

O líder «contra» sublinhou que a derrota da proposta «se deve a diferenças políticas de carácter interno mas - acrescentou - nos Estados Unidos não há ânimo de abandonar os anti–sandinistas».

Por seu turno, a porta–voz da embaixada nicaraguense em Washington afirmou que o Governo do seu país espera que a recusa do Congresso permita «pôr fim à guerra» e cumprir «total e de boa fé o acordo de paz da América Central».

Salari Porta disse ainda qaue o voto dos congressistas «corresponde ao sentimento da imensa maioria do povo norte–americano que, tal como o demonstram as sondagens, se opõe à continuação do financiamento da guerra dos 'contras'».

Outras fontes de financiamento

Após a recusa da Câmara de Representantes em conceder ajuda militar aos «contras» e o duro revés que isso significa para a política externa da Casa Branca, o Presidente Reagan irá dar início a um novo esforço para conseguir outras fontes de financiamento para os rebeldes anti–sandinistas.

No comunicado difundido pouco depois de conhecida a votação, o porta–voz Marlin Fitzwater comentou que a Presidência se sentia «decepcionada», mas frisou que «continuariam as consultas sobre o futuro da resistência e do processo de paz (centro–americano) com quem nos apoia no Congresso e outras pessoas».

Com estas palavras Fitzwater deu a antender que Reagan só poderá solicitar novas ajudas para os «contras» de forma indirecta, por meio dos representantes e senadores republicanos.

Em Manágua, a derrota de Reagan foi recebida com reacções diversas, desde uma prudente satisfação até uma declarada contrariedade. Foi anunciado que o Presidente Ortega fará declarações sobre a decisão do Congresso norte–americano.

Jacques Chirac: as vantagens que o exercício do poder confere. Na foto, o actual Primeiro-Ministro francês quando votava nas eleições legislativas de 1986.

Presidenciais francesas

Chirac ultrapassa Barre nas sondagens

O actual Primeiro Ministro francês, Jacques Chirac, ultrapassou o candidato presidencial Raymond Barre nas preferências do eleitorado francês, revelam os resultados de uma sondagem publicados pela revista «Paris–Match».

Com 22 por cento das intenções de voto, contra 19,5 por cento a favor de Barre, que foi o último Primeiro Ministro do mandato presidencial de Valery Giscard D'Estaing, Chirac está ainda muito longe dos 38 por cento atribuídos, pela mesma sondagem, ao actual Presidente François Miterrand.

Barre obteve melhores resultados que Chirac em todas as sondagens realizadas pela BVA - empresa responsável pelo inquérito ontem publicado por «Paris–Match» - desde a crise estudantil de Dezembro de 1986, que afectou gravemente a popularidade do Governo de Chirac.

Professor de economia e autor de livros que são utilizados como manuais nas universidades francesas, Barre, actualmente com 61 anos, está convencido de ser a única pessoa capaz de pôr de novo a economia francesa na via do progresso, da modernização e da prosperidade.

Os temas preferidos dos seus discursos pré–eletorais são a solidariedade nacional, os investimentos, a unidade europeia e a investigação tecnológica e científica, e admite que «os amadores de programas fiquem escandalizados» com as suas propostas.

Mas Chirac tem a vantagem que o exercício do poder confere e bastou o anúncio oficial da sua candidatura para alterar as tendências das sondagens, até há pouco favoráveis a Barre.

Para o grande público, as diferenças entre os dois candidatos são sobetudo de estilo e de maneira de ser, porque os objectivos e os meios são os mesmos. Barre não é da mesma opinião, mas não pode ser demasiado explícito nas críticas à política seguida pelo actual Governo, sob pena de agravar as divergências existentes no seio da actual maioria.

O Governo francês divulgou entretanto as datas para as eleições, anunciado que a primeira volta será a 24 de Abril e a segunda a 8 de Maio, caso nenhum candidato obtenha a maioria absoluta nos primeiros sufrágios.

Miterrand prometeu anunciar em Março se tenciona concorrer a novo mandato ou demitir–se a favor de outro candidato socialista.

Paris quer relações militares com Jacarta

A França anunciou ter oferecido à Indonésia a venda de navios e mísseis e que gostaria de fazer exercícios navais conjuntos com a Marinha deste país.

Lançando um programa de vendas militares contra dura competição por parte dos Estados Unidos e outros países europeus Ocidentais, a França pretende ainda levar a Indonésia a comprar–lhe aviões de ataque ao solo.

O secretário de Estado francês para a Defesa, Jacques Boyon, disse numa conferência de Imprensa que a França oferece o que classificoui de «atraente pacote de financiamento» a Jacarta, para compra de mísseis mar–mar MM-30 e MM-40 e de fragatas.

Expondo o desejo francês de ampliar o relacionamento no campo militar com o maior país do Sueste Asiático, Boyon - primeiro secretário de Estado francês a visitar Jacarta - disse que «o propósito da minha visita é ampliar os laços com a Indonésia, porque a França crê que este país desempenhará um papel muito importante nesta região no futuro».

Entretanto o ministro francês dos Transportes, Jacques Douffiagues, chega hoje a Jacarta para uma visita de uma semana. Deverá discutir a venda adicional de aviões comerciais Airbus e a construção da segunda fase do aeroporto internacional de Jacarta.

Domingo: PR condecora FC Porto

O Presidente da República impõe domingo as insígnias de membro honorário da Ordem de Mérito que atribuiu ao FC Porto — informou hoje a Casa Civil da Presidência.

A cerimónia da condecoração será pública e decorrerá ao fim da tarde de domingo (18.30 horas) no Palácio de Belém.

Mário Soares aceitou o convite do presidente da direcção do FC Porto, Pinto da Costa, para presidir ao jantar de homenagem aos campeões mundiais de clubes de futebol que, nesse mesmo dia, se realiza no Casino do Estoril.

Johnson "desafia" Lewis

O canadiano Ben Johnson, recordista mundial dos 100 metros, afirmou em Madrid que tenciona melhorar esta época o seu máximo mundial, o que «poderá acontecer a qualquer momento».

Johnson, que participa hoje num «meeting» em Madrid correndo os 60 metros, acrescentou: **«espero baixar o meu recorde até 9.75 ou 9.78 segundos.»**

O atleta canadiano bateu o recorde mundial em Roma com 9.83 segundos e adiantou que neste momento já se encontra em melhor forma que o ano passado. «Comparo sempre os meus tempos em pista coberta com os de ao ar livre. Se correr hoje os 60 metros em 6.38 segundos deverei estar a valer 9.78 segundos aos 100 metros», frisou Johnson.

O campeão mundial disse estar a estudar a possibilidade de disputar um «meeting» com o norte-americano Carl Lewis, em Maio, em Tóquio. **«Quando ele quiser estarei pronto»**, asseverou.

"Hooligans" apanhados na "rusga"

Num «raid» desferido ao amanhecer de ontem em Londres, e nos subúrbios da capital, a polícia inglesa fez 18 prisões e afirma ter **«quebrado a espinha a uma forte seita»** de «holligans».

Nesta rusga a adeptos violentos do futebol britânico a polícia capturou armas dos mais diversos tipos.

Segundo a polícia londrina, que envolveu 90 agentes na operação, esta foi realizada após uma longa investigação a cenas de violência relacionadas com os seguidores do Arsenal, quando do jogo desta equipa com o Millwall, da terceira eliminatória da Taça de Inglaterra, em 9 de Janeiro.

A maioria das casas revistadas pela polícia situaram-se na zona norte de Londres, onde o Arsenal tem a sua sede, mas foram também incluídas residências a mais de 60 quilómetros de distância.

A polícia capturou ainda jornais, fotografias e outra documentação que pensa poder ser útil em futuras investigações.

Quem morde não vai ao futebol

Uma «tifosi» italiana foi proibida de assistir a qualquer jogo do seu clube, o Sampdoria, por ter mordido a mão de um polícia no último domingo.

Sempre que o Sampdoria jogar, quer para o campeonato transalpino quer para outras competições, Angela Carrino, de 25 anos, terá de permanecer na esquadra policial da sua residência.

IFK sem timoneiro

O IFK de Gotemburgo, campeão da Suécia e detentor da Taçã UEFA, continua sem treinador desde que há duas semanas Gunder Bengtsson saiu para o Panathinaikos, da Grécia.

O técnico adjunto Kjell Pettersson foi convidado para assumir as funções de treinador principal, mas recusou a oferta. «A questão mais importante é encontrar a melhor solução para o Gotemburgo», disse Petersson, que desde 1982 foi adjunto de Sven-Goran Eriksson (ex-Benfica e agora na Fiorentina), Bjorn Westerberg e Bengtsson.

Chesnokov quer mais dólares

O tenista Andrei Chesnokov, número um soviético e terceiro melhor jogador júnior a nível mundial, ganha apenas 25 dólares (cerca de 3500 escudos) diários quando participa em torneios no estrangeiro.

A revelação foi feita pelo próprio Chesnokov, em entrevista publicada terça-feira pelo jornal «Izvestia», na qual o jovem jogador afirma que os «tenistas soviéticos esperam uma atitude mais atenciosa por parte do Estado». **«A modalidade** — sublinhou Chesnokov — **é uma das mais bem remuneradas, mas não desfruta de quaisquer privilégios por parte do Comité de Desportos da URSS.»**

Chesnokov, que ganhou 34 000 dólares (cerca de 4750 contos) em apenas três torneios, na Nova Zelândia e na Austrália, mostrou-se insatisfeito com os 25 dólares diários a que tem direito.

Morais: o dia primeiro de uma nova era

Pelo meridiano de Alvalade

PRESIDENTE: "O FUTEBOL DO SPORTING TEM VÍCIOS ANTIGOS" TREINADOR: "REINA INDISCIPLINA TÁCTICA NA EQUIPA"

Desdramatizar a situação na equipa do Sporting passa por palavras e não por actos, disse António Morais, novo treinador dos «leões», após o primeiro treino no Estádio José Alvalade. Aquele técnico português, que terça-feira foi indigitado para substituir o inglês Keith Burkinshaw, foi apresentado aos futebolistas «leoninos» e orientou de seguida o primeiro treino de conjunto, presenciado no Estádio de Alvalade por algumas dezenas de adeptos.

A direcção do Sporting acompanhou em bloco as primeiras horas de trabalho de António Morais, só não assistindo à primeira palestra do técnico com os jogadores, nas cabinas, durante cerca de 20 minutos.

Além do presidente Amado de Freitas, assistiram à apresentação Mário Casquilho, José Dias, Rogério Beatriz, Dias Ferreira, Paulo Abreu, Júlio Rendeiro e Oliveira Duarte.

Os jornalistas não tiveram acesso às cabinas onde decorreu a apresentação de António Morais aos jogadores, primeiro com a presença de todos os elementos da direcção e depois apenas com o técnico e futebolistas, ficando só Oliveira Duarte presente.

O primeiro treino de conjunto, seguido de uma curta palestra no centro do relvado, demorou uma hora e 40 minutos e apenas uma «equipa» (de colete verde) marcou dois golos, apontados por Cascavel e Litos.

António Morais será o treinador do Sporting até ao final da actual temporada, com direito de opção, tendo como adjunto Mário Tito e continuando o jugoslavo Radisic como preparador físico. Quanto a Fernando Mendes, que era adjunto de Keith Burkinshaw, continuará ligado ao futebol do Sporting, integrando a equipa técnica ligada à formação de jogadores. **«A negociação para a rescisão de Burkinshaw decorreu extraordinariamente bem e é o melhor que podíamos esperar em termos financeiros»**, disse o presidente do Sporting, Amado de Freitas, salientando que «a convivência com o técnico inglês foi sempre cavalheiresca, e por isso foi tudo fácil e rápido».

Amado de Freitas disse que os contactos com vista à substituição do treinador foram iniciados na madrugada de segunda-feira, frisando que «só depois de se chegar à conclusão que iríamos rescindir é que contactámos o técnico António Morais».

O presidente do clube «leonino» disse que o treinador inglês fora contratado após uma escolha, tendo em vista os projectos do clube e as qualidades do técnico com vista ao futuro. **«Tínhamos um projecto para o futuro do Sporting que se mantém, mas que a força das circunstâncias nos obriga agora a reajustar»**, disse Amado de Freitas, acrescentando que «tentamos apostar na permanência de um técnico a longo prazo, mas não foi possível». **«O futebol do Sporting tem vícios antigos que são difíceis debelar, e a situação actual é a consequência de um estado de coisas que vem do passado»**, frisou.

A primeira volta do campeonato nacional de futebol começou bem e acabou mal, mas «vamos ver se a segunda volta será melhor, e se vencemos o desafio da Taça europeia», disse o presidente do clube, cuja equipa terminou a primeira metade do campeonato no oitavo lugar, a 13 pontos do líder (FC Porto). **«Há que tomar medidas de emergência que por vezes chocam com a nossa maneira de ser»**, disse ainda Amado de Freitas, segundo o qual «foi fácil o contacto com António Morais».

O presidente e o vice-presidente do Sporting, Amado de Freitas e Dias Ferreira, vão passar a estar agora mais directamente relacionados com os problemas do futebol profissional do clube. **«Iremos introduzindo as medidas correctivas necessárias», disse Amado de Freitas à Lusa.**

O técnico António Morais, que cinco dias depois de assumir o comando do Sporting vai defrontar em Vila do Conde o Rio Ave, a última equipa da primeira divisão que orientou, na última temporada, reencontra agora em Alvalade dois dos seus antigos pupilos no Vitória de Guimarães: Paulinho Cascavel e Vítor Damas.

*

«Em certa medida, o convite do Sporting não foi uma surpresa», começou por dizer o antigo adjunto de José Maria Pedroto, acrescentando que **«antes da contratação de Burkinshaw tinha já recebido um convite do Sporting,** quando treinava o Rio Ave, que só não aceitei porque a condição era demitir-me do cargo que então desempenhava». «Aceitei agora treinar o Sporting porque, com toda a franqueza, se não pensasse que tenho potencialidades para melhorar a equipa, não viria do Porto para Lisboa», acrescentou Morais, salientando estar «convencido que com o plantel que o Sporting possui, **temos condições para dar a volta a esta situação»**.

«O diagnóstico do doente passa pelos factores psicológicos, e a equipa terá que acreditar mais em si», disse o técnico, que continua a «acreditar na estrela da sorte» que o tem seguido. **«Reina a indisciplina táctica na equipa,** devido a uma questão psicológica. Os jogadores estão muito nervosos, porque os resultados positivos não surgem, e quando assim é a bola foge-lhes dos pés», disse Morais, que frisa não haver «uma simbiose perfeita» na equipa. **«O dramatizar da situação passa por palavras e não por actos,** e a nossa grande aposta é apagar o que de mal sucedeu, subindo o possível no campeonato e tentando chegar à final e ganhar a Taça das Taças». «No campeonato o objectivo é subir o máximo possível. Há 38 pontos em disputa e o nosso objectivo é alcançar o 2.º lugar, que ainda é possível», disse ainda António Morais, que não é «contra os estrangeiros, mas contra os estrangeiros e nacionais de má qualidade» e não pensa dispensar qualquer jogador. **«Não está nos meus projectos a dispensa de qualquer jogador, principalmente no actual momento»**, salientou.

Referindo-se à sua contratação a meio da temporada, Morais disse que «seria de facto melhor pegar na equipa antes do início do campeonato, mas esta situação é também um desafio às minhas qualidades. Não vim à aventura, e situações destas são os riscos inerentes à profissão».

Na sua agenda

Marcha atlética no Montijo

Realiza-se no próximo dia 7 na Praça da República, a partir das 10 horas, o II Grande Prémio de Marcha Atlética de Montijo.

As inscrições são gratuitas e deverão ser efectuadas, até ao dia 4 do corrente, nos Serviços de Desporto — Gabinete de Apoio ao Desenvolvimento Desportivo, da Câmara Municipal de Montijo.

A realização da prova é da Câmara Municipal de Montijo e União GADC em colaboração com a Comissão Nacional de Marcha Atlética e Associação de Atletismo de Setúbal.

Oliveira de Frades vai ter campo de golfe

A Câmara Municipal de Oliveira de Frades e a empresa Beira Vouga, SA assinaram um protocolo de cooperação para o desenvolvimento daquela área da região de turismo de Dão-Lafões.

O protocolo prevê, nomeadamente, o apoio do município à construção de um campo de golfe de 27 buracos, a que a Beira Vouga vai proceder, integrado no plano de equipamento de animação turística que a empresa desenvolve actualmente nas Termas de São Pedro do Sul.

Dr. Victor Gonçalves: distinção

A Federação Internacional de Física-Culturismo (que recorde-se tem 80 milhões de praticantes em todo o Mundo) galardoou com a placa de «Altos Serviços» o vereador do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, dr. Victor Gonçalves, em cerimónia que decorreu no Hotel Tivoli e durante a qual foi anunciada a realização do XV Campeonato da Europa de Culturismo que decorrerá no Pavilhão «Carlos Lopes» de 29 de Abril a 1 de Maio e no qual participarão 300 atletas em representação de 36 países.

Na foto o membro da Federação Internacional, Rafael Santoja, faz entrega da placa de «Altos Serviços» ao dr. Victor Gonçalves.

Famalicão:Câmara apoia desporto

A Câmara Municipal de Famalicão aprovou na sua última reunião subsídios no valor de 18 000 contos para as associações desportivas do concelho.

Além dos subsídios, o município aprovou também o regulamento dos prémios desportivos, designadamente **«Prémio de Fomento Desportivo», «Prémio Êxito Desportivo»** e **«Prémio Disciplina»**.

O «Prémio de Fomento Desportivo» é para a Associação Desportiva que tenha dado o maior contributo na implantação, melhoramento e conservação de infra-estruturas e equipamento, ou no incremento de actividades desportivas.

O segundo é destinado à associação ou atleta que no concelho mais êxitos tenha alcançado colectiva ou individualmente e o «Prémio Disciplina» pretende galardoar a colectividade que registe um perfeito comportamento.

Estes três prémios agora criados pelo município têm um carácter anual.

O município aprovou ainda a passagem do direito de superfície dos terrenos alugados ao Operário Futebol Clube, em Mões, para que a Associação possa mais facilmente beneficiar de comparticipações para a sua sede social e instalações desportivas.

"Prémio Projecto" na Guarda

O Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) vai promover a atribuição de um prémio ao jovem que no distrito da Guarda mais se distinguir nas áreas desportiva, cultural ou artística — revelou Saraiva de Melo, delegado do FAOJ naquela cidade.

À iniciativa, denominada **Prémio Projecto,** tem o nome de um jornal juvenil publicado por aquela delegação na Guarda.

Saraiva de Melo afirmou, a propósito, ser importante premiar o trabalho desenvolvido sobretudo por juvenis «num distrito rico de valores» e incentivar a realização de actividades.

O juri terá 53 elementos, entre os quais responsáveis das escolas do distrito, e ao galardoado vai ser concedido um diploma e um prémio monetário oferecido pelo Centro Regional de Segurança Social da Guarda.

Jacarta: a corrida do milhão

Um milhão de dólares (cerca de 140 mil contos) em prémios deve assegurar um «enxame» de participantes na prova de 10 quilómetros de Bali, marcada para 3 de Abril.

Segundo um elemento da organização, é provável que a atleta de origem sul-africana Zola Budd e a sua rival norte-americana Mary Decker compareçam na corrida, tanto mais que a primeira vai competir uma semana antes no mundial de corta-mato na Nova Zelândia.

No sector masculino, o italiano Francesco Panetta, medalha de bronze nos 10 mil metros dos últimos mundiais em Roma, confirmou já a sua presença, o mesmo sucedendo com o irlandês John Tracey, duas vezes campeão mundial de vcorta-mato e medalha de prata na maratona dos últimos Jogos Olímpicos em Los Angeles-84.

Segundo a "Marca" de hoje

COTAÇÃO DE FUTRE SOBE EM FLECHA

A Imprensa desportiva espanhola, onde a palavra «dólar» figura agora mais vezes do que «golo», publica hoje a cotação do futebolista português Paulo Futre, do Atlético de Madrid, e as equipas que o pretendem.

O Barcelona oferece 20 milhões de dólares (2,7 milhões de contos) por Futre, e os clubes italianos Roma, Inter de Milão e Sampdoria avançam com verbas entre os 14 e 16 milhões de dólares.

Os diários desportivos italianos «Corriere Dello Sport» e «Gazetta Dello Sport» avaliaram recentemente Paulo Futre em 13 a 14 milhões de dólares (1,75 e 1,89 milhões de contos).

O diário desportivo espanhol «Marca» dedica hoje, na sua primeira página, mais espaço às possibilidades de transferência de Paulo Futre e Bernard Schuster do que às meias-finais da Taça do Rei.

Benfica em Dijon

A turma principal do Benfica desloca-se na próxima semana a Dijon (França), onde, no dia 9 (3ª feira), defrontará o Auxerre, em jogo de caracter particular. A comitiva benfiquista parte pelas 13 horas de 2ª feira e regressará no dia 10, ainda que o técnico Toni aproveite para dar um «salto» ao país belga para fazer uma primeira observação às capacidades actuais do Anderlecht.

Anderlecht: novo empate

O Anderlecht (próximo parceiro do Benfica nos quartos-de-final da Taça dos Campeões Europeus) empatou (1-1) ontem frente ao KV Malines em encontro da 1.ª mão da Supertaça da Bélgica.

Artur Jorge e Cabrita num colóquio sobre arbitragem

Artur Jorge e Fernando Cabrita participam sábado, em Casablanca, numa jornada de reflexão sobre a arbitragem no futebol.

Artur Jorge, que orienta o Matra Racing de Paris, já se encontra em Marrocos, onde terá como colega Fernando Cabrita, actual responsável técnico pela turma marroquina do Raja de Casablanca, clube que organiza o colóquio.

Além dos técnicos portugueses participam na jornada sobre a arbitragem dirigentes de clubes fanceses, nomeadamente do Saint Etienne e Metz.

Durante a jornada serão exibidos vários filmes sobre jogos de futebol, incluindo o França - Portugal disputado no último «Europeu-84» e que terminou com a vitória (3-2) dos gauleses.

Oliveira (Marítimo) sofreu traumatismo craniano

Ao sofrer uma queda durante o treino realizado ontem no Campo da Imaculada Conceição, o defesa-central Oliveira (que na presente temporada trocou a Luz pelo Funchal) contundiu a zona do occipital, provocando traumatismo craniano com perde de conhecimento. Segundo informações do Departamento Clínico do clube madeirense, o jogador não corre perigo, estando sob observação médica por mera precaução.

União da Madeira vence o Santa Clara

Em encontro correspondente à 19ª jornada do campeonato da II divisão (zona sul), o União da Madeira venceu por 1-0 o Santa Clara dos Açores. Recorde-se que o Nacional comanda com 30 pontos, seguido do Estrela da Amadora com 28 e do Barreirense com 27. O União ocupa o 7º lugar com 19 e o Santa Clara é último com apenas 13 pontos.

Hilário no Calhetense

Hilário da Conceição, que recentemente rescindiu o contrato que o ligava ao Sport Praiense (IIIª divisão nacional), aceitou o convite do Calhetense (clube da Ilha de S. Jorge) para proceder à reestruturação do seu departamento de futebol.

«Dragõezinhos» jogam hoje em Viareggio

A turma júnior do FC Porto joga esta tarde em Viareggio (Itália) o seu primeiro encontro (frente ao Milão) a contar para o «Torneio Mundial Calcio-Copa/88». Outras equipas que participam naquela importante competição: Fiorentina, Inter, Roma, Dukla de Praga, Estrasburgo, Santiago do Chile e a selecção da Cidade do México.

Bilardo recusa convite do Barcelona

O seleccionador argentino de futebol, Carlos Bilardo, revelou em Buenos Aires ter recusado uma oferta «muito importante» do Barcelona para dirigir na próxima época a equipa espanhola.

O técnico da selecção campeã mundial disse ter «agradecido o interesse» do clube catalão mas recusado a proposta, uma vez que «tenciona cumprir o seu contrato até 1990 com a Federação Argentina».

Bilardo disse ter recebido telefonicamente, através de um intermediário, uma proposta da Direcção do Barcelona e pediu uns dias para pensar, após os quais respondeu negativamente.

O Barcelona, em profunda crise no campeonato espanhol, despediu esta época o técnico inglês Terry Venables e tem procurado um substituto para a próxima temporada, falando-se também do holandês Johann Cruyff, que recentemente se afastou do Ajax.

Toshack recusa selecção galesa

John Toshack, ex-treinador do Sporting e actual técnico da Real Sociedad, em Espanha, afirmou não estar interessado no cargo de director técnico da selecção de futebol do País de Gales.

Toshack, ex-companheiro de selecção de Mike England, agora demitido pela federação galesa após quase oito anos no cargo, disse não lhe interessar o lugar a «part time» até agora ocupado por England.

Entretanto, England, cujo contrato termina em 31 de Julho mas que abandona imediatamente as suas funções, indicou o jogador-treinador do Norwich, David Williams, para dirigir a selecção galesa que defronta em 23 de Março a Jugoslávia em jogo particular.

Taça de Espanha: Real Sociedad venceu o Real

O Real Sociedad venceu o Real Madrid por 1-0, em jogo da primeira «mão» das meias-finais da Taça de Espanha, em futebol.

No outro encontro da eliminatória, o Osasuna recebeu o Barcelona, tendo-se registado um empate sem golos.

Cubillas regresso aos EUA

O antigo futebolista internacional peruano Teófilo Cubillas regressou ontem aos Estados Unidos, onde reside, depois de disputar seis jogos pelo seu antigo clube, o Alianza de Lima.

Cubillas, de 38 anos, antigo jogador do FC do Porto, reforçou a equipa do Alianza após o acidente de viação registado a 8 de Dezembro, em que morreram todos os jogadores da equipa principal do clube peruano.

MODALIDADES

Andebol: Benfica arrecada Taça «Cidade de Lisboa»

Realizou-se no Pavilhão «Carlos Lopes» — cedido pelo pelouro de Desporto da Câmara Municipal, que patrocinou a realização da prova — a disputa da Taça «Cidade de Lisboa» organizada pela Associação de Andebol de Lisboa que foi conquistada pelo Benfica. Os resultados: Boa-Hora - Passo Manuel, 23-21, Belenenses - Sporting, 23-19 e Benfica - Clube TAP, 20-17.

Xadrez: título para Fernando Silva

Fernando Silva é o novo campeão nacional de xadrez da época de 1987, ao vencer o «match» de desempate frente a António Fróis com 3,5 pontos contra 2,5 do seu rival.

Fernando Silva, que arrebatou o título pela quinta vez, sucede a Rui Dâmaso (Quimigal), que havia sido a grande revelação da temporada de 1986.

Em Setembro último, os dois xadrezistas haviam terminado «ex-aequo» no 1.º lugar do nacional de xadrez (individuais), ambos com 7 pontos, pelo que foi necessário recorrer a um «match» de seis jogos para decidir o vencedor.

Na sexta e última partida do «match», Fernando Silva (mestre internacional) conseguiu assegurar o empate frente a António Fróis (mestre da FIDE), o que lhe garantiu o título com um ponto de avanço sobre o seu antagonista.

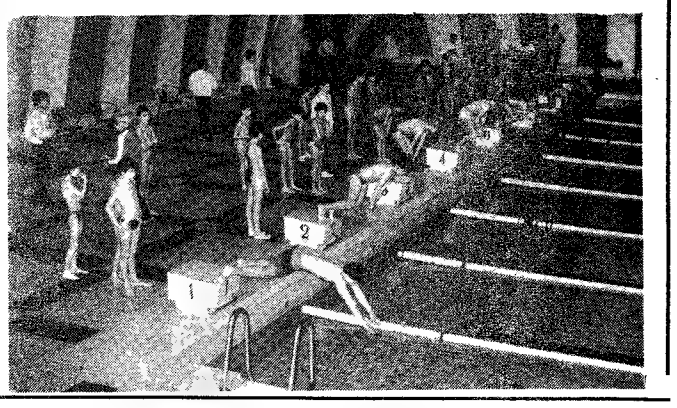
Ciclismo: Acácio é 15.º na Volta à Andaluzia

Acácio da Silva, da equipa KAS, manteve o 15.º lugar da classificação geral da Volta à Andaluzia em bicicleta, cumprida a primeira etapa.

A tirada, de 159,6 quilómetros entre Cádis e Dos Hermanas, foi ganha ao «sprint» pelo belga Noel Dejonckheere, em 4 horas, 24 minutos, 34 segundos, chegando Acácio da Silva integrado no extenso pelotão, com o mesmo tempo do vencedor.

Natação nos "Jogos da Cidade"

Integrado nos II Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa, realizou-se na Piscina dos Olivais, a segunda jornada de natação, que teve a participação de duas centenas de jovens «golfinhos» em representação de dezenas de colectividades de diversas freguesias da capital. Tratou-se de uma jornada rodeada de grande interesse por parte dos jovens presentes que evidencia a importância de tal iniciativa levada a cabo pelo empenhamento do vereador Victor Gonçalves (vereador dos pelouros de Desporto e do Turismo da autarquia lisboeta) que teve, por parte de 41 freguesias do concelho, total aderência fazendo participar, nas seis modalidades, um total de 8000 jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 16 anos.



Para uma arbitragem melhor

DEZ MANDAMENTOS DE RIBEIRO DOS REIS

Alves Henriques

Com o virar na página dos campeonatos nacionais de futebol, a experiência recorda-nos que irão aumentar as dificuldades dos árbitros essencialmente pela incompreensão de treinadores, jogadores, dirigentes e público, relativamente à sua difícil missão coordenadora, já que os pontos começam a sofrer uma mais cuidada análise nas pautas, classificativas, com umas equipas a discutir o título, outras na procura de um lugar na Europa e muitas delas a tentarem a escapadela das posições que provoquem o baixar de escalão.

No decurso da temporada, foram reduzidos os casos de arbitragem e os dois ou três que geraram maior polémica não se fincaram na gravidade que muitos fizeram constar. Naturalmente que os árbitros nem sempre pautam as suas actuações pelo rigor que seria desejável, todavia, erram bastante menos do que alguns «agentes desportivos» fazem constar e quanto a erros premeditados (que seria condenável existirem) não colhem certas suspeições que por aí, não raras vezes são apregoadas. Sabe-se a razão que origina esse nocivo preceito.

A segunda volta vai começar no próximo sábado na Luz, e do livro «Futebol — Divulgação das Suas Leis» da autoria do tenente-coronel Ribeiro dos Reis (fundador do jornal «A Bola» e mestre da arbitragem com mérito internacionalmente reconhecido) extraímos os «dez mandamentos» que deverão ser atentamente seguidos pelos árbitros. Se assim for teremos a arbitragem dignificada e a causa do futebol fortemente moralizada. Aqui fica a mensagem:

Ribeiro dos Reis: mestre que se recorda

1 — A crise de arbitragem, como todas as outras crises a debelar dentro do problema nacional, é uma crise de educação. Se assim é, tem de ser resolvida, educando.

Educando o público, educando os jogadores, educando os árbitros. Estes três elementos básicos da competição — público, jogadores e árbitros — exercem acção directa uns sobre os outros.

2 — É um facto incontroverso que a ignorância das leis é que origina a maioria dos conflitos que se registam nos campos de futebol.

Aperfeiçoando os conhecimentos e o juízo crítico do público, contribuiremos para solucionar em grande parte o problema da ordem dentro dos campos.

3 — Há necessidade fundamental de criar árbitros capazes, que se imponham pelo conhecimento das leis, pela rapidez das suas decisões e pela sua imparcialidade, ganhando a força moral indispensável para desempenharem a rigor a sua alta missão.

4 — O código do jogo deve ser para o árbitro como que o seu **breviário**, um livro a consultar com frequência, para ter sempre frescas e claras as suas disposições.

5 — Familiarizar-se com a matéria das leis e com a sua interpretação lógica, constitui um dever dos árbitros.

Isso dar-lhes-á a **ginástica** de espírito indispensável para se mostrarem desenvoltos a vencer as dificuldades e os embaraços que surjam na sua frente.

6 — O conhecimento exacto das leis é indispensável, mas não basta.

É uma condição necessária, mas não é suficiente.

O tempo e a prática é que darão aos árbitros a visão nítida e clara do jogo, e as qualidades de decisão e de sangue-frio que tão indispensáveis se tornam.

7 — O árbitro que demonstra conhecimento exacto das Leis do Jogo, imparcialidade, firmeza de critério, calma, serenidade, decisão, integridade de carácter, numa palavra todas aquelas virtudes que lhe permitem colocar-se no pedestal que a sua missão requer, elevando-se acima de todas as paixões e subtraindo-se a todas as influências exteriores, esse árbitro oferece um exemplo que tem de reflectir-se no espírito dos jogadores.

8 — O árbitro que revela equilíbrio no exercício da sua autoridade, que sabe respeitar as suas decisões, sem atitudes para a galeria; o árbitro consciente que só assinala as faltas que vê e não as que o público lhe aponta; o árbitro que **vê**, mas que não **ouve**; o árbitro que não se deixa guiar pelo público, mas também o não contraria ostensivamente só para se dar ares de uma isenção postiça; esse árbitro cumpre plenamente a sua missão.

9 — Os relatórios do árbitro têm de ser a expressão exacta da verdade. As faltas cometidas pelos jogadores têm de ser relatadas com toda a propriedade e sem termos vagos ou ambíguos que se prestem a duas interpretações, não habilitando suficientemente quem tenha de aplicar as sanções regulamentares e dando assim lugar a manifestas injustiças.

Uma informação pouco clara tanto pode beneficiar um culpado, como culpar um inocente.

10 — As decisões do árbitro são indiscutíveis, em matéria de facto. Não se descobriu, ainda, outro processo que oferecesse melhores garantias para o julgamento definitivo das faltas cometidas.

Mas os organismos dirigentes não se dispensam de fiscalizar o trabalho dos árbitros para ajuizar da forma como eles utilizam os amplos poderes de que foram investidos.

Ténis: "Open" da Madeira

Dez mil contos de prémios

O primeiro torneio internacional «Open Madeira» em ténis vai realizar-se no Funchal de 5 a 13 de Março com a participação de 32 tenistas, em singulares, e de 32 pares.

O torneio, classificado de «4 estrelas» é uma iniciativa de uma empresa vocacionada para a realização de provas nesta modalidade e conta com o apoio das direcções regionais do Turismo e de Desportos da madeira.

O «Open Madeira», com prémios pecuniários de 75 000 dólares (cerca de 10 000 contos), intrega o calendário internacional da modalidade e, segundo a organização, registará a presença de «alguns dos atletas classificados entre os primeiros 50 do 'ranking' mundial».

No quadro principal do torneio, para além de 24 tenistas com melhores classificações, participarão quatro convidados pela organização (entre os quais Nuno Marques e Cunha e Silva) e mais quatro apurados num «qualifying» a disputar entre 5 e 7 de Março.

«Ranking» e dólares

O checoslovaco Ivan Lendl lidera o «ranking» mundial, mas na tabela de receitas está longe do sueco Mats Wilander, o único tenista que já ultrapassou a barreira dos 100 000 dólares.

Lendl mantém a posição de número um mundial, à frente dos suecos Stefan Edberg e Mats Wilander, que arrecadou até agora 104 997 dólares em prémios (cerca de 14 000 contos).

Na lista de receitas, o tenista checoslovaco ocupa a 6.ª posição, «ex-aequo» com Edberg, com 26 249 dólares cada.

Bibliografia desportiva

"Foot": toque internacional no jornalismo do nosso país

Não havia muito por onde escolher: e o campo continua desbravado para a «Foot» que, implementando-se como a primeira revista desportiva nacional com o sonho de saltar fronteira, procura esse pulo valendo-se de temas e textos que são bem complementados por um naipe de fotógrafos de nível e (simultaneamente) apoiando-se na distribuição da Interpress (Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Ld.ª) que fortemente apoia o trabalho do director Luís Norton de Matos, do maquetista Pedro Metello e de um bloco de colaboradores onde avultam os nomes de José Paulo Canelas, Augusto Martins, Chico Neves, Manuel Sérgio e Paulo Oliveira, secundados pela objectiva de António Freitas, Manuel Lopes, Paulo Santos, Paulo Teixeira, Rui Canelas e Rui Raimundo. Uma equipa a que Teresa Viana dá o apoio máximo.

«Foot»: no seu mais recente número, um belo desfile dos acontecimentos que marcaram o ano transacto, pelas quatro partidas onde se joga futebol. Mais: conversas com Dito e Edmundo (defesas que disputam lugar ao lado de Mozer), Silvino (o guardião espinhense em relevância) e Nice (esposa de Duílio) desvendando o retrato do «back» sportinguista.

Tudo isto com bonita reportagem da final japonesa da «Intercontinental» a que fica (indelevelmente) associada a figura de José Maria Pedroto, planificador da organização futebolística do Futebol Clube do Porto, «Foot» não se queda por aqui: integra ainda trabalhos sobre a turma italiana e prólonga o seu concurso de «Miss Foot» (apresentando Alexandra Almeida, candidata residente na Parede, 84-68-91 de medidas) a outros motivos que fazem da revista ponto obrigatório de leitura para quantos se interessam pelo fenómeno desportivo. E não apenas.

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O CONCURSO N.º 06/88 DE 7 DE FEVEREIRO

Cardeal Saraiva: 211 XX2 1X1 21X2; Diário de Coimbra: X1X 12X X11 2121; Diário de Aveiro: X1X 1X1 111 21XX; Semanário da Região Bairradina: 212 12X 2XX 2122; Jornal de Santo Tirso: X11 12X 11X 1111; Notícias de Gouveia: X11 22X X21 2122; RR/Desporto: 21X 111 1X1 21X2; Bola Branca: 212 X11 X1X 2112; Frente Desportiva: 21X 1XX 121 21X2; Diário de Lisboa: 21X 121 XXX 21X2; Jornal 1X2: 21X 12X XX1 21X2; Jornal de Felgueiras: X11 1XX X1X X1X1; Notícias de Felgueiras: 21X 12X XX1 X1XX; Defesa de Espinho: 21X X21 XX1 XX22; Jornal da Lixa: 2X1 1X1 221 222X; O Mensageiro: 21X X21 111 X12X; Folha do Domingo: 112 121 111 212X; Reconquista: X12 111 111 21X2; Informação Desportiva: 212 121 XX1 21XX; Notícias do Douro: 21X 1X1 111 X1X1; Notícias de Guimarães: 21X 1X1 XX1 212X; Notícias de Viana: 2XX X21 X1X 212X; Litoral: 212 1X1 221 21X2; Correio de Coimbra: X1X 121 111 212X; Penalti: 212 121 221 2122; Ecos de Cacia: X12 1X1 X11 2122; Informação Desportiva/Rádio Altitude: 21X X21 X11 2122; Sons da Madrugada: 212 1X1 X21 21XX; Quatro Linhas: 21X 1X1 111 21X1; Pista de Dança: 112 121 1X1 21XX; Jornal de Sintra: 2X1 12X 111 212X; Rádio Totobola: 21X X2X 1X1 X122; Voz de Lamego: X1X 121 2X1 212X; Gazeta das Caldas: X1X 121 1X1 X121; Jornal de Gaia: X1X X21 1X1 212X; Jornal de Amarante: 211 121 111 211X; Jornal do Fundão: X1X X2X X21 21XX; Eu Sei Tudo: 212 1X1 X11 X121; A Defesa: 21X 12X 1X1 21XX; A Voz do Domingo: 21X 121 1X1 212X; Jornal da Beira: 21X 1X1 111 21X2; Programa da Manhã: XXX 121 X11 21XX; Canal Mais: X1X 1X1 X11 2122; Boomerangue: 21X 121 X11 21X2; Maria da Fonte: 21X 121 111 212X; Fora de Jogo: X1X 1X1 111 21XX; Grande Sábado: X1X 121 111 21XX; Ponto de Mira: X1X 1X1 X11 21XX; Sintonia Desportiva: X1X 1X1 111 2122; Fotogramas: 21X 121 X11 21X2; Bola ao Centro: 2XX 121 X11 212X; Correio do Vouga: 21X 121 111 212X; Livre e Directo: 21X 121 X11 21X2; Tarde Desportiva: X1X 121 111 21XX; RDP/Coimbra: 2XX 2X1 21X 2111; No Estúdio e no Estádio: 2X2 121 X11 212X; Linhas de Elvas: 21X 22X 1X1 2122; De Tudo Um Pouco: 21X 121 XX1 X1XX; Comércio de Leixões: 212 121 XX1 2122; Música e Desporto: 212 121 111 21XX; A Voz dos Ridículos: 211 1X1 X11 2111; Voz do Ave: X11 1X1 111 211X; Alvo Suplemento: X12 121 X11 211X; Alvo: 211 X11 111 X111; Rádio Alvo: 11X 121 X11 2X1X; Alvo Desportivo: X11 1X1 111 XX11; Rádio Sports: 211 121 111 1111; Placard Desportivo: 2X1 1X1 111 XXX2; Panorama: 2X2 121 111 21X1; Primeiro de Janeiro: 212 121 X11 212X; Resenha Desportiva: 21X 11X 1X1 2XXX; Quadrante Norte: 211 1X1 111 X1X2; Jornal da Graça: X11 121 2XX 211X; Bom-Dia: 21X 1XX 2XX 21X2; Manhã, Manhã: 21X 1XX XX1 21X2; Secção Desportiva: 21X 121 XX1 2122; Tempo de Desporto: X11 121 11X 21XX.

assim vai o

totobola

	RESUMO 1	RESUMO X	RESUMO 2	BOLAS (*) 1	BOLAS (*) X	BOLAS (*) 2
1. Belenenses-Porto	3	24	50	1	4	7
2. Boavista-Braga	68	9	0	10	2	1
3. Salgueiros-Chaves	16	44	17	3	6	3
4. Penafiel-Elvas	61	12	4	9	2	1
5. Rio Ave-Sporting	5	25	47	1	4	7
6. Espinho-Marítimo	60	16	1	9	2	1
7. Farense-Portimonense	37	32	8	6	5	1
8. Académica-Setúbal	47	23	7	7	4	1
9. Guimarães-Varzim	67	10	0	10	2	1
10. Ermesinde-Leixões	2	13	62	1	2	9
11. A. Viseu-U. Leiria	71	5	1	10	1	1
12. Amora-Barreirense	12	35	30	2	5	5
13. Montijo-E. Amadora	13	36	28	2	6	4

(*) — Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
21X 121 111 21XX

D/L HÁ 20 ANOS

Novos combates em Saigão e Hué

A tensão voltou ao fim da tarde a Saigão. Pelas 16 horas, unidades do Vietcong atacaram um dos grandes depósitos americanos no sexto bairro Cho Lon, e bombardearam pela primeira vez, com foguetões, o comando-geral da Polícia. Entretanto, soube-se na cidade que dois importantes combates se tinham travado nos arredores da capital.

Em Hué, fuzileiros navais dos Estados Unidos travam luta encarniçada, de porta em porta enquanto a bandeira do Vietcong continua a flutuar na cidadela, no centro da cidade.

As perdas aliadas são de 1116 mortos (367 americanos, 738 governamentais e 11 soldados de outros países) e 4171 feridos (2063 americanos, 2029 governamentais e 79 de outros países).

Ataque nuclear devastaria cidades norte-americanas

As cidades norte-americanas podem ser devastadas em caso de ataque nuclear, mesmo se o chamado «segundo golpe» do sistema antimíssil resultar eficiente — são as novas informações reveladas pelo Pentágono.

As autoridades acentuam que tal possibilidade está a ser considerada na elaboração de planos, de acordo com os quais se dependerá mais do míssil de longo alcance «Spartan», eficaz no espaço, do que do «Sprint», de alcance reduzido. Os planos concernem o sistema de antimísseis balísticos, actualmente em curso, no total de cinco biliões de dólares.

Peritos da defesa afirmam que será relativamente fácil aos russos provocar a explosão prematura de ogivas nucleares que sejam alvejadas por antimísseis.

Estas informações constituem a primeira referência à destruição de mísseis a 1500 metros, altitude inferior à qual seria causada a maior destruição, pela deflagração de ogivas nucleares de muitas megatoneladas — ou milhões de toneladas — de TNT.

Seca sem precedentes no Sul da França

Uma seca sem precedentes afecta vastas áreas do Sul da França, ameaçando transformar em zona de desastre uma das mais famosas regiões costeiras da Europa.

Enquanto as águas descem lentamente, nos campos do Norte do país, onde um mês de chuvas torrenciais deu origem a grandes inundações, os 300 mil habitantes da Riviera francesa, entre Toulon e Le Lavandou, têm o abastecimento de água cortado durante 12 horas por dia.

A pequena distância da área afectada, um pouco mais para leste, ficam as estâncias turísticas de Saint Tropez, Saint Raphael e Saint Maxime.

Dirigentes políticos e autoridades do Departamento do Var enviaram já um telegrama urgente ao Governo. O turismo em toda a zona terá de ser severamente condicionado caso não sejam tomadas disposições urgentes para fazer face à situação — afirmavam os signatários do telegrama.

No hospital de Toulon, os médicos estão já a braços com diversos casos de enterite, provocados pelas águas poluídas, receando-se uma epidemia de tifo.

EFEMÉRIDES

1693 O missionário português João de Brito é martirizado na India.

1837 O Colégio dos Nobres é extinto por decreto de Passos Manuel.

1809 Nas Filipinas, sucedem-se várias revoltas contra os EUA, reivindicando a independência.

1938 Na Alemanha, Adolfo Hitler assume a pasta da guerra e nomeia Joachim Von Ribbentrop ministro dos Negócios Estrangeiros.

1945 Início da conferência de Yalta, em que participam Churchill, Roosevelt e Estaline, quando os aliados tinham já assegurada a vitória na Segunda Guerra Mundial.

1948 O Ceilão (actual Sri Lanka) ascende à independência no seio da comunidade britânica.

1961 Inicia-se a luta armada de libertação de Angola, território sob administração portuguesa: forças do MPLA atacam a Prisão Central de Luanda.

1964 A China acusa a URSS de tentarem obter a hegemonia mundial através de uma política de colaboração com os EUA.

1966 Um avião das linhas aéreas japonesas despenha-se na Baia de Tóquio, matando 133 pessoas.

1969 O encarregado de negócios chineses na Holanda, Liao Ho-Shu, chega aos EUA, solicitando asilo político.

1972 A Grã-Bretanha e outros nove países reconhecem o Paquistão.

1973 O rei Hussein, da Jordania, cessa as hostilidades com Israel, anunciando que procurará o auxílio de Richard Nixon, presidente dos EUA, no desanuviamento da crise no Médio Oriente.

1975 É inaugurada, em Lisboa, a nova sede da Sociedade Portuguesa de Autores.

1976 Uma vaga de sismos atinge parte da Guatemala, causando mais de 22 mil mortos.

1979 Uma equipa do Sporting Clube de Portugal, constituida por Fernando Mamede, Aniceto Simões e Carlos Lopes, revalida, em Arlon, Bélgica, o título Europeu de Corta-Mato.

1980 O presidente do Irão, Bani Sadr, toma posse do cargo no Hospital de Teerão, onde o Ayatollah Khomeini se encontra internado.

1985 É inaugurado, em Lisboa, o Museu Nacional do Teatro.

— Cerca de 2.200 mineiros britânicos regressam às minas de carvão, onde prossegue uma greve que se arrasta há 11 meses.

1986 Aviões de guerra israelitas forçam um avião líbio a aterrar numa Base Aérea no norte de Israel, numa aparente busca de guerrilheiros palestinianos

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	4	3	0.0	M. nub.
V. Castelo	8	7	0.0	Neblina
Vila Real	7	7	0.0	M. nub.
Porto	10	9	0.0	M. nub.
Coimbra	10	10	0.0	Aguac.
C. Carvoeiro	13	11	0.0	Aguac.
C. Branco	8	7	0.0	P. nub.
Portalegre	-	7	0.0	Nevoeiro
Lisboa	10	10	0.0	P. nub.
Evora	8	8	0.0	Neblina
Beja	8	-	0.0	P. nub.
Faro	14	11	0.0	Encob.
Sagres	13	13	0.0	P. nub.
P. Delgada	14	14	0.0	M. nub.
Funchal	12	12	0.0	P. nub.

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 16, Porto 13, Faro 17, Ponta Delgada 17, Funchal, 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

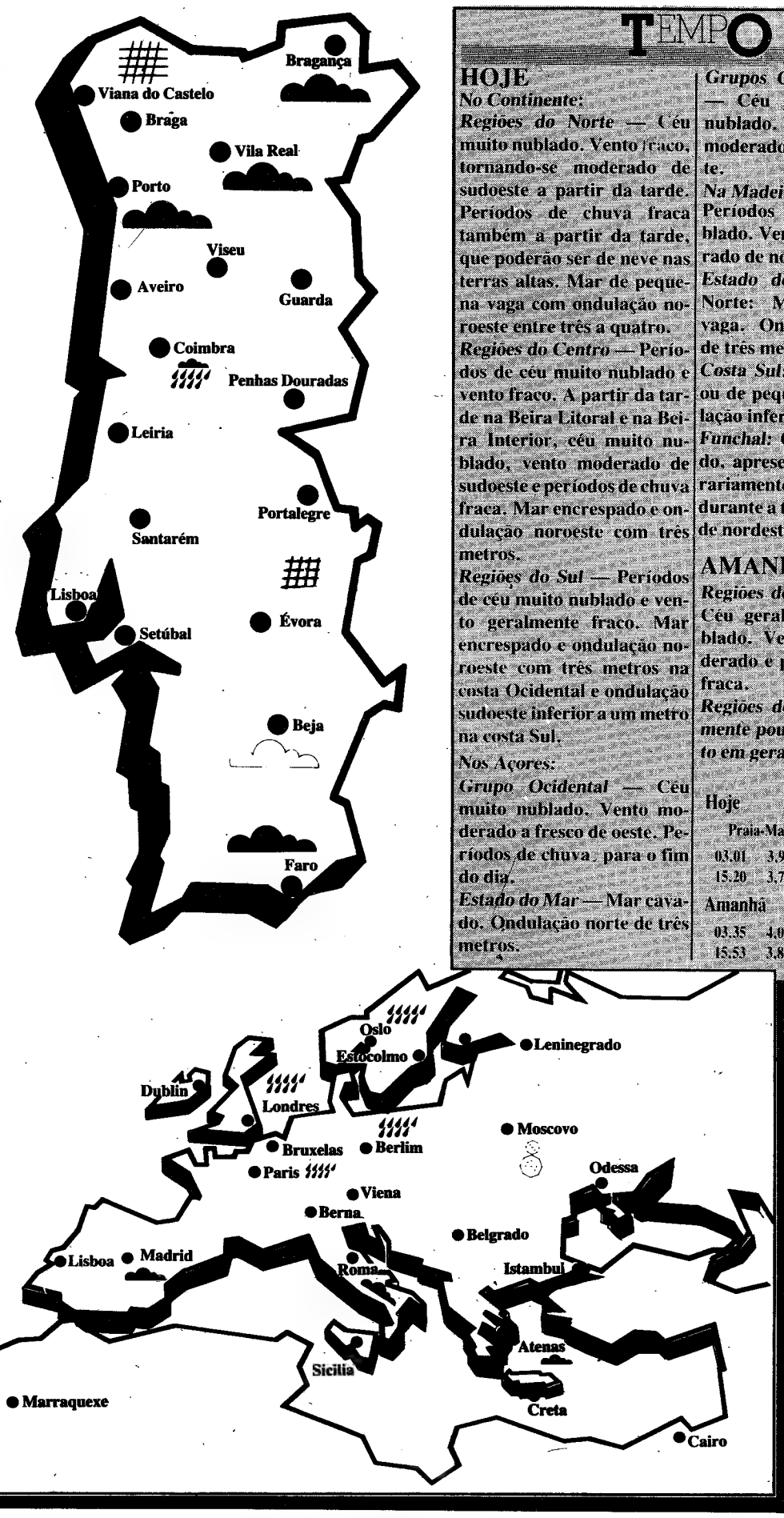
	Min.	Max.	As 18 h.
Madrid	7	5	Muito nub
Londres	7	7	Chuva
Paris	6	6	Chuva
Bruxelas	8	7	Chuva
Amesterdao.	7	7	Chuva
Genebra	3	0	Muito nub.
Roma	9	7	Muito nub.
Oslo	0	0	Nevoeiro
Copenhaga	4	3	Neblina
Estocolmo	2	1	Chuvisco
Berlim	6	5	Chuva
Viena	0	0	Pouco nub.
Varsovia	2	1	Muito nub.
Atenas	8	6	Muito nub.
Moscovo	-12	-12	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Max.	As 13 h.
Caracas	17	25	Nublado
Joanesburgo	14	27	Limpo
Los Angeles	8	16	Nublado
Montreal	-9	-4	Nublado
Nova Deli	8	25	Limpo
Nova Iorque	4	15	Chuva
R. de Janeiro	22	31	Chuva
S. Francisco	6	15	Limpo
São Paulo	17	-	Chuva
Toquio	2	7	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte — Céu muito nublado. Vento fraco, tornando-se moderado de sudoeste a partir da tarde. Períodos de chuva fraca também a partir da tarde, que poderão ser de neve nas terras altas. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste entre três a quatro.

Regiões do Centro — Períodos de céu muito nublado e vento fraco. A partir da tarde na Beira Litoral e na Beira Interior, céu muito nublado, vento moderado de sudoeste e períodos de chuva fraca. Mar encrespado e ondulação noroeste com três metros.

Regiões do Sul — Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco. Mar encrespado e ondulação noroeste com três metros na costa Ocidental e ondulação sudoeste inferior a um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental — Céu muito nublado. Vento moderado a fresco de oeste. Períodos de chuva para o fim do dia.

Estado do Mar — Mar cavado. Ondulação norte de três metros.

Grupos Central e Oriental — Céu geralmente muito nublado. Vento bonançoso a moderado do quadrante oeste.

Na Madeira: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de nordeste.

Estado do Mar — Costa Norte: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de três metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado durante a tarde. Vento fraco de nordeste.

AMANHÃ

Regiões do Norte e Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento sudoeste moderado e períodos de chuva fraca.

Regiões do Sul: Céu geralmente pouco nublado e vento em geral fraco.

MARÉS

Hoje

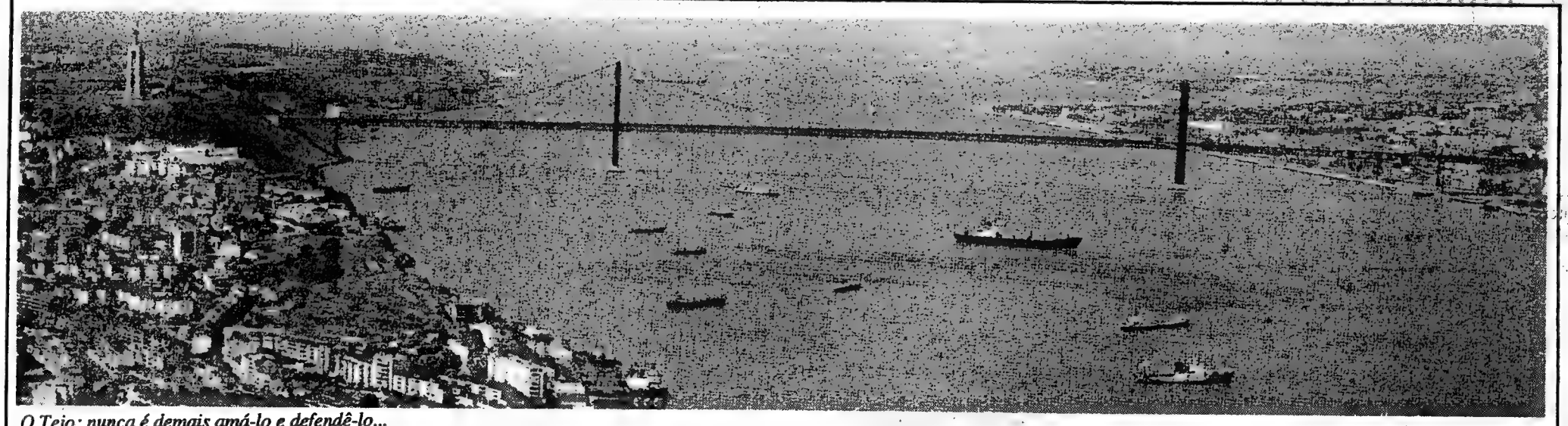
Praia-Mar		Baixa-Mar	
03.01	3,9 m	08.44	1,3 m
15.20	3,7 m	20.46	1,2 m

Amanhã

03.35	4,0 m	09.14	1,2 m
15.53	3,8 m	21.17	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação da agência Lusa



O Tejo: nunca é demais amá-lo e defendê-lo...

De 26 de Março a 9 de Abril

JUVENTUDE VAI TER FESTIVAL AMAR O TEJO - VIVER A PAZ

«Amar o Tejo - Viver a Paz», um festival que nasceu o ano passado por iniciativa de um grupo de jovens interessados fundamentalmente na preservação do Tejo e zonas ribeirinhas em termos ecológicos e ambientais, prepara-se já para a segunda edição, cujo epílogo terá lugar no dia 9 de Abril, quase de certeza na Central Tejo.

A praticamente dois meses de vista, a organização do festival tem já ideias muito concretas. Por exemplo, no que toca a descentralização, este ano vai ser diferente. A partir de comissões de jovens constituídas nos diferentes concelhos limítrofes de Lisboa (Amadora, Loures, Sintra e Vila Franca de Xira já certos, mais os de Cascais, Oeiras e alguns da «outra banda» à espera de confirmação), serão levadas à prática iniciativas locais, devidamente apoiadas pela «comissão central», chamemos-lhe assim.

Por outro lado - segundo nos adiantou um membro da organização - no fim-de-semana compreendido entre os dias 26 e 27 de Março (coincidindo com o Dia Nacional do Estudante a 24 e o Dia Mundial da Juventude a 28), dar-se-á início ás actividades que integram o festival, tanto em Lisboa como nos concelhos circundantes. Para Lisboa, a organização tem programadas diversas manifestações dsportivas e culturais, que podem eventualmente ter lugar em edifícios junto ao «Espelho de Água», em Belém, se os mesmos estiverem disponíveis naquelas datas. Ali teriam lugar um grande arraial popular (a decorrer durante todo o festival, com organização a cargo de uma colectividade ou junta de freguesia e apenas o apoio da organização), e uma tarde dedicada aos novos valores da música, popular ou rock. Desportivamente falando, para além da Estafeta da Paz (o prato forte), estão previstas provas de atletismo, ciclo-turismo, vela e descida do Tejo em canoa... e talvez um Triatlo.

...para que deixe de ser esta lixeira

Dos objectivos ao encerramento

A defesa do rio Tejo, com a implicação de todos os casos de ordem ambiental e ecológica bem conhecidos (mas não resolvidos...), bem como a preocupação relativa ao problema nuclear, constituem a «chave» deste festival, que por isso mesmo se chama «Amar o Tejo - Viver a Paz». A adesão de cada vez mais jovens à iniciativa, agora que se caminha a passos largos para a segunda edição, constitui boa prova de que os pioneiros trilharam bom caminho.

Quanto à festa programada para o encerramento do festival, que como dissemos deverá ocorrer no dia 9 de Abril no espaço da velha Central Tejo, a organização está a pensá-la em termos mais profissionais. Ou seja, para que esse verdadeiro encontro da juventude com a música venha a resultar em pleno, a «comissão central» resolveu entregar a organização do espectáculo a uma entidade especializada.

A partir duma decisão deste tipo (aliás já tomada) pode já adiantar-se que o espectáculo do dia 9 de Abril previsto para a Central Tejo terá uma duração mais curta do que no ano passado e nele actuarão alguns dos melhores grupos musicais portugueses, dos «mais queridos» das camadas jovens.

Em resumo e para já: «Amar o Tejo - Viver a Paz» começa a 26 de Março e termina a 9 de Abril. Mais descentralizado, mais dinâmico. Assim que houver mais novidades, nós as divulgaremos.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Coruche, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/3, arquivo 9-D, para o estabelecimento na freguesia de Couço, concelho de Coruche, de uma linha aérea a 30 KV, com 1083 metros, do apoio n.º 48 da linha para o PT 682 — Lourelinhas, ao PT n.º 683 — Boavista — Couço — Coruche.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º J. C. MAIA MARQUES

Técnico superior principal

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ARREMATAÇÃO
2.ª PRAÇA

Faz-se público que, pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 11 de Fevereiro de 1988, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º 5-4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: PORTUGAL PRESS MARCIAL R & PINHO, com sede na Rua Coelho Rocha, 26-1.º Dt.º, em Lisboa, no processo executivo n.º 3759/86.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – O direito ao trespasse e arrendamento do escritório sito na Rua Coelho Rocha, n.º 26, 1.º Dt.º, em Lisboa, cuja renda mensal é de 25 000$00, com o valor presumível de 750 000$00 (setecentos e cinquenta mil escudos).

Verba n.º 2 – Duas máquinas de escrever eléctricas da marca IBM executivo e outro Olivetti Editores com o n.º 117120011093311, no valor de 100 000$00 (cem mil escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1988

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)
O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"D.L." 4/2/1988

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e nas Secretarias das Câmaras Municipais de Almeirim e Alpiarça, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo 1/7, arquivo 9-D, para o estabelecimento nas freguesias de Fazendas de Almeirim e Alpiarça, concelhos de Almeirim e Alpiarça, uma linha aérea a 30 Kv, com 3913 metros, do apoio n.º 26 da linha para o PT ALR Fazendas de Almeirim ao PT da Adega Cooperativa de Gouxa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS

Técnico superior principal

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ARREMATAÇÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que, pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 15 de Fevereiro de 1988, pelas 10 horas, neste Tribunal – Rua Braancamp, n.º 5-4.º, em Lisboa, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a: ALBERTO DE CARVALHO, com sede na Avenida Infante Santo, n.º 368-4.º Esq., em Lisboa, no processo executivo n.º 1811/85.

BENS PENHORADOS

Verba única – Fracção autónoma designada pela letra D-r/chão-loja, composta de divisão ampla, toda a cave ligada a esta interiormente com sanitários, que faz parte do prédio sito na Rua Bernardim Ribeiro, 79, e Rua Luciano Cordeiro, n.º 58-58B-58C e 58D, da freguesia de Coração de Jesus, com o valor matricial de 8 097 260$00 (oito milhões e noventa e sete mil duzentos e sessenta escudos).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 29 de Janeiro de 1988

O Juiz de Direito,
(João Cordeiro Dias)

O Liq. Trib.
(F. Lopes)

"D.L." 4/2/88 – 1.º Pub.

Fantasporto vem aí

Monstros, sádicos, lendas...

A oitava edição do Festival Internacional de Cinema (Fantasporto) vai apresentar, de 12 a 21 de Fevereiro, no Porto, mais de uma centena de longas metragens e permitir a vinda de uma dezena de realizadores cinematográficos — anunciou a organização.

Monstros e beldades extraterrestres, sádicos e puros, mitos e lendas vão fazer parte do certame, cuja organização é patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura e Instituto Português de Cinema, entre outros organismos.

O Fantasporto, que se assume como «uma fuga à realidade e ao quotidiano, com um programa imprescindível para todo aquele que acha que a cultura não é coisa chata», apresentará na sessão de abertura a película produzida por Dino de Laurentis «King Kong Vive», assinado por John Guillermin — salientou Mário Dorminsky na conferência de Imprensa para apresentação do certame.

De entre os filmes a exibir durante o certame, salienta-se uma antestreia europeia, ainda sem título em língua portuguesa, «Someone To Watch Over Me» — disse ainda Mário Dorminsky.

O encerramento marcará a estreia da produção portuguesa «Os Emissários de Khalon», último trabalho de António de Macedo.

Da secção competitiva do Fantasporto, que será preenchida na sua maior parte com filmes oriundos dos EUA, seguidos da Holanda, França, Hong Kong, China e Checoslováquia, destacam-se «Epidemic», do dinamarquês Lars von Trier, «La Veritat Oculta», de Carlos Benpar, e a «Hora Bruxa», de Jaime Armignan.

A apresentação do filme «Iratan e Iracema», de Paulo Guilherme, na secção competitiva do certame, será a primeira longa-metragem portuguesa a participar neste concurso.

Associando-se ao Ano Europeu do Cinema e da Televisão, o Fantasporto vai prestar homenagem a três criadores europeus, nomeadamente André Delvaux, Andrejez Zulawski e René Laloux, confirmando-se a presença deste último no festival, na altura em que for passada uma retrospectiva sua.

A oitava edição do Fantasporto inclui ainda uma mostra significativa dos filmes fantásticos mais interessantes da temporada 86/87, um «forum» cultural integrando um conjunto de quatro exposições de artistas plásticos e ainda um «Baile de Vampiros» no Cinema Rivoli, do Porto.

Argentino roda em Praga filme sobre Kafka

O realizador argentino Beda Manuel Docampo iniciou em Praga a rodagem de um filme sobre o escritor Franz Kafka, informou a agência noticiosa checoslovaca CTK.

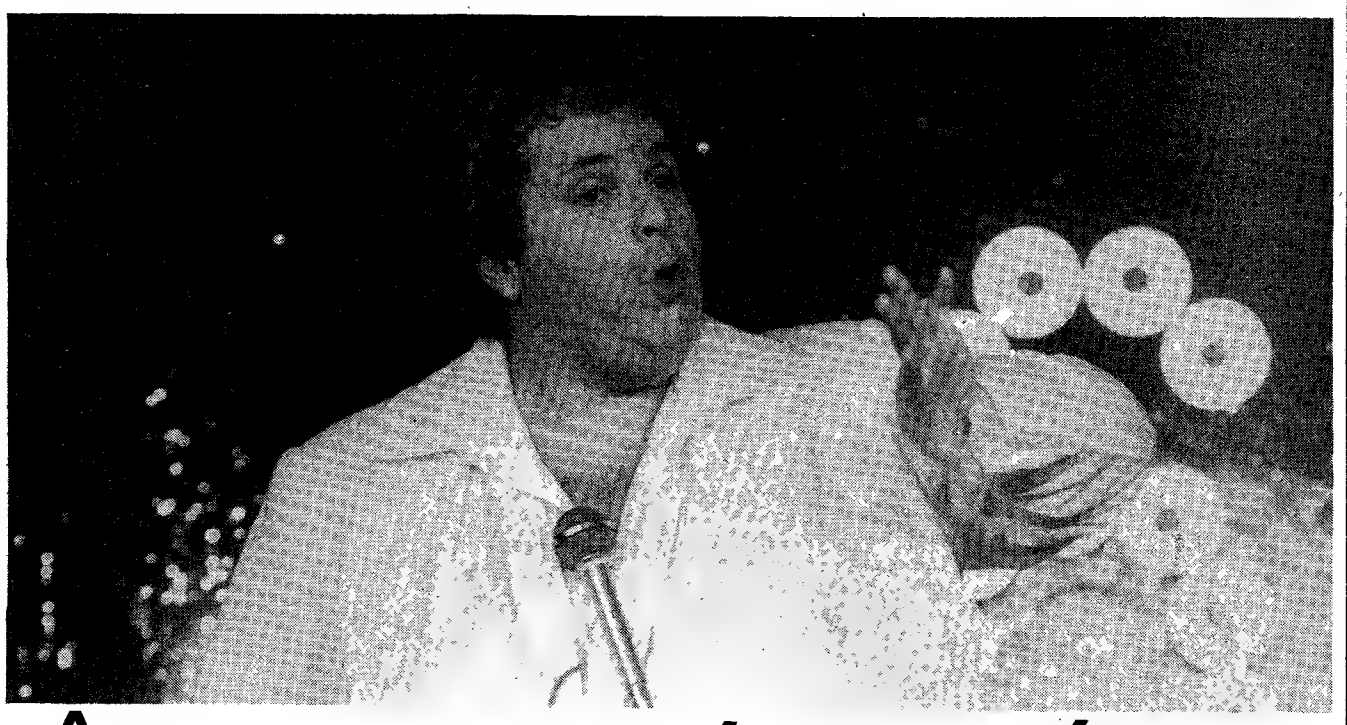
Intitulado «Amores de Kafka» o filme centra-se no período em que o autor de «O Processo» conheceu a jornalista Milena Jesenska, que traduziu os seus livros para checoslovaco.

Os papeís de Kafka e da jornalista estão a cargo dos actores argentinos Jorge Marrale e Susana Pecoraro.

Do elenco da película checoslovaca, produzida em cooperação com os estúdios cinematográficos «Barrandov», de Praga, fazem parte também actores checoslovacos.

Actor teatral de primeiro plano na Argentina, Marrale assinalou à revista checoslovaca de cinema «Zaber» que a obra de Kafka, parte da qual traduzida nos anos 40 por Jorge Luís Borges, «despertou sempre interesse» no país.

Lembrou, a propósito, que um teatro estatal de Buenos Aires tem actualmente em cena um espectáculo baseado na novela «Metamorfose».



JÔ SOARES E FAFÁ DE BELÉM NO CARNAVAL DO ESTORIL

É mesmo verdade! O gordo mais famoso do Brasil vem este ano trazer toda a sua graça e talento, como convidado especialíssimo do Casino Estoril, para os quatro dias de Carnaval que se aproximam!

Os dias 12, 14, 15 e 16 de Fevereiro vão ser de grande festa, com um fabuloso programa de atracções, capazes de fazerem deste Carnaval o melhor de todos quantos já se realizaram no Casino Estoril.

Além de Jô Soares, um dos melhores cómicos internacionais da actualidade, teremos Fafá de Belém e a sua banda, a Orquestra da Felicidade, do Brilho e da Glória, o «show» internacional do Casino, António Rios e os «Juke Box» e ainda escolas de samba, a trazerem ao Estoril o sabor autêntico do Carnaval brasileiro.

Para dançar, nas quatro noites de folia, há a diversidade de estilos das 6 orquestras que integram este espectacular programa.

Dia 13, sábado, é a noite de gala; dia 14, domingo, a noite de Bagdad. O baile trapalhão será na 2.ª-feira, dia 15, e na 3.ª, 16, a noite do Rio, a fechar, com chave d'ouro, este Entrudo especial que o Casino Estoril propõe a todos os que se quiserem divertir, num ambiente elegante e assistir a actuações de estrelas de primeira grandeza.

De frisar que, dada a enorme procura que se tem verificado pelos espectáculos do Casino, com salas rapidamente esgotadas, se aconselha o público a fazer as suas marcações com toda a antecedência possível, pois a lotação será rigorosamente limitada.

Mascare-se, ou não se mascare... Mas vá até ao Casino Estoril, onde o esperam muitas e agradáveis surpresas!

E faça desde já a sua reserva, através do tel. 2684521.

Carnaval é no Casino... E fim de papo!

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Portimão, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refére o processo 1/2945, arquivo 3861, para o estabelecimento nas freguesias de Portimão e Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, de um troço aéreo a 60 Kv, com 6522 metros, do apoio n.º 4, da linha entre a SE 60 – 604 — Porto de Lagos e a SE 60 – 627 – Algezur, ao apoio n.º 29 da mesma linha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 19 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º J. C. MAIÁ MARQUES

Técnico superior principal

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo PT/6412, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Sintra, de uma linha mista a 10 Kv, n.º 1153/R-8, com 910 metros, parte aérea com 880 metros, parte subterrânea com 30 metros, do poste n.º 14 da linha 1153/R-1 ao PT n.º 6412, em Assafora.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Eng.º J. C. MAIA MARQUES

Técnico superior principal

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo 1/1361, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Fajarda, concelho de Coruche, uma linha aérea a 30 Kv, para o PT CCH 71C de José Manuel Coelho Norte, com 70 metros e origem no apoio n.º 2 da linha para o PT CCH 26 de Fajarda Norte.

Todas a reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 20 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS

Assinatura ilegível

Filarmónica Penelense fez 130 anos

A Sociedade Filarmónica Penelense, de Penela, Coimbra, completou 130 anos de actividades e festejou no passado fim-de-semana a efeméride com acções de carácter desportivo, recreativo, cultural e religioso.

Organizada em 1858 pelos padres Manuel José Aires, prior da freguesia, e José da Encarnação, frade do Convento de S. Francisco desta vila, a filarmónica teve como primeiro regente o farmacêutico Joaquim Urbano Peres.

Em 1945, a Sociedade Filarmónica foi agraciada pelo marechal Carmona com o grau de Cavaleiro da Benemerência em atenção ao seu empenhamento em festas de beneficiência.

Antes da actual filarmónica, uma outra existiu em Penela, a partir de 1821 e fundada por Manuel Ferreira Tuna, mas teve curta duração.

Grupo "Persona" nos Jerónimos

Com o apoio do IPPC e da conservadora do Museu, o «Persona» vai repor o espectáculo «Auto da Índia e d'outras andanças», baseado em textos de Gil Vicente, e destinado essencialmente a atrair ao teatro o público juvenil do ensino secundário e, ao mesmo tempo, permitir-lhes uma visita de estudo a um belo monumento da época dos descobrimentos.

O espectáculo tem como característica o desenrolar-se em vários espaços sucessivos, aproveitando a monumentalidade do edifício. Será a primeira vez que, naquele espaço, se vai realizar uma iniciativa deste género, embora com uma curta carreira. Os espectáculos realizar-se-ão durante os meses de Fevereiro e Março, às 4.ªs e sábados, pelas 15.30h, estando abertas as marcações, para as escolas que desejarem assistir.

Será também uma forma do público, em geral, que se desloca durante o fim-de-semana à zona de Belém, passar uma hora divertida com as histórias picarescas de escudeiros, fidalgotes e aventureiros da época de mestre Gil.

JOSÉ AFONSO: HOMENAGEM SETUBALENSE

O Círculo Cultural de Setúbal, do qual José Afonso foi um dos fundadores, vai homenagear a memória daquelo poeta e cantor a 20 deste mês, três dias antes do primeiro aniversário da morte do autor de «Grândola Vila Morena» com uma sessão de canto «sem programa e na qual podem participar quantos queiram».

Uma nota do Círculo Cultural salienta que o «espectáculo é dedicado a todos os trabalhadores desempregados e com salários em atraso, porque solidariedade foi sempre uma constante de José Afonso».

A sessão, que decorrerá sob os lemas «cantar José Afonso» e «traz outro amigo também», realizar-se-á à noite na Sociedade Capricho Setubalense, «especialmente com artistas de Setúbal» e com «aqueles que, nas cantigas, sempre acompanharam o Zeca e que se quiserem aparecer serão bem recebidos».

A nota do Círculo Cultureal recorda que Setúbal foi «a cidade onde o Zeca viveu grande parte da sua vida e onde criou muitas das suas canções», que «o canto tem a força de incomodar o silêncio» e que o cantor de Abril «fez do canto a luta contra todos os silêncios».

José Afonso faleceu às primeiras horas do dia 23 de Fevereiro do ano passado no Hospital de S. Bernardo, em Setúbal, vítima de prolongada doença.

Natural de Aveiro, José Afonso viveu, como lembra a nota do Círculo Cultural, parte significativa da vida em Setúbal, primeiro na capital do distrito e nos últimos anos em Azeitão.

Imeditamente após a morte do poeta e cantor, a vereação sadina deliberou ligar o nome de José Afonso, à toponímia da cidade. Contudo, pese embora a unanimidade da decisão, o processo arrastou-se por vários meses, já que a coligação PS/PSD se opôs à escolha feita inicialmente pela Comissão Toponímica, que apontava como local o Largo do Sapalinho, nas imediações da Praça do Bocage.

Argumentava a referida comissão, presidida pelo vereador do pelouro da Cultura, José Rebelo, único representante do PRD na edilidade sadina, que aquele seria o local ideal para a atribuição do nome de José Afonso, na medida que se situa no centro histórico da cidade, possui condições acústicas naturais extraordinárias e está próximo do Centro Cultural de Setúbal, do qual, como se referiu, o poeta e cantor de Abril foi um dos fundadores.

Por seu lado, os vereadores da maioria PS/PSD entendiam, que, dada a tradição do largo em questão, jamais a população deixaria de o tratar pelo nome que tem, pelo que atribuí-lo o de José Afonso era votar José Afonso ao esquecimento no que tocava à toponímia da cidade.

Perante este impasse, que, como se disse, se arrastou por vários meses, a Comissão Municipal de Toponímia sugeriu o antigo Parque das Escolas, na Avenida Luísa Todi para a atribuição do nome de José Afonso, e que veio a ser aceite, por uanimidade pela vereação, em Setembro do ano passado.

Em Setúbal: santos da casa...

Seis dezenas de artistas de Setúbal, das mais variadas áreas, da pintura à cerâmica, entre os quais se contam Lima de Freitas, Luciano dos Santos, Celestino Alves e Vítor Boga, estão representados numa exposição inaugurada no último sábado de Janeiro no museu daquela cidade e que se manterá patente ao público até ao próximo dia 21.

No próximo sábado o certame será complementado com um recital de poesia e de música no qual participarão, entre outros, a compositora Maria Adelaide Rosado Pinto e o actor Carlos César.

Vistas de Carnaval

Igualmente no Museu de Setúbal se encontra patente uma outra exposição, esta de «formas diversas», intitulada «Vi vistas de Carnaval», de autoria de António Ratinho.

No respectivo catálogo, e próprio autor da exposição escreve que a máscara é «sinal de diferença, do rosto outro sobreposto ao nosso», que «subverte a cara de todos os dias».

ESPECTÁCULOS

A partir do dia 9

Quatro pintores na Artex

Na Artex-Galaria de Arte (Rua Nova do Almada, 85, Lisboa) inaugura-se na próxima terça-feira (dia 9) às 22 horas, uma exposição colectiva de pintura, em que participam os artistas Albino Moura, Cidália Rodrigues e Louro Artur (da Imargem), e Carlos Fernandes.

A propósito desta exposição, Rodrigues Vaz assinala no catálogo, que a Artex ao apostar na apresentação de artistas da Imargem e um pintor fora do contexto como Carlos Fernandes lança um duplo desafio ao sistema centralizador que vigora no País no campo artístico e ao próprio mercado da Arte, infelizmente demasiado condicionado para aceitar gato por lebre, em ve de abrir os olhos para outras realidades, que podem ser menos conhecidas, mas têm, em muitos casos, mais valor a vários níveis.»

Algumas palavras sobre o «grupo dos quatro» pintores da Artex. Comecemos por Louro Artur, nescido em Almada em 1943, actual presidente da direcção da Imargem e seu fundador. Cursou pintura na Escola António Arroio e na ESBAL, no seu currículo contam inumeras exposições individuais e colectivas. É um desenhador nato e utiliza a esferográfica para executar as suas obras meticulosamente pontilhadas, criando uma eventual estrutura do instante, a fazer lembrar a pintura do fresco, de que se quer memória às composições equilibradas de Carlos Fernandes, onde as cores quentes endadeiam de forma habilidosa que só uma chave faz entender.

Quanto a Cidália Rodrigues, o seu traço é vigoroso e sugestivo. Problematiza de forma objectiva a realidade que a rodeia e chega até ela. Consegue muito mais do que centenas de fotografias no captar do instante.

Digamos que Cidália também passou pela ESBAL, onde se licenciou em Artes Plásticas.

Albino Moura é dos quatro artistas que mais impacto visual consegue transmitir aos seus trabalhos. É, de c erto modo, exímio em preencher todos os espaços, sem recorrer a transparências e a outros truques legítimos. Embora partindo de um didactismo assumido, o seu percurso de artista plástico merece uma atenção cuidada por parte dos coleccionadores de arte. Uma aposta num artista, que pode ser igualmente extensiva aos seus parceiros da exposição.

Uma exposição a ver.

Desenho de Louro Artur

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal de Chamusca, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/4, arquivo 9-D, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Chamusca, de uma linha aérea a 30 Kv com 979 metros, do apoio n.º 15 da linha Chamusca — Alpiarça ao PT n.º 116 — Adega Cooperativa da Chamusca, Chamusca.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS
Eng.º J. C. MAIA MARQUES
Técnico superior principal

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e na Secretaria da Câmara Municipal da Golegã, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição de Santarém, a que se refere o processo 1/1365, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho da Golegã, de uma linha aérea a 30 Kv para o PT GLG 30, com 716 metros e origem no apoio n.º 58 da linha a 30 Kv, Entroncamento-Golegã.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 22 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS
Eng.º J. C. MAIA MARQUES
Técnico superior principal

S R

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na Direcção de Serviços Regional de Lisboa, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º andar, e nas Secretarias das Câmaras Municipais de Nisa e Gavião, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo 1/28, arquivo 95-C, para o estabelecimento nas freguesias de Amieira e Comenda, concelhos de Nisa e Gavião, uma linha aérea a 30 Kv, com 6419 metros, do apoio n.º 207 da linha Bruceira — Tramagal ao PT n.º 145 de Castelo Cernado — Nisa e Gavião.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 26 de Janeiro de 1988

Pel'O DIRECTOR DE SERVIÇOS
Eng.º CARLOS SOUSA SANTOS
Técnico superior principal

Paula Wilcox e Geoffrey Hughes

Teatro do West End visita Lisboa

Criado há cerca de 10 anos por Derek Nimmo, o British Airways Theatre visita quatro vezes por ano cinco países do Médio Oriente e cinco cidades asiáticas, apresentando produções do West End.

As peças, que são geralmente comédias, são apresentadas com os cenários originais e também desempenhadas pelos elencos originais.

Em Lisboa, a primeira representação terá lugar no Hotel Ritz, desde o próximo dia 29 de Fevereiro a 3 de Março inclusive.

Um palco em tamanho natural será montado no salão de festas do hotel; e seguindo a tradição de Derek Nimmo, a representação terá lugar após um sumptuoso jantar. Será uma forma agradável e repousante de passar uma noite saboreando o bom teatro inglês.

Em cidades como Hong-Kong, este acontecimento tornou-se de tal modo um sucesso que cada época inclui mais de 30 representações.

Na Primavera de 1988 o British Airways Theatre apresenta no Hotel Ritz Intercontinental a peça «Rattle of a Simple Man» de Charles Dyer, interpretada por «Paula Wilcox e Geoffrey Hughes».

Este original, que teve o maior sucesso quando foi apresentada em Londres no Garrick Theatre, é da autoria do actor/escritor Charles Dyer que, como autor, concentra com humor o humanismo e a coragem das pessoas solitárias. Outra das suas peças, «Staircase», interpretada pela Royal Shakespeare Company e dirigida por Peter Hall, é famosa pelo seu enorme sucesso no Aldwich Theatre.

Contudo, «Rattle of a Simple Man» é o seu trabalho favorito e tem sido revivido constantemente nas mais variadas línguas pelo mundo fora. É uma comédia actual, divertida, convincente e comovedora, que marca a história de um solteirão solitário de Manchester, pronto para a disputa da Taça com cachecol, roseta e matraca, e a sua relação acanhada com uma mulher de vida fácil.

Paula Wilcox, que desempenha o papel de Cyrenne, apareceu recentemente no Hilton Playhouse em «Say Who You Are» com Derek Nimmo e Geoffrey Palmer. Terminou recentemente uma nova série de televisão «The Bright Side» transmitida pelo canal 4 em Inglaterra. Contudo, o seu maior desempenho foi em «The Lovers» com Richard Becknisale para a Granada Television. Apareceu em numerosas peças na televisão e desempenhou os principais papéis nas duas comédias da Thames Television «Man About the House» e «Miss Jones and Son». No West End desempenhou o papel de Lulu em «The Birthday Party» e de Elisa em «Pygmalion» no Shaw Theatre; foi Kate na produção do National Theatre «Bedroom Farce», e Mrs. Elvsted em «Hedda Gabler» no Cambridge Theatre.

Geoffrey Hughes, que desempenha o papel do homem simples que dá o título à comédia, é provavelmente mais conhecido dos telespectadores pela sua interpretação no personagem Eddie Yates na série da Granada TV «Coronation Street». Outros dos seus notáveis desempenhos foram em «Curry and Chips», «Don't Drink the Water», «no, Honestly», «The Mind of J. G. Reader», vários episódios de «The Likely Lads» e «Z-Cars» e «The Pigeon Fancier». Em 1984, gravou a tragicomédia chamada «The Bright Side», que apareceu recentemente no Canal 4. Actuou anteriormente numa produção itinerante de «Rattle of a Simple Man» e acaba de completar com muito sucesso uma época, desempenhando o papel principal em «Run For Your Wife» no Criterion Theatre.

A FORÇA DE MOLIÈRE

Carlos Porto

O MÉDICO À FORÇA, de Molière. Tradução: Alberto Gortler e Asdrúbal Teles. Encenação: Carlos César/Asdrúbal Teles. Cenografia/figurinos: Rui Mesquita. Máscaras/adereços: Pompeu José. Assistência de encenação/dramaturgia: Fernando Aredo. Música: Carlos Curto. Interpretação: Carlos Rodrigues, Maria Clementina, João Victor, Nuno Mello, Rui Serra, Asdrúbal Teles, Maria João Soares, Cristina Melo, Fernando Aredo e Fernando Guerreiro. Teatro Animação de Setúbal/Teatro de Bolso (23-1-88).

Não é das mais representadas esta peça de Molière, embora seja uma das melhores das suas farsas. Na minha teatrografia de Molière só consta um espectáculo com esse texto apresentado pelos alunos da Escola de Teatro do TEP dirigidos por Deniz Jacinto, foi isso em 1959. E no entanto o seu tema mantém-se duma actualidade que ninguém discute, já que é a saúde e os que dela tratam que estão em jogo. Sabe-se como Molière gostava e brincava com estas coisas!

A peça, para a qual, parece, Molière se teria inspirado numa farsa medieval, mantém características do género que a encenação do TAS (Carlos César e Asdrúbal Teles) acentuou puxando o espectáculo para o campo da commedia dell'arte.

O espectáculo funciona como obra de um grupo de saltimbancos, o que está de acordo com o projecto de itinerância que o TAS tem em vista com ele. Para isso, Rui Mesquita criou disposivos cénicos extremamente simples e bem imaginados: pequenas cortinas definidoras dos espaços que são erguidas das arcas em que são transportadas, graças a um dispositivo que os próprios facilmente manejam; também os figurinos de Rui Mesquita vão no sentido das características estéticas e de funcionalidade referidas, ajudando a procurada divisão do espectáculo: na primeira parte, as personagens da peça surgem sob as personagens arquetípicas da commedia dell'arte, na segunda, estas são sobrepostas pelas personagens, leitura que os próprios figurinos possibilitam. É uma leitura inteligente da obra que permite um jogo divertido que, no entanto, acaba por se tornar um tanto repetido e algo cansativo.

Não houve por parte dos encenadores o cuidado de não deixar prolongar o que parece ter um certo sentido de burlesco mas acaba por ser fatigante, por alguma falta de rigor, por alguma facilidade de expressão que este tipo de espectáculo permite. O que é agravado pelo facto de os intérpretes tenderem a deixar-se arrastar por situações que se debilitam por não ter havido a coragem de as interromper no momento preciso. Por isso o espectáculo ressente-se de falta de ritmo ou de descompassamento de ritmo. Como se ressente de uma tradução actualizada nem sempre no melhor sentido.

Estas reservas não impedem de se apreciar este espectáculo do TAS, nos limites que são os seus e nos outros, decorrentes do tratamento que esses mesmos limites sofreram.

A equipa de intérpretes surgiu renovada, com uma actriz (Maria Clementina) e um actor (Fernando Guerreiro) idos do TIL, diz-me aqui ao lado o Fernando Midões, com alguns jovens (entre eles Cristina Melo, com uma boa composição), e o trabalho seguro de Carlos Rodrigues, Nuno Mello e Asdrúbal Teles, com o risco daqueles caírem nos alçapões do excesso, o que por vezes acontece. Fernando Arede revela, uma vez mais, a incapacidade de criar e exprimir uma personagem, apesar do físico teatral de que dispõe.

Asdrúbal Teles, Maria João Sobral e Nuno Mello

NOTARIADO PORTUGUÊS
14.º Cartório
Notarial de Lisboa

Rua da Vitória, n.º 94-1.º
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 21 de Dezembro do ano findo, lavrada de folhas 29 a folhas 30 do livro de notas 92-E deste Cartório, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas, denominada «CISTERVOUGA – CONSTRUÇÕES METÁLICAS, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua da Cintura do Porto (INSTALAÇÕES MOBIL), Cabo Ruivo, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número sessenta e um mil e trinta e nove, de um milhão e quinhentos mil escudos para cinco milhões de escudos, mediante o reforço de três milhões e quinhentos mil escudos, dos quais um milhão e quinhentos mil escudos são realizados por incorporação de reservas de reavaliação e subscritos pelos actuais sócios na proporção das quotas que têm na dita sociedade e dois milhões de escudos ralizados em dinheiro e subscrito por cada um dos sócios com a importância de um milhão de escudos.

Que, por esta mesma escritura, alteraram os artigos primeiro e terceiro do respectivo pacto social, os quais ficaram com a seguinte redacção:

ART.º 1.º

A sociedade continua a adoptar a denominação de «CISTERVOUGA – CONSTRUÇÕES METÁLICAS, LIMITADA», e passa a ter a sua sede em Lisboa, Rua da Cintura do Porto, Cabo Ruivo, freguesia de Santa Maria dos Olivais e durará por tempo indeterminado a partir de um de Outubro de mil novecentos e oitenta e quatro.

ART.º 3.º

O capital social é de cinco milhões de escudos, está integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores da sociedade e corresponde à soma de duas quotas iguais de dois milhões e quinhentos mil escudos, pertencentes uma a cada um dos sócios.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos dezanove de Janeiro de mil novecentos oitenta e sete

O Ajudante,
(Assinatura Ilegível)

"D.L. 4/2/1988

NOTARIADO PORTUGUÊS
14.º Cartório
Notarial de Lisboa

Rua da Vitória, n.º 94-1.º
Notário: Lic. Manuel Gonçalves Pereira

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 26 de Novembro do corrente ano, lavrada de folhas 57 a folhas 58 verso do livro de notas 91-E deste Cartório, foi aumentado o capital da sociedade comercial por quotas denominada «TRANSPORTES AMARAL & FRIAS, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua Eiffel, número dois, segundo andar esquerdo, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número trinta e oito mil seiscentos e cinquenta e quatro de trinta e três milhões de escudos para sessenta e cinco milhões de escudos, mediante o reforço de trinta e dois milhões de escudos por incorporação de reservas de reavaliação constituídas nos termos dos Decretos-Leis números cento e dezoito, barra, oitenta e seis, quatrocentos e trinta, barra, setenta e oito e duzentos e dezanove, barra, oitenta e dois, subscrito por todos os sócios e na proporção das suas respectivas quotas.

Que, em consequência do referido aumento, alteraram o artigo terceiro do respectivo pacto social, o qual passou a ter a seguinte redacção:

ART.º 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores da sociedade, é de sessenta e cinco milhões de escudos e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

José dos Santos Frias – uma quota de valor de trinta e dois milhões e quinhentos mil escudos;

José Carlos Pereira Antunes Barroso – uma quota do valor de vinte e quatro milhões trezentos e setenta e cinco mil escudos; e, «Epitex – Sociedade de Construções do Vouga, SA», uma quota do valor de oito milhões cento e vinte e cinco mil escudos.

Está conforme.

Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos nove de Dezembro de mil novecentos oitenta e sete

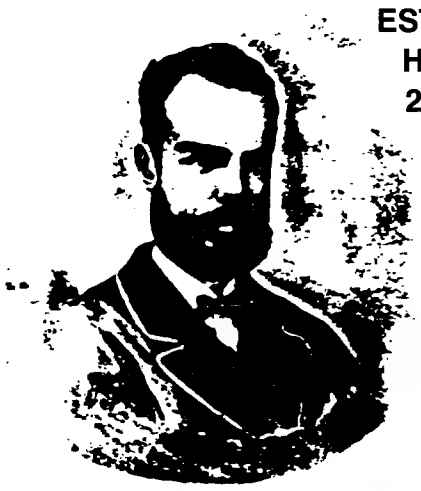
(Assinatura Ilegível)

"D.L." 4/2/1988

tel TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA

TEATRO VASCO SANTANA

METRO ENTRECAMPOS
TELEFONE 76 86 00



ESTREIA HOJE 21.30

As duas cartas
de *JÚLIO DINIS*

adaptação
e encenação de *LUZIA MARIA MARTINS*

Dispositivo cénico: Luis de Matos

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)

MANUEL MENDONÇA • VIEIRA DE ALMEIDA • HELENA FELIX • LUISA ORTIGOSO
MARIA DULCE • ANTÓNIO MACHADO • VERA AZEVEDO • CARLOS SANTOS • JOSE BRAS

SUB. SEC

PATROCÍNIO SONAE

CINEMAS

— Cher e Dennis Quaid juntos no «triller» de Peter Yates «Sob Suspeita», em exibição no Quarteto, 7.ª Arte e Terminal.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

DOCUMENTO SECRETO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O SICILIANO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O CAÇA POLÍCIAS — PARTE II
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

DEPOIS DA MEIA-NOITE
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O SICILIANO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

TRAJE DE NOITE
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

FONTAMARA
(Int. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Ávila

— T. 539930

MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio

— T. 372358

O CALOR DAS CALOIRAS
(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

ANNE A VICIADA
Porno
(Int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

O DRAGÃO IMPLACÁVEL
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

TESTAMENTO
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
TESTEMUNHA DE UM CRIME
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

Estúdio Anusha

OS INTOCÁVEIS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GANSOS SELVAGENS – II
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

GANSOS SELVAGENS – II
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

NAS PORTAS DO INFERNO
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

NO WAY OUT – ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

FORÇA DELTA
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O CAÇA POLÍCIAS – Parte II
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

OPERAÇÃO THOR
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

MICRO-HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

Sala 1

PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

ALTA TRAIÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.30, 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

PACTO FATAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

CAMPEÕES USA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.15, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

DOCUMENTO SECRETO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

O PERFUME DO AMOR PROIBIDO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS CHANFRADOS DA ROUPA SUJA
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olímpia

T. 325309

ENCONTROS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— T. 821933

OS SALTEADORES DA COBRA DE OURO
(Int. men. 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h

Politeama

T. 326305

DUELO DE PUNHOS
(Int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

SEM EIRA NEM BEIRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O LOCAL DO CRIME
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2

O DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O ALVO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 3

AS ASAS DO DESEJO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ESTRADA DE FOGO
(maiores 12 anos)
24.00 h

Sala 4

SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
ANGEL, O ANJO DA VINGANÇA
(maiores 16 anos)
24.00 h

Roma

T. 889192

GANSOS SELVAGENS – II
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

A DILIGÊNCIA DOS COMANDOS
(maiores 12 anos)
15.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

O CAÇA POLÍCIAS — PARTE II
(maiores 12 anos)
14.30, 16.40, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

O ÚLTIMO IMPERADOR
(maiores 12 anos)
14.15, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte

— T. 730715

SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

ATRACÇÃO FATAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

SOB SUSPEITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

ROMANCE NO RIO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O MASSACRE
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

OS RAPAZES DA NOITE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «O Último Instântaneo», às 15.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Cinestúdio — «Alta Traição», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
AMADORA — Babilónia — «Atracção Fatal», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Traje de Noite», às 21.30 h (maiores 16 anos).
CACÉM — Cinestúdio Flores — «O Siciliano», às 15.00 e 21.30 h.
MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Arizona Júnior», às 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Tubarão IV – A Vingança», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).
ALGÉS — Cinema 2000 — «As Minas de Salomão - parte II», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Uma Razão para Viver ou Outra para Morrer», às 15.30 e 21.30 h (Int. men. 12 anos).
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Tubarão IV — A Vingança», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «La Bamba», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)
NOVA OEIRAS — Cine Palmeiras — Sala 1 — «Romance no Rio», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «O Siciliano», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Ishitan», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Pacto Fatal», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).
Sala 2 — «O Querido Lilás», às 15.30, 19.00, 21.45 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Ana e Suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
ALMADA — Cinestúdio Almadense — «Cachorro Quente», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
ALMADA — Incrível Almadense — «Curto-Circuito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).
COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Gelado de Limão V», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).
COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Trinitá Cowboy Insolente», às 15.45 e 21.30 h (maiores 6 anos).
Sala 2 — «Jack Speed, o Vingador», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos).
BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «A mais Louca Odisseia no Espaço», às 15.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

ESTREIA NO VASCO SANTANA

A Companhia Teatro - Estúdio de Lisboa estreia esta noite, no Teatro Vasco Santana (na Feira Popular), a comédia «As Duas Cartas», de Júlio Diniz. Trata–se de uma peça escrita em 1857, que até à data nunca tinha sido apresentada em palcos profissionais.

Disse Eça de Queiroz que «Júlio Diniz terá o seu dia de justiça e de amor». Pois que o público corresponda e acorra ao Vasco Santana para assistir a mais esta produção do Teatro–Estúdio de Lisboa.

«As Duas Cartas» tem encenação de Luzia Maria Martins, cenário de Luís de Matos, e interpretação de Manuel Mendonça, Carlos Vieira de Almeida, Helena Félix (que reaparece após ano e meio de ausência dos palcos), Luísa Ortigoso, Maria Dulce, António Machado e Vera Azevedo (uma finalista do Conservatório que faz a sua estreia), Carlos Santos e José Brás.

E agora é bom que fixe os horários: «As Duas Cartas» no Vasco Santana, de terça a sábado às 21,30, domingos às 16 horas.

EXPOSIÇÕES

FORUM PICOAS: até 17 de Fevereiro, das 12 às 24 horas, a exposição AR. CO + FSE, que reune três centenas de trabalhos de cerâmica, desenho, gráficas, cantaria, escultura, pintura, serralharia, fotografia e ourivesaria, executados durante os cursos no âmbito do Fundo Social Europeu, por 145 prticipantes.

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): até 23 de Fevereiro, duas exposições patentes de terça a domingo das 15 às 20: pintura de Alda Nobre e «Não-Coisas» de Maria Jerónimo.

ESPAÇO DO PINTOR (R. de S. Nicolau, 119-2º-Dt.): aguarelas e óleos de Estêvão Soares até 26 de Fevereiro, de segunda a sexta das 14 às 19.

A PADARIA DO POVO (R. Luís Derouet, 20): até 15 de Fevereiro, dias úteis das 18 às 23 e fins-de-semana das 15 às 23, uma exposição de colectiva de escultura com trabalhos de João Duarte, António Trindade, Helder Batista, Alberto Gordillo, Virgílio Domingues, Rui Matos e Jorge Pé-Curto. Apoio da Junta de Freguesia de Santo Condestável.

ALMADA (átrio da Câmara Municipal): «A Cor que a Cidade tem», uma exposição de fotografias sobre diversos aspectos do quotidiano da cidade, da autoria de Nuno Avelar Pinheiro.

AMARANTE (Clube Amarantino): até 14 de Fevereiro, das 15 às 22, exposição de aguarelas de Manuel Ferreira.

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 27 de Fevereiro, Cerâmica de Artur José. Patente de terça a sábado das 14 às 20.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século): até 20 de Fevereiro, Pintura de Carlos Rocha Pinto.

GALERIA CAPITEL (Leiria): até 8 de Fevereiro, exposição de Kira com o tema «A Nossa Terra». De segunda a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas):até 28 de Fevereiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Álvaro Perdigão, Artur Bual, Cesariny, Eduardo Nery, Hilário Teixeira Lopes, João Hogan e Noronha da Costa. De segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18, domingos das 16 às 18.

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 21 de Fevereiro, a exposição «Artistas de Setúbal» (pintura, escultura, cerâmica e outros materiais).

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): para início de época, uma exposição com fotografias de Fernando Curado Matos e Sérgio Eloy - «Texturas». De segunda a sexta das 18 às 22, sábados das 15 às 19.

RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): até 8 de Fevereiro, pintura de Castro Lopo, diariamente das 12 às 24.

GALERIA DO HOTEL PRESIDENTE (R. Alexandre Herculano, 13): até 25 de Fevereiro, diariamente das 14 às 24, uma exposição de Pintura de Mário Silva.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de António Santiago, «Estacão dos Encontros».

MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 4 de Fevereiro, Pintura de Carlos Alberto Santos.

ATLANTIS (Restaurante-Bar-Concerto, Paivas-Seixal): Pintura de Victor Ferreira.

TAPADA DA AJUDA (Pavilhão de Exposições): até 17 de Fevereiro, diariamente das 15 às 21, uma exposição de pintura e escultura «Projecto 1988» de Catarina Baleiras.

GALERIA NASONI (R. Galeria de Paris, 68-Porto): até 4 de Fevereiro, exposição de originais de Dali, Miró e Picasso; na Sala Atlântica (no nº 67 da mesma rua) e também durante o mesmo período, Pintura de Teresa Magalhães.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 15 de Abril, a exposição «Brinquedos Caboverdianos», brinquedos manufacturados pelas crianças de Cabo Verde em barro, madeira, arame e lata.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

GALERIA SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 23 de Fevereiro, de segunda a sábado das 15 às 20, uma exposição de Pintura da autoria de Artur Bual. Trata-se de uma nova galeria de arte, dirigida pela pintora Helena Matta e pela escultora Isa Relvas.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: até 16 de Fevereiro, Design de Jorge Alves diariamente das 10 às 20.

GULBENKIAN (exposições temporárias): a exposição «Projectio» da artista brasileira Regina Silveira.

MUSEU DE AVEIRO: organizada pela Fundação Gulbenkian, a exposição itinerante «Gravuras da Colecção Gulbenkian», até 6 de Março.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (R. Tenente Valadim, 231-Porto): até 6 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14,30 às 18,30, a exposição de Fotografia «O Porto por Manuel Fonte».

MUSEU DE ARTE ANTIGA: exposição de Pintura «As Imagens da escrita» (Paineis de Nuno Gonçalves) de João Vieira.

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): a exposição «Fernando Lanhas 1943-1988».

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): Pintura de José Paulo Ferro até 22 de Fevereiro, de segunda a sábado das 10 às 19.

POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): até 17 de Fevereiro, a exposição da «dupla» Poli/Plástica, intitulada o «Enigma da Atlântida», dos pintores Caseirão e José Eduardo Rocha. Patente de segunda a sexta das 9 às 20 horas.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril): a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta uma exposição de Pintura de Arnaldo Metzner Serra, até 21 de Fevereiro diariamente das 9 às 19.

CASA-MUSEU ÁLVARO DE CAMPOS (Tavira): até 27 de Fevereiro, fotografias de Manuela Portelinha intitulada «À Margem», de terça a sábado das 15 às 19.

GALERIA DOS MILAGRES (Edifício Coimbra-Coimbra): até 12 de Fevereiro, uma exposição de fotografia de Artur Pedro Franco, patente de terça a domingo das 15 às 19.

GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 6 de Fevereiro, uma exposição de escultura de Sílvia Westphalen, patente de terça a sábado das 14,30 às 19,30.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 21 de Fevereiro, duas exposições: «Inflexões», pinturas de Regina Silveira e «Triluz-Holografias» de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Júlio Plaza, Moysés Baumstein e Wagner Garcia. De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19

GALERIA LIOZ (C. Comercial Alto da Barra-Oeiras): Pintura de Margarida Areias de Almeida Santos.

GALERIA JN (R. de Gonçalo Cristovão-Porto): escultura e desenho de Zulmiro de Carvalho, de terça a sábado das 14,30 às 19,30.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 14 de Fevereiro, a exposição de Fotografia «O Mar» de Fernando Curado de Matos.

GALERIA ESCADA (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): até 20 de Fevereiro, pintura de Alfredo Luz e escultura de Pé-Curto, patentes de segunda a sexta das 14 às 20 e sábados das 10 às 14. Hoje, durante a inauguração, perfomance com os actores Fernando Gomes, Maria Vieira, Adriano Luz e António Gomes.

BARREIRO (estúdio de Augusto Cabrita na R. Dr. Eusébio Leitão, 20): Pintura Cerâmica de Antão (António Osório de Castro).

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 13 de Fevereiro, a exposição colectiva de Pintura «Visões Latinas» com a representação de Agueda Lozano, Artur Piza, Jorge Soler, Juan Valladares, Julio Pacheco-Rivas, Júlio Pomar, Leonardo Cremonini e Yann Dugain.

LOJA DE DESENHO (R. Academia das Ciências, 2-B): até 20 de Fevereiro, de terça a sábado das 15 às 19,30, uma exposição de Pedro Chorão.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): até 7 de Fevereiro, uma exposição de fotografias de pereira de Sousa subordinada ao tema «Longe da Terra, Cá pela Serra». Promovida pela Associação para a Defesa da Cultura de Arouca, com o apoio da Comissão Nacional do Ano Europeu do Ambiente, Centro UNESCO-Porto e Jornal de Notícias.

BAILADO

GULBENKIAN (grande auditório): às 18,30 o bailado «Treze Gestos de um Corpo» com coreografia de Olga Roriz, música de António Emiliano; «Ária» com coreografia de e figurinos de Vasco Wellencamp e música de J. S. Bach e «Grosse Fugue com coreografia e figurinos de Hans Van Manen, música de Beethoven. Interpretação do Ballet Gulbenkian.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 concerto pela Orquestra Gulbenkian com obras de Mozart. Maestro Viatccheslav Ovtchinnicov, com Stanislav Bunin ao piano.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às18,30 «De L´Argentine»/1986 de Werner Schroooeter (legendado em francês); às 21,30 «Paraíso»/1987 de Doris Dörrie (legendado em inglês).

ESPECTACULAR

ESPECTACULAR

Perdei a esperança, vós que às três da tarde ligais para a Rádio Portuguesa: apanhais na cara com uma colossal avalancha de bola. Portugal, domingo à tarde, é um corpo de anão com uma cabeça de gigante. Imaginai uma formiga que, em lugar de seu focinhito natural, tivesse uma bola de futebol... Andava eu em busca de um pouco de tranquilidade (histerismos não são comigo) quando, chegando à Antena Um, *ouvi uma voz brasileira. Ia passar adiante. Sotaque brasileiro nos futebois deixou há muito de ser uma surpresa. Agora é a rotina. Mas fiquei porque, entretanto, escutei o nome de Valdo. E como gosto dos enredos de telenovela, fui ficando. Era uma «cacha».* Antena Um *entrevistava o craque ainda no Brasil. Dava-o já com o pé no estribo a caminho do Benfica. Valdo saudava os seus futuros companheiros, desejava-lhes as maiores felicidades para o jogo desse dia. Contam-me que no estádio da Luz a notícia provocou entusiasmo. Falo disto, eu, que não gosto de futebolizar mais do que já estamos. Falo pela iniciativa, pelo espírito de* cacha *que é a alma do jornalismo. Jornalismo sem «cacha» não encaixa.* Antena Um *bateu a concorrência em velocidade. É assim mesmo...*

José Mirandum

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE: Brasil**, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **LUMIAR - QUINTA DO LAMBERT: Reis**, R. Pedro Bandeira, 2-A; **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTOS: Marcos Nascimento**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **ODIVELAS: Catela Tavares**, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA: Gaspar Pote**, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 902221). OLIVAL BASTO: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 18-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU:: Fonseca**, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: Parque**. Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias e Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 211487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Heleno, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964746). Permanente; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938651). Até às 22 horas; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **QUELUZ: O'Neill Pedrosa**, R. Casal do Olival, lote A-3 (T. 4377205). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2570696). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1 (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIADA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barrilet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez. Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Florbela Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Betencourt

Sala Polivalente

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O LAGARTO DO ÂMBAR**», de Maria Estela Guedes. Encenação de Alberto Lopes. Interpretação de João Anjos, João Grosso, Maria José Camecelha e Ângela Pinto.

Teatro do Seculo

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 07

Sábados às 21.30

Domingos às 17.00

«**METRO CABARET**«. Espectáculo musical. Texto de Fernando Gomes. Música de Zé Carraza. Com Fernando Gomes, Maria Vieira e Adriano Luz.

Laura Alves

R. da Palma, 253 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 21.30; sábado, domingo e feriados, às 16.00 e 21.30; sábado, domingo e véspera de feriado, às 21.30 e 23.30.

«**O NOSSO AMOR É LISBOA**», de Paco Gonzalez. Interpretação de Paco Gonzalez, Mário Rainho, Ermelinda Lopes, entre outros. Atracção do fado, Maria Portugal.

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

Terça a quinta, às 20.30; sexta e sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**GRANDE PAZ**», de Edward Bond. Cenários de Luís Miguel Cintra. Interpretação de Alda Rodrigues, Maria Breia, Raquel Maria, Laurinda Ferreira e Miguel Guilherme.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Às 20.30 e 23.00

«**FESTA NO PARQUE**«, texto e melodias de José Viana. Intérpretes: Dulce Guimarães, Camacho Costa, Carlos Areia, Dora Leal e José Viana e ainda a cantora de jazz Maria Viana.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

Sextas e sábados, às 21.30; domingos, às 17.00

«**LENDAS DE AMOR E MORTE**», de Yukio Mishima. Encenação de Blanco Xil. Cenários de Francisco Ferreira de Almeida. Figurinos de António Filipe. Interpretação de Adelaide João, António Filipe, Francisco Soromenho, Maria José Baião, Teresa Corte-Real, Artur Mendonça, Ana Rita e António Liza.

T. Trindade

R. Nova da Trindade. tel. 323200

De 3.ª a 6.ª, às 21.30; sábado, às 16.00 e 21.30; domingo, às 16.00

«**FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL**», de Marcos Rey.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Av. Calouste Gulbenkian

(Tel. 2760818) — Sáb. e dom. às 16.00

«**A VIAGEM**»

Pelo Grupo de Teatro «O BANDO».

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 — Tel. 29 130

Quinta e sexta, ás 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«**O MÉDICO À FORÇA**», de Molière. Pelo TAS. Encenação: Carlos César/Asdrúbal Teles. Intérpretes: Carlos Rodrigues, João Vítor, Maria Clementina, Nuno Mello, Rui Serra, etc.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**O BALCÃO**«, de Jean Genet. Com encenação de Carlos Avilez.

Teatro da Cantina Velha

Cidade universitária, junto à reitoria

De 3.ª a Sábado, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30

«**A ESPUMA DOS DIAS**», de Boris Vian. Pelo Ibis — Teatro Universitário. Encenação de Paulo Filipe. Interpretação de Alberto Gomes, Élio Correia, Isabel Carlos, Jorge Ferraz, Mário Carneiro e Sílvia Brito.

Porto — Auditório Carlos Alberto

R. das Oliveiras — Tel. 28 65 95

Dias 27, 28 e 29, às 21.30; dias 20 e 31, às 16.00 e 21.30

«**A DAMA DO MAXIM'S**», de Georges Feydeau. Pelo Novo Grupo. Encenação de João Lourenço. Interpretação de Amílcar Botica, Canto e Castro, Irene Cruz, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Teresa Sobral, Virgílio Castelo e Fernanda Montemor.

Porto — Casa do Infante

«**O MARINHEIRO**», de Fernando Pessoa. Pelo Grupo de Teatro da Caixa de Pandora. Encenação de Fernando Costa. Interpretação de La Salette Álvaro, Odete Correia e Rosária Rocha.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

6.ªs, ás 21.30; sábados, às 16.00 e 21.30; domingos, às 16.00

M«**A DAMA DO MAXIM'S**», de George Feydeau. Encenação de João Lourenço. Com: Irene Cruz, Canto e Castro, Fernanda Montemor e Joaquim Rosa.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 2 25 50

De 3.ª a 5.ª, às 21.30; 6.ª e sábado, às 20.30; domingo, às 16.00 e 21.30

Preço: de 250$00 a 1200$00

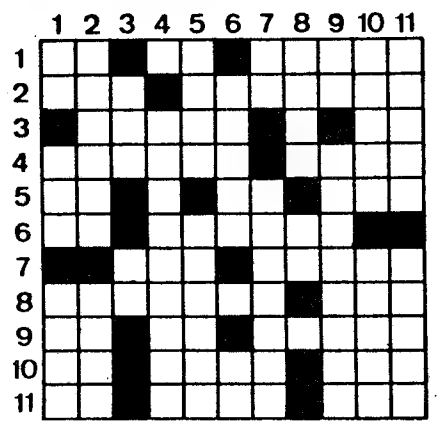
«**TOMA LÁ REVISTA**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Delfina Cruz, Carlos Cunha, Marina Mota, Fernando Mendes e Leonor Edwiges.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17250

HORIZONTAIS:

1 Pata. Preposição. Invólucro.
2 Variedade de abelha do Brasil que faz o ninho no chão. Azar (pop).
3 Sarraceno. Viração.
4 Filho de Neleu, rei de Pilo, o mais idoso dos príncipes, que assistiram ao cerco de Tróia. Caruma.
5 Prefixo de privação. Interjeição brasileira, o mesmo que oh! Ecoo.
6 Porto (inv). Fruta seca especialmente uvas.
7 Zombas. Economiza.
8 Dissimulo (fig). O mesmo que amir.
9 Clima. Artigo indefinido. Degradação (fig).
10 Basta! Cidade de Itália. Prendo.
11 Antes do meio-dia. Costumes. Solitários.



VERTICAIS:

1 Letra grega. Recusa. Freguesia do concelho de Castelo Branco.
2 Cidade do Alto Egipto, junto do Nilo. Lavram.
3 Preposição e artigo. Reis.
4 Cidade do Estado da Baía, Brasil.
5 Enfermo. Guarnecemos de asas.
6 Gorgulhos tropicais. Moderato.
7 Cloro (s.q). Planta herbácea, da família das ranunculáceas, cultivada em Portugal.
8 Camareiras. Preposição e artigo.
9 Serviço Nacional. Tomavas sobre ti.
10 Convoco. Apelido.
11 Irmão de Moisés. Tribo indígena brasileira.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17249**

HORIZONTAIS:

1 PORCO. Ocaso.
2 Aleite. Alar.
3 Uivo. SABIDO.
4 V.º. Apt. Si.
5 Pelágio. Soo.
6 Rita. NÃO. SE.
7 Orar. Hino.
8 Sarado. Só.
9 Aué. Papos.
10 Dás. Mu. COÇA.
11 EM. Correras.

VERTICAIS:

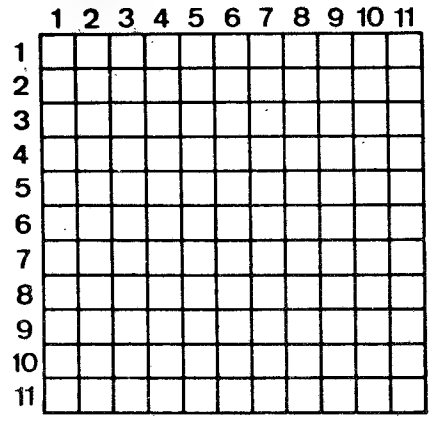
1 PAU. Prós. DE.
2 Oliveira. Am.
3 Revoltaras.
4 Cio. Aarau.
5 To. Ag. Demo.
6 ESPINHO. Ur.
7 Atoai.
8 Cab. No. Ace.
9 Aliso. Por.
10 Sadios. Soca.
11 Oro. Serosas.

PROVÉRBIO: Porco sabido não se coça em pau de espinho.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 075

HORIZONTAIS:

1 Cidade do Japão. Um dos Estados do Brasil.
2 Boi selvagem. Ter por obrigação.
3 Aspecto amável (pl).
4 Prefixo de negação. Simples.
5 Espezinhas. Doutor.
6 Composição poética. Neon (s.q). Religião.
7 Sufixo que designa estado. Tálio (s.q). Ave africana.
8 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Sufixo que designa estado.
9 Pequeno símio do Brasil. Serviço Nacional. Possuir.
10 Punhal usado pelos antigos romanos. Riscar.
11 Ditas. Sapo do Amazonas.



VERTICAIS:

1 Urze do mato. Abreviatura de Santíssimo.
2 Pátria de Abraão. Domesticais.
3 Uma das Cíclades. Eirado.
4 Clima.
5 Nome dado por Bartolomeu Dias ao cabo da Boa Esperança.
6 Repugnante.
7 Recitará. Reis.
8 Cargas. Apelido.
9 Antepassados. Nota musical. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
10 Rente. Ornamentar.
11 Clima. Antigo superior de convento. Ruténio (s.q).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 074**

HORIZONTAIS:

1 Jamaica. CCC.
2 Atormentara.
3 Nora. Lírios.
4 Ilo. Temera.
5 Na. Sapo.
6 Arco. Tia. Pê.
7 Rues. Nas.
8 Am. Pi. Caro.
9 Tolo. Cp. Tal.
10 Usa. Cassa.
11 Saloios.

VERTICAIS:

1 Janina. Atua.
2 Atolaremos.
3 Moro. Lãs.
4 Ara. Corpo.
5 Im. Ui! Cl.
6 Celeste. Cão.
7 Animais. Psi.
8 Trepa. Só.
9 Cairo. Natas.
10 Cróa. Pará.
11 Cãs. Resolve.

Rádio

Antena Um
17.00: Sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A viver também se aprende; **21.00**: Diálogo; **21.30**: Imaginário; **00.25**: Voo de pássaro; **02.00**: A arte de bem madrugar; **06.00**: Linha directa. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo
16.05: Sonata, de Elliot Carter; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Estórias da História; **17.40**: Trechos de ópera; **18.40**: Música, de Vivaldi; **19.00**: Integrais; **19.40**: Requiem, de Andrew Lloyd Webber; **20.40**: Música, para cravo, de Bach; **21.00**: Histórias de música e... outras; **21.30**: O compositor interpretando a sua obra; **22.00**: Música vocal comentada; **23.00**: Concerto sinfónico; **00.50**: Conjuntos instrumentais; **01.50**: Último andamento. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial
Onda Média (283, 290 e 397m)
14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiário de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**:»? Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM
13.00: Todos à uma; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Nove e tal; **22.05**: Congresso dos leigos; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional FM Estéreo
09.00: Cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo
15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega
15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa
15.00: A Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Triângulo; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço.

Voz do Minho
16.00: Linha do Minho; **18.00**: Bola branca;

SÁBADO TELEVISÃO

RTP

17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
«O Ursinho Teddy», «Vem Lá Filme» e «As Aventuras de Punqui»

18.30 - Você Sabia Que...
19.00 - O Império de Carson
81º Episódio:

19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.08 - Direito de Antena
«CGTP-IN»

20.20 - Roque Santeiro
80º Episódio: João Ligeiro perde a corrida de cavalos e Malta paga a Ronaldo a aposta de cem milhões de cruzeiros. Este entrega o cheque a Padre Hipólito deixando todos muito impressionados com a sua caridade.
Flô tenta queimar um retrato de Amparito mas Pombinha consegue salvar uma parte e descobre o que ele não quer revelar.

21.10 - Primeiro Andamento
Tributo a António Fragoso

21.45 - Telemundo
22.15 - A Clínica da Floresta Negra
16º Episódio

23.15 - 24 Horas
23.45 - Remate

RTP 2

15.40 - Horizontes de Glória
7º Episódio

16.40 - Trinta Minutos Com...
Maria de Jesus (Presidente do Clube de Leça do Bailio)

17.10 - Os Imigrantes
181º Episódio

18.00 - Ponto por Ponto
19.05 - Formula One
20.05 - Naked City
24º Episódio

20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - Já Está!
Joaquim Letria apresenta mais uma edição de «Já Está!», em que o Bispo de Setúbal, D.

No 1º canal às 21.10, «Primeiro Andamento»

«Já Está!», no 2º canal às 21.35

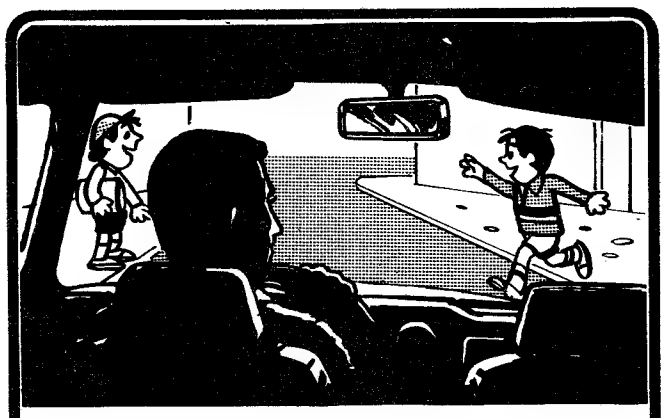
Manuel Martins será entrevistado. A «Moldura» é dedicada ao pintor portuense Gerardo Brumester, e na «Prova de Contacto», Clemente troca de reportório com Cândida Branca Flor. A secretária de Estado, Isabel Mota, será «analisada» pelo computador na rúbrica «Auto-Retrato». Destaque para a actuação musical do grupo GNR e Tony Amor.

22.55 - As Teias da Lei
16º Episódio: Leland McKenzie almoça com Raymond Lloyd, o sócio marioritário de uma firma de advogados com sede em Nova Iorque, que lhe propõe a fusão das duas empresas em que trabalham. McKenzie, sem conhecer a opinião dos seus colegas, declina a proposta. Mais tarde, porém, durante a reunião arrepende-se da decisão que tomara pois as críticas são unânimes.

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Bom Dia
10.00 - Ás Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.30 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.36 - Sumário
17.40 - Brinca Brincando
18.25 - Os Anos Não Contam
18.55 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.10 - Sonhos de Ontem
22.00 - Programa das Festas
22.30 - 24 Horas
23.00 - Remate
23.10 - Pela Noite Dentro

RTP-2
13.16 - Totally Live
14.10 - Agora, Escolha
15.40 - Os Anos Trinta
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.10 - Os Imigrantes
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Formula One
20.00 - Naked City
20.50 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - O Aventureiro de Monóculo
23.00 - Troféu


AOS CONDUTORES
"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP1 21.10 - Primeiro Andamento
RTP2 22.55 - As Teias da Lei
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

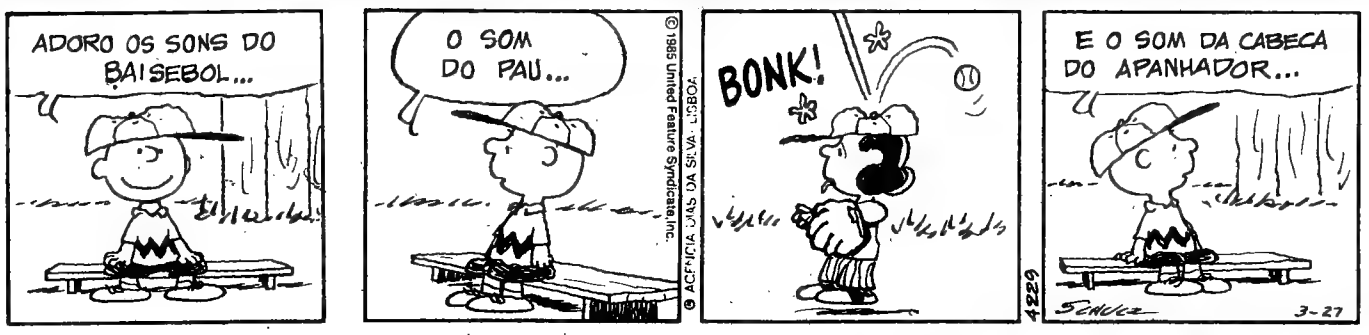
«Roque Santeiro»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos



ÚLTIMA HORA

O segundo secretário da embaixada polaca em Estocolmo desertou e pediu asilo político numa esquadra da polícia para estrangeiros a Norte da capital sueca. Marek Lewicki, dirigiu-se à esquadra acompanhado da mulher, que é suíça, e do filho. Este foi o segundo diplomata polaco a desertar nas últimas duas semanas (antes, em meados de Janeiro, fora o vice-cônsul, também acompanhado da família).

Metro: greve talvez no dia 11

Se as negociações com o Conselho de Gerência marcadas para as próximas segunda, terça e quarta-feira não chegarem a bom termo, os trabalhadores do Metropolitano de Lisboa podem paralisar na quinta-feira, dia 11, das seis às onze horas, segundo foi ontem decidido em plenário.

O pré-aviso de greve para quinta-feira foi já entregue pela FESTRU, e o SITRA tem o seu já pronto para apresentar para o mesmo dia e horas, segundo dirigentes daquelas estruturas sindicais afirmaram ao «DL».

Em confronto estão as propostas de aumento salarial dos sindicatos —15,5 por cento da FESTRU e um escudo por quilómetro percorrido; e 12 por cento do SITRA — e a da empresa, que apenas propõe seis por cento, apesar de inicialmente ter avançado com uma revisão salarial de 3,5 por cento.

Carris: greves continuam para a semana

Os trabalhadores da Carris cumpriram hoje mais um dia de greve, que continua a ter uma adesão total. Face ao impasse nas negociações com a Comissão Administrativa, os sindicatos apresentaram novos pré-avisos de greve para a próxima semana, a ser cumprida nos mesmos períodos. Se a situação se mantiver, os trabalhadores entram na sua quarta semana de greve consecutiva. Como afirmou uma fonte do SITRA, «os trabalhadores não estão dispostos a aceitar o que lhes querem impor e lutarão até às últimas consequências».

TAP pode fazer greve

Também os trabalhadores da TAP poderão entrar em greve, caso o Conselho de Gerência não reiniciar as negociações do Acordo de Empresa. Esta posição foi tomada ontem durante um plenário nas instalações do aeroporto de Lisboa.

Alguns sindicatos aceitaram o acordo com base na proposta de aumento de 6,8 por cento apresentada pelo Conselho de Gerência, acordo que não prevê quaisquer outras garantias. No entanto, o SITAVA, sindicato que abrange quatro dos oito mil trabalhadores da TAP, rejeitou a proposta.

Aníbal Mendonça libertado após 303 dias na Penitenciária

Após 303 dias de detenção na Penitenciária, o jornalista Aníbal Mendonça foi ontem à tarde libertado, na sequência de um recurso que apresentara ao Tribunal de Relação de Lisboa, não lhe tendo sido fixada qualquer caução.

Aníbal Mendonça fora detido em 6 de Abril de 1987, acusado dos crimes de corrupção e burla alegadamente cometidos entre 1982 e 1983, enquanto assessor de Imprensa do então ministro do Trabalho, Luís Morales, actual delegadodo Governo no distrito de Setúbal.

Em carta dirigida ao ministro da Justiça, quando à meia-noite do passado dia 25 Janeiro entrou em greve de fome, Aníbal Mendonça alegava que, por «na sua qualidade de jornalista ter agitado na opinião pública o caso da falência fraudulenta da Caixa Económica Faialense, em que um dos administradores era precisamente Luís Morales, se viu de um momento para o outro preso, em circunstâncias que dão nitidamente corpo à figura jurídica de sequestro de pessoa, arguido de quatro crimes por decisão do Ministério Público, sem que no processo já instaurado haja qualquer prova material ou testemunhal.»

No período em que esteve detido Aníbal Mendonça sofreu um enfarte de miocárdio, tendo os próprios Serviços Médicos da Penitenciária considerado que «sofria de um quadro clínico susceptível de pôr em risco a sua vida». Durante a greve de fome foi visitado por Joaquim Letria, na qualidade de presidente do Sindicato dos Jornalistas, o qual constatou «o profundo estado de ansiedade e desequilíbrio emocional» em que Aníbal Mendonça se encontrava.

/D/E/C/A/R/A/S/

VÍTOR CONSTANCIO participa hoje, em Bruxelas, numa reunião dos partidos socialistas e sociais-democratas da CEE, que vão discutir questões económicas. Segundo o gabinete de Imprensa do PS, durante o encontro serão apreciados um relatório de Jacques Delors sobre a situação económica na Comunidade Europeia e outro de Pierre Guidoni sobre a crise económica mundial.

MARYLIN MONROE não foi esquecida pelos seus admiradores, sobretudo os que têm dinheiro. Desta vez trata-se da venda em leilão da blusa que usou no filme «Bus Stop», que tem bordados, à mão, os nomes da produtora («20th Century Fox»), o da actriz, a letra A e os números 769-04. O leilão, que se realiza na galeria britânica «Sotheby's» na próxima semana, consta de um lote de peças de vestuário de gente famosa, entre as quais se destaca a blusa de Marylin.

JOSE CARRERAS regressou a casa, após quinze dias de internamento hospitalar em Washington. O tenor espanhol foi submetido a uma operação na medula, com a qual os médicos pretendem evitar a progressão de uma leucemia. Carreras deve apresentar-se diariamente no hospital para ser orientado em exercícios físicos de recuperação ao longo de duas ou três semanas, após o que os médicos prevêm que o tenor possar regressar a Barcelona para recomeçar a trabalhar. Os especialistas que o têm tratado admitem que recupere «completamente» a voz.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO, poeta e diplomata, foi hospitalizado na clínica de Botafogo, no Rio de Janeiro, devido a uma depressão de origem nervosa. Familiares do escritor disseram que a depressão não é grave e os médicos informaram que João Cabral apenas precisa de se isolar durante uns dias. Melo Neto pretende deixar o Brasil e viver definitivamente em Portugal, confidenciou a amigos. Segundo o jornal «A Folha de S. Paulo», o poeta e a esposa, Marly Oliveira, compraram recentemente uma casa no Porto, onde pretendem fixar residência. Depois de ter sido cônsul-geral do Brasil no Porto, o diplomata — que ascendeu a embaixador — está no quadro especial do Ministério das Relações Exteriores, na condição de aposentado, e nesta situação terá de permanecer dois anos, pelo que mudará para Portugal até 1990.

PELÉ considera que o Brasil não está em condições de promover, a nível elevado, o Campeonato Mundial de Futebol de 1994, apesar de ter endereçado à FIFA um pedido oficial nesse sentido. Segundo o antigo jogador brasileiro, que fez declarações à Imprensa em S. Paulo, o seu país enfrenta demasiados problemas económicos. Milhões de brasileiros padecem de fome e a dívida externa é enorme. «Por conseguinte, não se pode esperar ajuda do Estado, pelo que seria uma loucura realizar no Brasil um torneio desportivo tão grandioso», acentuou Pelé.

JOHN DEMJUNJUK, criminoso nazi, viu um acusador público de Israel pedir ao tribunal que o está a julgar que o considere culpado da morte de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Jonah Blatmann afirmou, durante a sua alegação final no tribunal, que existem provas de que Demjanjunk e o guarda do campo de concentração nazi conhecido por «Ivan, o terrível» são uma e a mesma pessoa. «Pedimos que o réu seja considerado culpado de todas as acusações feitas contra ele», adiantou. Demjanjunk, cujo julgamento se iniciou há 11 meses, foi extraditado dos Estados Unidos para Israel em 1986.

Manuel Moreira: PSD aposta em ganhar Gondomar

O PSD aposta em ganhar as próximas eleições para a Câmara Municipal de Gondomar, segundo disse hoje de manhã ao «DL» o secretário-geral adjunto para as autarquias, Manuel Moreira. Este responsável considerou que «perante aquilo a que se assistiu» e levou à dissolução do município e em face do «desgaste da imagem do presidente, que inclusivé teve problemas para que o PS o apresentasse como cabeça de lista em 85», a conquista da autarquia é um objectivo possível.

Manuel Moreira recordou ainda que os social-democratas, em 1985, venceram a votação para a Assembleia Municipal e só perderam a Câmara por cerca de mil votos, bem como que o PSD dirigiu a autarquia, em coligação com o CDS, no tempo da AD.

É este conjunto de circunstâncias que leva aquele dirigente social-democrata a considerar que o seu partido pode obter «um bom resultado, ou seja, a ganhar a Câmara Municipal».

Por outro lado, e no seguimento de visitas a Vila do Conde e à Amadora, Manuel Moreira afirmou como objectivo do PSD a vitória nas Câmaras daquelas duas cidades. «Face ao crescimento acentuado que temos verificado nestes dois casos, constatámos que temos condições para nos apresentarmos como alternativa».

No caso da Amadora, o dirigente social-democrata recordou que nas legislativas o PSD teve tantos votos como o PCP e o PS juntos e, sublinhou, que «a secção tem trabalhado muito bem e os nossos militantes estão convencidos da vitória». «São constatações feitas no terreno, à medida que as nossas visitas aos distritos e aos concelhos vão decorrendo», acrescentou.

O responsável pelas autarquias recordou que um dos objectivos social-democratas é a ampliação da votação obtida em 19 de Julho, o que só será possível «se trabalharmos muito bem», sublinhando a importância da escolha de candidatos.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 340

Primeiro Centenário do nascimento do poeta

Congresso Pessoano no Brasil

«UM juízo sobre Pessoa é sempre um juízo redutor» — assim se pronunciou Maria Aparecida Santilli, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de S. Paulo, Brasil, quando se pronunciou, para Ler/Escrever, sobre o IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos, a realizar naquele país de 26 a 30 de Abril próximo, no estabelecimento de ensino superior acima referido, com a participação da Universidade de Campinas. (Com aquela simples frase, Santilli demonstrou quanto Pessoa é múltiplo.) Simultaneamente, e na mesma Faculdade, decorrerá o XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Por sua vez, o Congresso insere-se nas comemorações do primeiro centenário do nascimento de Fernando Pessoa.

Maria Aparecida Santilli, coordenadora do Congresso Pessoano, dirige, na Faculdade de Letras de S. Paulo, o Centro de Estudos Portugueses, bem como o Departamento de Estudos Africanos, por ela fundado. Não é uma docente de gabinete: esteve, por exemplo, em Angola, em contacto com os escritores locais.

É ainda crítica literária — e culturalmente está ligada a Portugal, bastando comprovar tal como a sua tese de doutoramento: «Júlio Dinis — romancista social.» Após o doutoramento, deu-se a uma outra tese, designada por «Arte e Representação da Realidade no Romance Contemporâneo», na qual se debruça sobre as obras de Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Augusto Abelaira, Manuel Ferreira e Vergílio Ferreira.

«E vou continuar a aprofundar a literatura portuguesa, nomeadamente a dos últimos anos, pois que muita coisa nova surgiu na ficção portuguesa» — afirma a professora brasileira.

O IV Congresso Internacional de Estudos Pessoanos conta já com a inscrição de 131 comunicações — e o XII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa compreende, até ao momento, 89 comunicações.

Estas comunicações, quer para o Congresso quer para o Encontro, são de intelectuais de todo o Brasil, de Portugal, Índia (Goa), Rússia, Checoslováquia, Itália, Suíça, Alemanha, França, Holanda, Espanha, Grã-Bretanha, Canadá, Estados Unidos, México, Porto Rico, Argentina...

A título meramente noticioso, aqui ficam os apoios para aquelas duas realizações, prestado por instituições brasileiras:

Reitoria; Directoria da Faculdade de Filosofia; Letras e Ciências Humanas; Comissão de Cooperação Internacional; Coordenadoria de Actividades Culturais (Universidade de S. Paulo); Conselho Nacional de Pesquisa; Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo; Fundação Cultural Brasil-Portugal; Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras; Casa de Portugal (S. Paulo); Grémio Luso-Brasileiro; Centro de Estudos Americanos Fernando Pessoa; Reitorias das Universidades Federais Brasileiras e Directorias de Institutos Universitários Particulares e Oficiais.

Mencione-se ainda a Embaixada de Portugal, no Brasil, e Consulado de Portugal em S. Paulo, não esquecendo (reciprocidade é reciprocidade) a Embaixada do Brasil em Portugal.

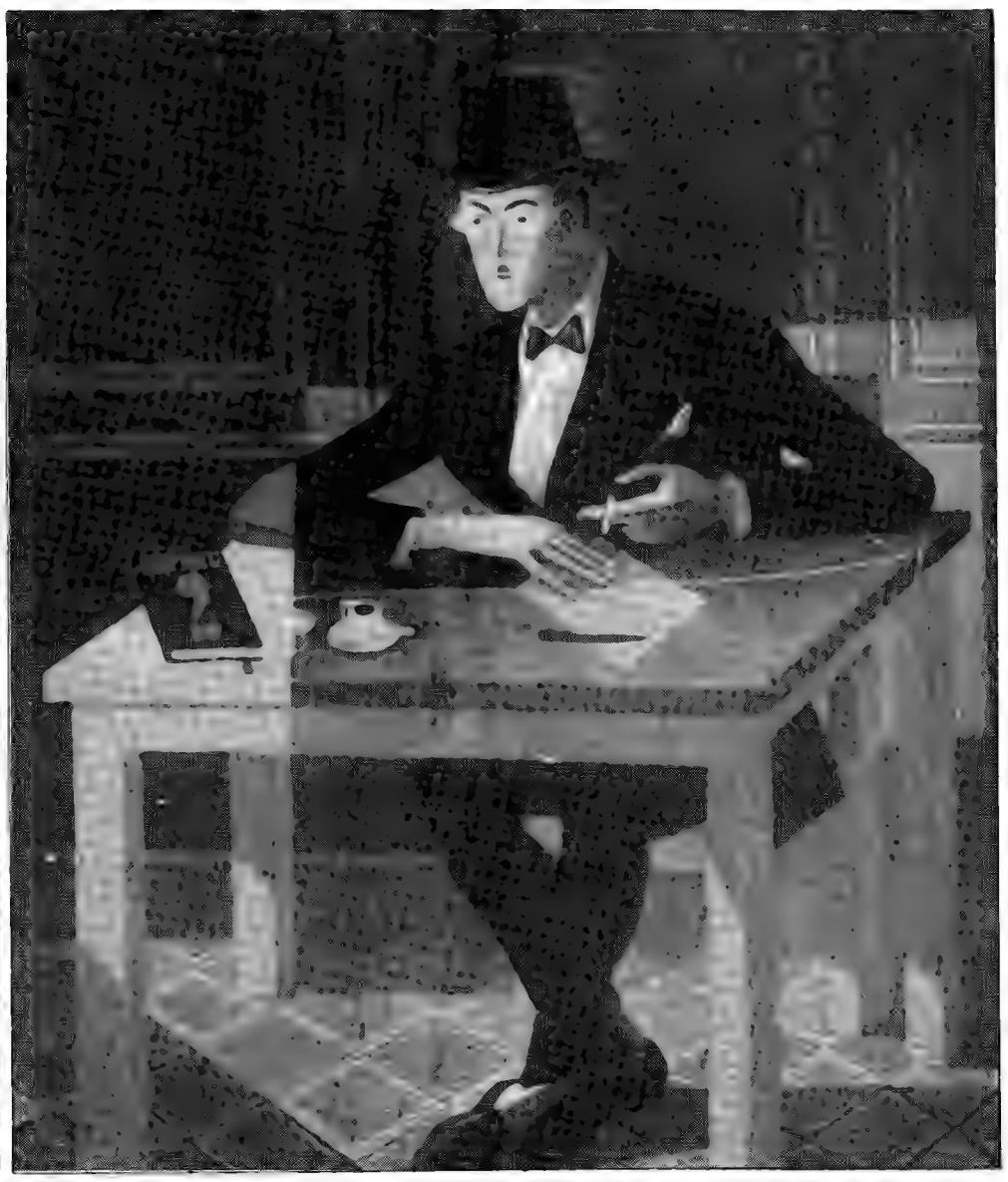
Maria Aparecida Santilli lembra ainda a cooperação já recebida da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Engenheiro António de Almeida, bem como a participação científica do Centro de Estudos Pessoanos do Porto — e também os incentivos do embaixador do Brasil em Portugal, Alberto da Costa e Silva, da secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia e de Aleixo Terra da Mota, do ILADAP.

De Portugal, quem apresentou comunicações? Entre outros, aqui tem o leitor alguns nomes:

Alexandre Pinheiro Torres, Almeida Faria, Alvaro Manuel Machado, Ana Harthley, António Quadros, António Tabuchi, Arnaldo Saraiva, Carlos Porto, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Melo e Castro, Hélder Macedo, Joel Serrão, Jorge Listopad, Herculano de Carvalho, José Saramago, Manuel Ferreira, Manuel Gusmão, Allieta Galhoz, Maria Alzira Seixo, Maria Glória Padrão, Maria Lourdes Belchior, Maria Teresa Rita Lopes, Maria Velho da Costa, José Augusto Seabra, Norma Tasca (por curiosidade, mulher, brasileira, de JAS), Óscar Lopes, Salvato Trigo de Menezes, Teresa Sobral Cunha (encarregada do espólio pessoano na Biblioteca Nacional), Ivete K. Centeno.

E quanto a comunicações estrangeiras? Alguns nomes também: Luciana Picchio (Itália); Pierre Rivas (França); August Williams (EUA); Helena Riáuzova (URSS); José Martin (Espanha); Dieter Woll (Alemanha); José Horácio Costa (México)... Esperam-se ainda outros nomes. Como, por exemplo, Octávio Paz.

Tudo se conjuga, pois, para que o Congresso Pessonao e o Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa sejam dois acontecimentos de grande alcance cultural e intelectual, ao mesmo tempo que irão contribuir para um maior intercâmbio de ideias entre os dois países — Brasil e Portugal.



Maria Aparecida Santilli, catedrática de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras de S. Paulo: «Um juízo sobre Pessoa é sempre um juízo redutor»

A poesia de Eduardo Pitta

EDUARDO PITTA publicou o seu primeiro livro em 1974. Título: **Sílaba a Sílaba** (1). Dizer que é aqui que ele aparece na poesia portuguesa parecerá discutível: O livro vinha então da hoje Maputo, e Pitta revelava-se aí um poeta mais ligado ao movimento da poesia moçambicana (onde sobre ele e o seu trabalho ascenderiam logo, entre outros, um Eugénio Lisboa, um Rui Knopfli, um — já então desapareci, mas sempre vivo e perdurador — Reinaldo Ferreira, e, naturalmente, menos em relação ao que se fazia em Portugal, designadamente em Lisboa. Dizemos movimento, por ser mais fácil. Digamos envolvimento da poesia e da crítica, ou do comentarismo. Tudo excepto por acaso, certamente, o livro de estreia de Pitta era apresentado por Eugénio Lisboa em texto breve, nas orelhas. E aí este, entre outras coisas, comentava com alguma acidez o desconhecimento que havia em Portugal — em Lisboa, desde logo — do que de poesia há tempos se vinha fazendo em Moçambique. Pela qualidade patente nesse primeiro livro de Pitta, o comentário de Eugénio Lisboa justificava um mínimo de reflexão.

Moçambique

O envolvimento moçambicano também patente em **Sílaba a Sílaba, —** como, obviamente, em uma dezena ou duas de livros que em 60 e 70 publicaram autores de Moçambique, ou de Portugal, mas residindo em Moçambique, — vêm a questioná-lo pouco depois os acontecimentos que estão na memória de todos, e, antes de mais, fazem parte da experiência dos próprios autores.

Trata-se da saída de Moçambique, por opção pessoal, de alguns deles, entre os quais Eduardo Pitta. Uma vez em Portugal, não terá havido um corte nos prendimentos africanos. Mas também não houve, pelo menos inicialmente, uma ligação espontânea às referências portuguesas mais atractivas e actuais, para além das que já havia em Moçambique, já se vê. Em consequência disso, ter-se-á processado uma (rápida ou demorada) integração dum certo número de autores à procura dum novo envolvimento. Alguns ainda hoje aparecem um pouco à margem de correntes e tendências dominantes, e referimo-nos a um Knopfli e a um Lisboa, que mal passaram por Portugal a caminho do estrangeiro, seguindo, aliás, o exemplo de um caso mais antigo, o de Alberto Lacerda. Outros ficaram em Lisboa, e é o caso de Eduardo Pitta. E também o de outros, Lourenço de Carvalho e Sebastião Alba, por exemplo. Casos diversos, todavia, entre si, todos.

Cidades

É o caso de Eduardo Pitta que aqui nos interessa. Pitta fixa-se em Lisboa na segunda metade de 70, e, pouco depois, aparece com um segundo livro: **Um cão de angústia progride** (2). Há depois uma pausa de quatro anos sem publicar, até 1983 com **A Linguagem da Desordem** (3). E, em 1985, o mais recente título do autor: **Os olhos calcinados** (4).

Relê-se agora toda esta pouca mas significativa obra e há duas ou três ideias que prontamente se nos propõem, para além do que poderá não ser mais do que esperava num lugar comum, (5).

Uma delas terá a ver com valores que nesta poesia se cultivam e, naturalmente, informam é enformam o trabalho de escrita que aqui se faz. O esteticismo será uma dessas ideias.

O esteticismo pode ser uma visão pessoal do mundo, que abarca o real quotidiano, passa por ele, atravessa-o, e dele (e dessa travessia) colhe as lições mais duras, os ensinamentos mais severos. As cidades pesam aqui com o seu chumbo, e as suas margens propõem-se como refúgio, — com o qual não há, forçosamente, um comprazimento maior do que esse outro que parece ser todo um referencial cultural prendendo-se mais (superiormente) a domínios como as artes (a música, a pintura) ou as letras (a poesia, de preferência, como situação **de ponta** nos trabalhos de linguagem).

Vem já de **Um Cão de Angústia...**, e está em **A Linguagem da Desordem:** «Duramente aprendemos / o caos e a memória de / lida. Palavras poucas, e / gastas.» E assim que, por certo indicativamente, o livro começa. São 30 poemas e de que se fala neles? Dum real saturado, mas não tanto do seu processo de saturação e mais do que nele resta ainda de suscitador e potenciador de anteriores energias: uma fulguração de crianças que «surgem, rápidas, na sombra da manhã» (p. 4), uma «claridade penumbrosa / de adolescentes indecisos» (19), um Rui Rodrigues com «o teu gesto generoso e largo» (21), a música, o «insubordinado pulsar / de outra vontade» (25), «corpos / impiedosamente disponíveis» (29), «A cidade incendiada pelo olhar desprevenido» (30), «alguns corpos» (...), «o objecto / da sua prodigiosa duplicidade» (32), «um sopro rente ao corpo / e o discurso táctil de outra voz» (37), enfim, e entre outras coisas, «os meus amigos» (36).

Nós

A tópica um tanto rara da amizade não se pode dizer que seja muito frequente na poesia de Eduardo Pitta. Mas há neste livro um poema que fala disso sobretudo com grande eloquência autobiográfica:

«Os meus amigos andam perdidos/um pouco por toda a parte./De Lausanne ao Rio é o vasto mundo/dos desencontros, os mesmos que/de Naxos a Londres e de Manhathan ao Cabo/animam exílios vários.//Andam em diáspora os meus amigos./Une-os, porventura, a mesma nostalgia.//Feridas antigas hipotecadas/ao futuro» (p. 24).

A amizade é aqui mais do que uma ocorrência pontual: é uma contenção emotiva a que a primeira pessoa do plural assegura uma expressão de elevado rigor. A dialéctica interna do poema desenvolve por vezes essa tópica no sentido de uma assunção mais vasta de implicações. Onde se diz, por exemplo: «De algumas perguntas teremos o som e o desenlace/delas, noite adiante, resguardo nenhum.//Sabêmo-las assim lentas, um cristal mais/afiado um abandono mais duro» (p. 15); «Temos das coisas a lembrança das viagens/ignotas» (...) «as nossas mãos, vorazes,/tacteiam um percurso de sangue» (20); «Temos alguns mortos de intervalo/a melancolia de quem muito/contemporizou/e o saber, dos espelhos, o jogo» (27); «As pedras perseguem-nos/e, com elas, melancolias e mitos» (31); «De alguns corpos sabemos o objecto/da sua prodigiosa duplicidade» (32); «construímos a casa/sobre um estendal de ruínas/Habitamo-la com o desencanto/da injúria e somos, nela, o estrangeiro/e o seu último propósito» (33); «Monossilabamos o medo» (41), pode estar, fragmentariamente mas feita com uma intensa nitidez expressiva, a enunciação de um drama existencial cujas dimensões não cabem no puro lirismo, um logro ou erro, no qual, aliás, a poesia de Pitta nunca incorre. Qualquer pose meramente pessoal está daqui excluída. E a declaração no plural visa mais longe: talvez a identidade de uma geração, ou, pelo menos, de um numeroso sector dela. A este propósito, o poema que dá título ao livro parece ilustrativo:

«Essa gente não sabe dos corpos a linguagem da desordem./Esboça, quando muito, pequenos gestos periféricos. É uma longa/aprendizagem que pouco lhes diz. Pervertem-se na ignorância/de tudo e de si mesmos e vão (sobre)vivendo com a lentidão/e o sensabor de quem de tudo desistiu./Subsistem./A praia que lhes sobra chega-lhes para a dessatisfação do/largo mundo./Percurso rastreado dia a dia onde não cabem/os Melquíades da infância.//Neles, a contiguidade do desejo é vital e extemporânea: um vinho/resinoso e a polpa de algumas azeitonas configuram/padrões de vida não vivida./Assumem-se, outrossim, como a geração do martini./Progridem de «snack» para «snack» ao sabor de liofilizadas/cerejas, outros fumos, vários palpites gustativos. Entre a magia/do «sound» e a inutilidade de alguns lances vão auscultando/um tempo de procura e merecimento».

Experiência

Sublinharíamos as ocorrências prendendo-se com uma experiência de vida cultural urbana ou citadina, — ou mais própria de alguns dos seus refúgios. A cidade, as cidades têm, nesta poesia, um peso considerável. Mas esta poesia fala delas sem qualquer constrangimento e mesmo sem alguma (sequer velada) intenção acusatória. Elas são um dos quadros naturais da experiência vivida e a viver, e a sua organização e o seu funcionamento um fundo sobre o qual — contra o qual, por vezes, mas, de preferência, à sombra do qual, ou à margem do qual — o corpo age, os corpos interagem. E que produz a interacção corporal? Digamos, um sentido, pelo contexto cultural a que (mesmo conflitualmente) se prende e pelos valores que (pacificamente ou não) aí implica.

No livro mais recente, **Olhos Calcinados,** é ainda disto que se trata. Mas este livro apresenta uma inflexão nova no trajecto evolutivo de Pitta. Podemos talvez dizer que houve uma mais demorada reflexão sobre os temas e os respectivos tratamentos assumptivos, envolvendo, naturalmente, a totalidade dos processos, embora implicando mais o trabalho expressivo (a língua, a linguagem, a frase, o enunciado, o discurso, o texto, o significado, o sentido) e não tanto a técnica de construção do poema, ou os seus âmbitos formais, pelo menos. Que se passa?

Por um lado, parece haver, na cena discursiva, uma excessiva afluência de prevalorizações (temáticas e assumptivas) do real, da realidade e da experiência pessoal ou nos domínios, antes de outros, da afectividade.

Por outro, esta excessiva afluência é positiva, e, sem dúvida, valoriza o trabalho verbal aqui feito: parece demonstrar que, para exprimir uma assunção transgressiva em relação aos valores dominantes, o melhor recurso é, não o eufemismo, sim o realismo, acepção rasa, implicando inclusivamente o que por vezes se afigura como alguma crueza expressiva (v.poema da página 26). Mas diga-se que Pitta continua a praticar uma linguagem fortemente investida numa metafórica-metonímica de grande intensidade denotativa, e numa sintaxe interessada na contenção e na concisão. A conotação obedece a um doseamento rigoroso de alusões de que depende toda a referenciação do que seja capaz a leitura, e, antes disso, dependem as conexões interiores do espaço semântico criado e delimitado pelo poema.

A concisão resulta disso, e trata-se de resultados diferentes do rigorismo sessentista, a cujos quase automatismos souberam furtar-se os melhores, mais inovadores ou, pelo menos, renovadores, novos poetas de 70 e 80.

Pitta é um destes poetas: não sendo **de ponta,** talvez, a sua obra propõe-se, no entanto, como uma das mais esclarecidas acerca de tradições ascendentes e de processos vários — e vias possíveis — para os transformar e superar.

Luís de Miranda Rocha

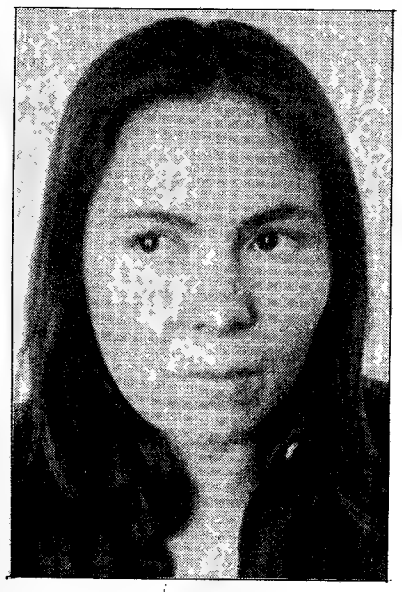
1) Livraria Académica, Lourenço Marques, 1974

2) Col. Licorne, Arcádia, Lisboa, 1979. O volume recupera grande parte dos poemas que tinham saído no primeiro livro.

3) Col. Plural, IN-CM, Lisboa, 1983

4) Ariel, Lisboa, 1984

5) Pitta tem um livro novo para sair dentro em breve. De momento não conhecemos o título. A editora é a Hiena, de Lisboa.



Regina Louro

Amor, Luxúria e Morte

«AMOR Luxúria e Morte» é um conjunto de textos, ora em prosa ora em verso, assinados por vários autores. Entre eles, destaco os nomes de Regina Louro Nava, Maria Teresa Horta, Isabel de Sá, Eugénio de Andrade, Amadeu Baptista, Alice Corinde, Armando Silva Carvalho e Maria Graciete Besse porque a sua palavra se move em múltiplas colorações que nos desvendam uma circularidade temática e formal. Isto é: a perfeição do corpo que, apesar de impresso, se espalha pelo espaço para, num desafio do tempo e sua finitude, nos presentear momentos de pleno humor e lirismo que se cruzam com o horror.

E disso é exemplo o verbo estonteante de Alice Corinde. Ofuscante de sacrílega beleza, chega-nos como lírica música o seguinte: «Fiz um sinal, sorrindo, à jovem virgem peregrina que a pé, e de calções vermelhos, se encaminhava para Fátima, muito atrás, longe dos outros. Pedi-lhe que parasse, e comigo bebesse, contra o tempo. Falámos, rimo-nos, e bebemos muito, naquele oásis da estrada, envoltas no espantoso mistério de ali estarmos. Fez-se tarde, depois, e a linda peregrina, naquela noite extensa, dormiu na minha casa, desnudada». Porém, este lúdico prazer de dois corpos em serena fruição dá lugar à humilhante inquietação do amor enxovalhado pelos outros. O que sentimos como a humilhação do afecto. A castração do seu cristalino movimento. E tudo porque se escreve com

Eugénio de Andrade

Continuação da pág. 2

uma força em que o penoso desabrochar de uma flor fosse o acontecimento interrompido por rudes mãos. Cito: «Vieram uns tipos, marinheiros,/julgo, e disseram alto, com risos como escarros: Que putas/são estas.Éramos tu e eu/a embebedarmo-nos, náufragas,/a meio do bar, bastante tarde,/e sós.»

Respira-se na escrita de Alice Corinde esse arrítmico pulsar dos sentidos. E eu fico com a impressão de que ela é sangue a escorrer, ora líquido ora coagulado, em direcção a nós. De resto, o mesmo acontece em Maria Graciete Besse.

Digo o mesmo, embora sem esquecer que, nesta autora, a palavra se mexe com a contenção daquilo que lhe dá o SER. Daí o recebê-la com o dorido grito filtrado pelo amante do verbo depurado que o quer dizer. Cito: «Na poeira dos dias/o silêncio/chama breve/abismo/e uma mão invísivel colhendo/a espiga do efémero./Palha do tempo.»

Porém o apogeu deste amor multifacetado, que são os vários textos deste livro, apresenta-se em Eugénio de Andrade. Cito: «Atravessou a rua, empurrou a porta,/os seus passos crepitam na luz frouxa:/era como na infância a morte,/assim alta, assim branca, assim rouca.» E: «Lembram adolescentes nus:/a doirada pele das nádegas/com marcas de carmim, a penugem/leve, mais encrespada e fulva/em torno do sexo distendido/desafiando oblíquos desejos —/quem contempla não ousa sequer/aproximar dos flancos matinais/a crepuscular lentidão dos dedos.»

Lêem-se os anteriores poemas e a claridade submerge-nos. Tão notória é a vidência emocional neles posta de um modo súbtil, adverso a equívocos. Ali se patenteia rutilo erotismo que conhece a simetria. A sua correcta expressão no espaço e tempo. Aquele cujo modo de ser é a beleza. A exacta medida. E esta alvura mantém-se na espantosa brevidade com que a palavra se diz inquietação. Na portentosa síntese com que se escreveu o primeiro poema citado.

Ora serenamente (Eugénio de Andrade e Miguel Serras Pereira) ora exaltadamente (Eduarda Chiote e Maria Teresa Horta) se diz o amor, a luxúria e a morte neste livro. De um modo onde o humor tem lugar. Por exemplo, no texto de Regina Louro que se distingue dos restantes por se construir mais como um ensaio do que como a assumida ficção que são os outros. Porém, a luxúria é plena corporização em «Um Leite e Obscenidade» de Armando Silva Carvalho. Assim como o seu pleno e poético despojamento é em «Rostos Náufragos» de Luís Miguel Nava.

«Amor Luxúria e Morte» conta com lindíssima capa de Isabel de Sá, o que vem acentuar a brilhante unidade desta publicação.

Edição Mirto.

Ana Paula Portugal

Isabel de Sá

Tácito: A Tirania de Nero

SABEMOS como anteriormente ao surto de uma História que se pretende científica (a qual se debate, neste fim de século, com não poucos problemas), quem se ocupava do passado o fazia sob influência de mitos, preconceitos ou juízos epocais que constituíam, as mais das vezes, intransponível estorvo ao levantamento da verdade possível.

Dos relatos panegíricos dos historiadores romanos às crónicas medievais centradas no elogio dos príncipes e na descrição encomiástica dos feitos por estes alegadamente praticados, e dessas crónicas às longas e meticulosas narrações de recorte providencialista de tanto autor cristão, muitos caminhos inúteis se trilharam, ocorrendo, com extrema frequência, clamorosos desvios em relação à dita verdade possível, a correcção de muitos dos quais viria a exigir das gerações subsequentes aturados esforços.

Nem tudo, porém, quanto se escreveu sobre o passado nos séculos que precederam o entendimento ou entendimentos que, contemporaneamente, têm colhido mais largo consenso sobre o que seja construir o conhecimento histórico, nem tudo isso, repita-se, pode ou deve considerar-se por completo despiciendo. Com efeito, autores houve que, não obstante os condicionamentos que, estrutural e conjunturalmente, os limitavam, lograram transmitir, das épocas ou figuras de que trataram, um retrato, se não suficientemente perspectivado e exaustivo, pelo menos trabalhado, a cores sugestivas, com informação útil (se bem que, por vezes, prolífera) e bem ordenada.

Está neste caso Tácito, o autor desta «A Tirania de Nero» (contida nos seus «Anais») que vimos de revisitar.(1).

Nascido, ao que se supõe, em 55 dC, justamente aquando do início do reinado desse que, no entender de Chateaubriand, viria a tornar-se no protótipo de todos os tiranos, Tácito, que viveria, ao que também se conjectura, até aos inícios da quarta década do segundo século cristão, Tácito, dizíamos, consegue dar, de Nero e das principais personagens que com ele contracenaram na tragédia que foram os seus anos de poder, uma imagem que terá muito de real. Para tanto, como se deixa ver das densas páginas que nos legou, esteve atento ao testemunho de quem, com conhecimento de causa, algo de importante pudesse dizer sobre um passado que tão amargas sequelas e lamentosas recordações havia deixado; leu e cotejou os relatos de escritores que o tinham precedido no tratamento do tema (v.g., Plínio); sopesou o conteúdo de tradições orais que corriam no seu tempo...

O resultado desse probo trabalho é todo um amplo quadro que, não obstante a náusea concitada pelos sucessivos desmandos do déspota, se comtempla com inegável interesse. Da gratuita e ignominiosa perfídia de Nero ao destino trágico de Agripina, sua mãe, e de Octávia e Pompeia, respectivamente sua mulher e sua amante; dos despeitos e frustações de tão indigno chefe de um povo às perseguições por ele movidas a quantos lhe parecia constituírem uma ameaça ou que, pela rectidão mesma do seu procedimento (casos de Burrus, Thraseas, Séneca...), tinham, perante ele, caído em desgraça, tudo prende, graças à pena de Tácito, o interesse do leitor. Leitor que, habilmente guiado pelo narrador, é levado a contemplar, inclusivamente, curiosos pormenores: o pérfido uso do veneno como subtil instrumento de eliminação de inimigos ou adversários incómodos; como era Roma antes do celerado incêndio que a devastou e como, segundo o fraco aviso de Nero, se procedeu à sua reconstrução; a falta de verticalidade moral das instituições públicas e da maior parte dos elementos que as serviam; o pouco caso que, oficialmente, ainda se fazia dos cristãos...

É todo esse universo de pessoas cegas pelo poder ou dele sedentas, de envenenamentos e outros atentados, de deboche e desmandos, de superstições e mitos, de conjuras e terror, que Tácito traz até nós; universo arbitrário, caótico, no qual a dignidade humana não parece, à primeira vista, ter lugar — mas onde o tem, efectivamente, a partir por exemplo de estóico suportar, por um Séneca, face aos carrascos do poder, do abrir das suas próprias veias...

Dir-se-ia, pois, que, neste eterno diálogo entre o passado e o presente, tão relevante para a vivificação do conhecimento histórico, Tácito nos convida, numa prosa bem concatenada e servida de um estilo sóbrio, a revisitar um mundo onde raras reservas éticas resistiram, firmes na sinceridade das suas convicções, a toda uma avassaladora miséria moral que, servindo-se do medo e do terror para (aliás, em vão) consolidar o poder ameaçado, fazendo tábua-rasa do que de mais profundo havia (há...) no legado cultural grego, confundir o mérito com o demérito, a honra com a ignomínia...

Manuel Alexandre Alvim

(1) «A Tirania de Nero», em tradução (a partir do francês, em cotejo, porém, com o texto latino) de Copes de Oliveira, integrada na colecção «As Grandes Leituras Históricas», ed. Seara Nova, Lisboa, 1948.

Os primeiros prémios literários do ano

QUANDO, na edição de 14 de Janeiro, *Ler/Escrever,* salientou, em artigo de primeira página, o interesse de *Esta noite sonhei com Brueghel,* de Fernando Botelho, não se enganava: a obra merecia ser distinguida pelas razões (e outras houve certamente) então apontadas no artigo.

Efectivamente, dias mais tarde, o prémio da Crítca do Centro Português da Associação Internacional de Críticos Literários, era atribuído por unanimidade àquela escritora.

O júri da AICL era constituído por Álvaro Salema, Fernando J. B. Martinho e Júlio Conrado.

Ausente há 15 anos das lides literárias, Fernanda Botelho assinalou com *Esta noite sonhei com Brueghel* o seu regresso à escrita de ficção, onde era já um nome consagrado.

Nascida em 1926, no Porto, pertenceu ao grupo fundador da revista de poesia «Távola Redonda», onde publicou os seus primeiros poemas.

Passou a partir de 1957 a consagrar-se inteiramente à ficção — e nesta área escreveu, entre outros livros, *Ângulo Raso, Calendário Privado. A Gata e a Fábula* e *Xerazade e os Outros.*

Por sua vez, o Prémio Jacinto Prado Coelho, para a modalidade de ensaio literário, distinguiu, também com a unanimidade do júri, *ex aequo,* Vergílio Ferreira, pela publicação de *Espaço do Invisível IV,* e António Ramos Rosa, pela publicação de *Incisões Oblíquas.* Júri: João Rui de Sousa, João Almeida Flor e Manuel Gusmão.

Vergílio Ferreira e António Ramos Rosa são nomes de primeira referência no panorama das letras portuguesas, o primeiro como ficcionista, o segundo como poeta.

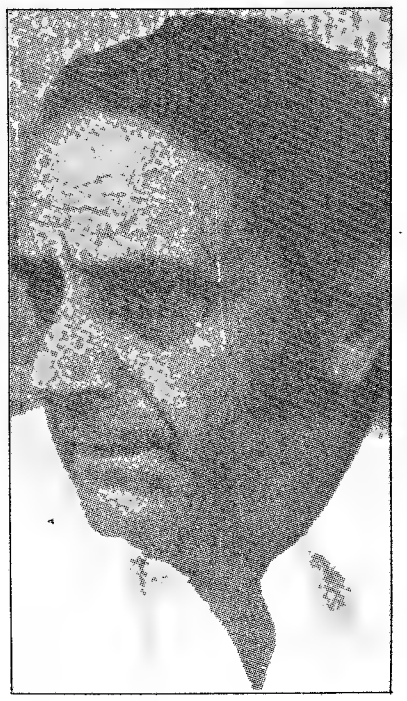
Da obra do primeiro, nascido em 1916, em Melo, destacam-se títulos como *Alegria Breve, Aparição, Cântico Final* (todos de ficção), e *Conta Corrente* (diário), *Espaço Invisível, Invocação ao Meu Corpo* e *Do Mundo Original* (obras ensaísticas).

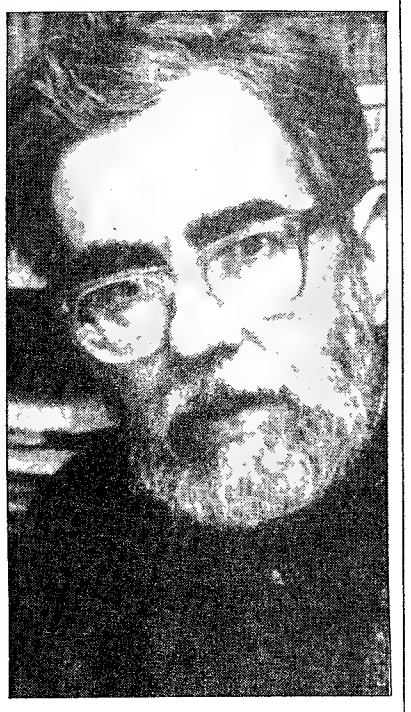
Natural de Faro, onde nasceu em 1924, Ramos Rosa é, fundamentalmente, conhecido como poeta, mas ocupam também um espaço importante os livros de análise literária que escreveu.

São títulos da sua obra poética *O Grito Claro, Voz Inicial, Ciclo do Cavalo, O Incêndio dos Aspectos* e, mais recente (87), *No Calcanhar do Vento,* entre outros.

Como ensaísta escreveu *Poesia, Liberdade Livre, A Poesia Moderna e a Interrogação do Real* e o agora premiado *Incisões Oblíquas,* um volume em que analisa a obra de alguns poetas portugueses.

Já agora: o valor pecuniário de cada um dos prémios é de 300 contos. Pouco.





O Elogio do Sofista

Pedro Alvim

ACEITAR para sempre o já formulado ou acatar novas formulações? Termos o que foi dito por eternamente certo ou abrirmo-nos a outros dizeres? Respeitarmos a objectividade já alcançada ou admitirmos a subjectividade de cada um de nós tendente a uma outra espécie de objectividade, de criação, de resplendor...? Contentarmo-nos com **títulos de livros** ou exigirmos o **Livro do Título Máximo...?** Porque é bom de ver que nos está faltando uma outra Biblioteca de Alexandria: o segundo milénio, prestes a terminar, exige que o Sofista se imponha ao Filósofo — e o **ser** se desdobre em novas fulgurâncias. Estamos na dobra **tradicional**: há que **desdobrar**: o que está **dobrado.** Que Sócrates ouça Todo o Mundo e Ninguém!

Todo o Mundo e Ninguém

Filosofia: uma interpretação objectiva ou subjectiva da existência. Isto é: ou através de *conceitos,* o que implica uma generalização de carácter universal (à semelhança, por exemplo, de uma constante física), ou através de uma *opinião* meramente individual (à semelhança, por exemplo, da íntima afirmação: *A minha vida é azul!»).* Ambas as interpretações, até que a dinâmica do devir as não modifique, são irrefutáveis: no âmbito da Física, a velocidade da luz ronda os 300 000 mil quilómetros por segundo — e no seio da nossa intimidade, enquanto a felicidade nos tem, a nossa vida é efectivamente azul...

Sócrates

É esse o desenho que fazes da existência...?

Todo o Mundo e Ninguém

Certamente que sim, ó mestre! E do momento, porque me sinto feliz, pois que o amor me tomou em suas mãos, ora me dando ao sangue um fluir de oiro, ora me dando aos olhos um horizonte azul, dir-te-ei que prezo mais a minha subjectividade do que toda a objectividade (embora idealista) que me possas vir a oferecer.

Sócrates

Nada te imponho, amigo meu! Tu dizes: «A minha vida é azul!» Que o seja... Perante uma opinião tão irrefutável, tão tua, tão dentro de teu íntimo, tão subjectiva, só te poderia chamar de...

Todo o Mundo e Ninguém

De quê...? Não te intimides, mestre! Diz o que tens a dizer... se me poderias chamar de...? Anda, que a palavra não te fique na boca!

Sócrates

Só te poderia chamar de...

Todo o Mundo e Ninguém

Hesitas ainda...?

Sócrates

Só te poderia chamar de sofista. Eis o que, neste momento, tu és devido à tua subjectividade. Espero me perdoes se algum dano te causo ao empalidecer a tua cor azul...

Todo o Mundo e Ninguém

Mas não empalideces nada, ó mestre querido! E se pela minha subjectividade me consideras sofista, dir-te-ei então que... Agora hesito eu, pois que muito te respeito...

Sócrates

Por quem és, Todo o Mundo e Ninguém! Estamos aqui por amizade, não há palavras que nos possam vir a magoar... Completa, pois, o teu raciocínio.

Todo o Mundo e Ninguém

Pois se tal permites, confessar-te-ei, Sócrates, que, no correr dos tempos, muitos foram os homens de estudo, fisósofos como tu, que se debruçaram sobre a problemática da Filosofia Grega. Um deles, por exemplo, de nome Hegel, integrou os sofistas, de forma positiva, no movimento da filosofia grega.

Sócrates

Ora como...?

Todo o Mundo e Ninguém

Presta-me atenção e segue-me... Hegel viu a história da filosofia como o progressivo desabrochamento do Espírito Universal. O movimento do acto de pensar que lhe é inerente segue o padrão universal de todo o pensamento: primeiro, tese, depois, antítese. Posteriormente, o pensamento produz a síntese, ponderadas que foram a tese e a antítese. E o pensamento continua a desenvolver-se agora com a antítese como a tese de um novo processo... A este movimento do pensamento chamou Hegel dialéctica... (KERFERD, «The Sophistic Movement», Cambridge University Press, pp. 6 e 7).

Sócrates

Pelo cão, Todo o Mundo e Ninguém! À dialéctica cheguei eu... Lembra-te, caro, do Livro VII de «A República»... Aí exponho eu: «O método da dialéctica é o único que procede por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares, para ajudar a conduzi-los, as artes que analisámos.» (533c-d) A dialéctica, por conseguinte, não é para mim uma novidade...

Todo o Mundo e Ninguém

Longe de mim supor tal, ó mestre! Só que Hegel, Sócrates, lhe dá, por assim dizer, uma nova cor... Queres que te exponha, neste passo, o método de Hegel?...

Sócrates

Anda, expõe! Nunca me recusei a ouvir nada, sempre atendi a todos...

Todo o Mundo e Ninguém

Pois bem... Quando sobre Hegel me refiro à dialéctica, de maneira nenhuma quero dizer que tu não tivesses já descoberto o mecanismo da dialéctica. Só que Hegel utilizou o esquema da dialéctica (tese, antítese, síntese) no âmbito da história da filosofia grega, conseguindo delinear três períodos distintos.

Sócrates

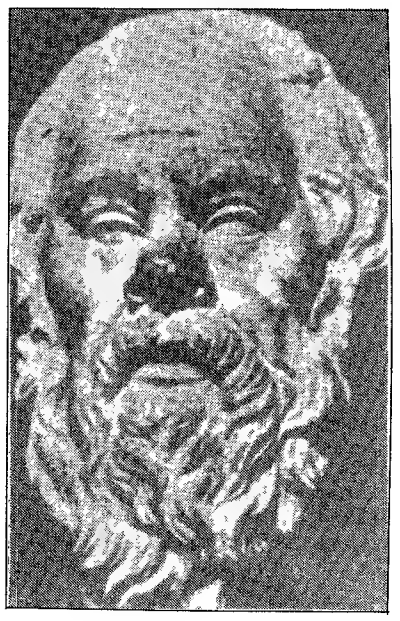
Três períodos distintos...?

Todo o Mundo e Ninguém

Por Homero, não me interrompas... Três períodos distintos, sim. O primeiro período prolonga-se de Tales a Aristóteles: o segundo constitui o período helenístico, também designado por o da «filosofia grega no mundo romano» (Estoicismo, Epicurismo e Cepticismo); e o terceiro formado pelo Neoplatonismo. No seio do primeiro período, Hegel estabeleceu uma tripla divisão. Ora que tripla divisão...? Esta, Sócrates: de Tales a Anaxágoras; os sofistas, Sócrates (que és tu!) e os teus continuadores; e Platão e Aristóteles. No primeiro destes períodos, ou subdivisões, predomina a sensibilidade, sendo todas as determinações encaradas como objectivas, num esforço para se dar um carácter científico a quanto se observava no mundo. Assim, por exemplo, Tales e outros jónicos, tentando abarcar o Pensamento Universal, acordaram que o nosso universo físico era feito de água e ar. Na segunda subdivisão, situam-se os que, através de um criticismo céptico, se recusavam a aceitar este ponto de vista, apresentando como antítese o princípio da subjectividade, de acordo com o qual se supunha que era o acto de pensar o próprio sujeito perceptivo que determinava quer o seu próprio pensamento quer as percepções. O conflito entre semelhante tese e semelhante antítese resultou na síntese, isto é, nos sistemas de Platão e Aristóteles, os quais para Hegel constituem a terceira subdivisão do primeiro período. (KERFERD, «The Sophistic Movement», p. 7)

Sócrates

Mas que grande discurso, caríssimo Todo o Mundo e Ninguém! E atentando nas palavras do teu Hegel, fácil me é ver que, embora sofista como tu és, tão subjectivo, te situas na história do pensamento filosófico grego... E eu que tanto combati os sofistas!



Todo o Mundo e Ninguém

Querido mestre, não era tanto combater os sofistas, e antes fazer a síntese do que os sofistas propunham... Quanto ao facto de eu me situar na história do pensamento filosófico grego, eu diria antes que faço (e fiz) parte de um todo. O meu subjectivismo, num tempo e noutro tempo, nunca deveria ter merecido o desprezo que mereceu e vem merecendo. Se a minha palavra não te importunasse, eu...

Sócrates

Mas não me importuna mesmo nada! Sinto curiosidade em ouvir-te... Fala, amigo!

Todo o Mundo e Ninguém

Pois então ouve... Ao situar os sofistas na história do pensamento filosófico grego, Hegel considerou-os como subjectivistas. Para Hegel, o subjectivismo dos sofistas era um degrau necessário na autodeterminação do Pensamento na história de toda a filosofia.

Sócrates

Um degrau necessário...?

Todo o Mundo e Ninguém

Exacto. Era um degrau, um estágio necessário a despeito embora das suas características negativas. E porquê...? Porque a negação, segundo Hegel, também fazia parte do movimento do Pensameno Universal. Só que (e é por isso, Sócrates, que me vês com maus olhos...), só que...

Sócrates

Não estarás a fazer um juízo de intenções...?

Todo o Mundo e Ninguém

Não estou, não, Sócrates. Deixa-me continuar... Só que, ao longo do século XIX e pelo primeiro quartel do século XX, a tradição idealista filosófica continuou a dominar quem se dedicava ao estudo da filosofia grega. A caracterização dos sofistas como subjectivistas era generosamente aceite, mas a sua reputação como filósofos não merecia aceitação... Esta tomada de posição tinha origem nos juízos hostis, quer emitidos por ti, Sócrates, através de Platão, quer emitidos também por Aristóteles. Sim, sim... Ambos dizam que verdade e realidade eram objectivas, não subjectivas. Todos aqueles que negavam este juízo, e se opunham à verdade e realidade, eram inimigos da filosofia. E como inimigos da filosofia foram considerados os sofistas... (KERFERD, «The Sophistic Mevement», pp. 7 e 8) Eis, pois, Sócrates, que, perante ti, mais não sou do que um inimigo da tua realidade e verdae. Basta que eu diga que a minha vida é azul para que o desprezo se te desenhe nos lábios...

Sócrates

Os meus lábios meditam, Todo o Mundo e Ninguém. não há neles qualquer sombra de desprezo... Digo-te. no entanto, que muita coisa má se garantia sobre os sofistas, pelo que me dediquei de alma e coração à defesa da objectividade. À defesa, enfim, da verdade e da realidade. E tanto por ambas me bati que me deram a morte por uma taça de cicuta...

Todo o Mundo e Ninguém

Voltaremos à taça de cicuta que foste condenado a beber... Antes, porém, agarrar-me-ei a palavras que agora mesmo disseste, e segundo as quais muita coisa má se garantia sobre os sofistas. Compreendo, Sócrates, que como sofista, tenho de recorrer aos defensores dos sofistas. Assim, e depois de Hegel, um outro aqui, te apresento, de nome George Grote, autor de uma «História da Grécia».

Sócrates

George...?

Todo o Mundo e Ninguém

George Grote. George Grote, na obra que escreveu, considera os sofistas como campeões do progresso intelectual e não acredita nas taxas que eles porventura levassem pelo seu trabalho. Eles não constituiriam uma seita ou uma escola, e sim uma profissão de fé no saber humano. Se por acaso um sofista adiantasse uma doutrina que merecesse reparos por detestável, isso não era motivo para que se condenasse o movimento sofístico no seu todo. Aliás, quanto a eventuais doutrinas imorais que eles pregassem e defendessem, nem mesmo Platão (que foi teu discípulo, Sócrates!) se atreveu a acusar de tal os principais sofistas, como, por exemplo, Protágoras, Pródicos, Hippias e Gorgias... Ainda mais: Grote recusa-se a acreditar que Trasímaco alguma vez tenha publicamente ensinado teorias anti-sociais sobre a justiça, como afirma Platão na «República» e no «Górgias»... Mesmo que Trasímaco o tivesse feito, seria errado pensar que outros sofistas lhe seguissem o exemplo. Em suma: Grote considera os sofistas como professores que simplesmente representavam as ideias gerais da sua época. Ou melhor: as opiniões então correntes... (KERFERD, «The Sophistic Movement», p.

O sofista é aquele que, mercê da sua subjectividade, recusa com um gesto a objectividade imposta — e busca, mesmo ao nível do quotidiano, outras razões e certezas

8). Aliás, Sócrates, há uma pergunta que gostaria de te fazer...

Sócrates

Pois que a faças...

Todo o Mundo e Ninguém

Talvez seja ignorância minha, mas...

Sócrates

A ignorância é sempre uma profissão de fé do verdadeiro filósofo, caríssimo Todo o Mundo e Ninguém...

Todo o Mundo e Ninguém

Tu o ensinaste, eu sei... Aceito esse ensinamento, mestre! Mas fazer perguntas, desfazer dúvidas, incentiva, na minha opinião, o diálogo entre os homens...

Sócrates

Anda, faz a pergunta...

Todo o Mundo e Ninguém

É sobre o sofista Pródico... Se não estou em erro, quanto tu praticas a maiêutica com Teeteto, afirmas tu a certa altura... Não, o melhor é ler... Ora desfolhemos o 'Teeteto'... Aqui está... Aqui mesmo... Eis o que tu dizes: «Aqueles que se ligam a mim parecem-se ainda neste ponto com as mulheres com dores de parto: são presa das dores e dia e noite estão cheios de inquietudes mais vivas que as das mulheres. Ora, quanto a estas dores, a minha arte é capaz tanto de as avivar como de as fazer cessar. Eis o que faço aos que me frequentam. Mas, Teeteto, há aqueles cuja alma não me parece estar alheia. Quando chego à conclusão de que já não têm qualquer necessidade de mim, intercedo por eles com toda a benevolência e, graças a Deus, conjecturo de forma feliz que companhia lhe será benéfica. Associei, assim, vários a Prodico, e vários a outros homens sábios e divinos.» (PLATÃO, «Teeteto». GArnier Flammarian, Paris, 1967, quota 150e-151d, p. 72). Ora Pródico não era um sofista...?

Sócrates

Meu bom amigo, também me dei com Protágoras! «Tivemos entre nós animada troca de palavras.» (PALTÃO, «Protágoras», Garnier Flammarion, Paris, 1967, quota 309c-310a, p. 42). Era uma visita intelectual intensa que então se vivia, nesse maravilhoso tempo de Péricles... Esta minha confissão satisfaz a tua pergunta...?

Todo o Mundo e Ninguém

Certamente que sim... No entanto, e para defesa da posição de sofista que tu me atribuíste, Sócrates, continuarei a recorrer, se me permites, àqueles estudiosos que integraram os sofistas no pensamento filosófico grego. Pode ser...?

Sócrates

Admito que o faças. Sou um espírito aberto...

Todo o Mundo e Ninguém

Apresento-te, pois, o alemão Eduardo Zeller, que no século XIX publicou uma obra em três volumes sobre a dita problemática. Embora criticando Hegel em certos pontos (e, por consequência, os sofistas em certas atitudes), Zeller aceita-se no pensamento filosófico grego — e chega à conclusão de que os alemães não teriam tido um Kant se não fora o periodo anterior do Iluminismo, e nem tão-pouco, os gregos teriam tido um Sócrates (tu, mestre!) e uma filosofia socrática se não fora o caminho anteriormente aberto, ao longo do saber, pelos sofistas... (KERFERD, «The Sophistic Movement», p. 8 e 9). Já nos últimos 30 anos deste século (o século que levou o homem à Lua, Sócrates!), ainda eu poderia encontrar um outro defensor dos sofistas. Quem...? O italiano Mario Untersteiner. Também ele pôs o preto no branco — e chama-se o seu livro *I sofisti.* Pois bem: Untersteiner escreve que os sofistas defendiam uma linha anti-idealista, não trilhando, no entanto, os caminhos do cepticismo, ams sim os do realismo e do fenomenolismo, não confinadas a um simples esquema dogmático. Buscava, sim, todas as contradições, imbuídas de uma trágica intensidade. Para Untersteiner, o ponto de patida para um sofista consistia sempre na confluência da experiência individual sumadas às da sociedade e de outros indivíduos. (KERFERD, «The Sophistic Movement», p. 11). No plano das ideias e das experiências, era sempre, ó Sócrates, um encontro a três: eu, o mundo, os outros...

Sócrates

Discorres bem, caro amigo! Vais apresentar mais defensores...?

Todo o Mundo e Ninguém

Não, Sócrates, penso que bastam os que apresentei. Agora, e sem que te ofendas, far-te-ei uma acusação. At porque essa acusação, a ti feita, justifica, já como súmula, as palavras dos seus defensores...

Sócrates

É mesmo uma acusação...?

Todo o Mundo e Ninguém

Talvez antes uma constestação de facto. É que tu, Sócrates, em «O Sofista», assistes impasível ao diálogo travado entre Teeteto e o Estrangeiro precisamente sobre o perfil e o papel do sofista na sociedade grega... E desse diálogo o sofista sai tão mal tratado!

Sócrates

Como assim...? Eu era um emro observador...

Todo o Mundo e Ninguém

Podias ter intervindo... Adiante, no entanto, que também a fadiga se vai apossando de mim... Eis que sete definições nos são dadas do sofista nesse diálogo...

Sócrates

Sete...?

Todo o Mundo e Ninguém

Sete, pois, para além das entrelinhas. Ei-las, as sete definições: o sofisma é um caçador de jovens ricos; é também que «vende» virtude, e dado que não vende benefícios da sua própria lavra, pode ser considerado mercador daquilo que ensina; igualmente o podemos encarar como um indivíduo que, por usura, transaccciona só pequenas quantidades; e ainda o podemos ter na conta daquele que põe à venda materiais da sua invenção e do gosto da sua clientela. Descritas estão já quatro definições, só três faltando que são estas: o sofista é o que também se serve da eurística, arte de argumentar que outro objectivo não tem que o de lançar na confusão os seus interlocutores, com o fito de angariar dinheiro através da discussão sobre o que é correcto e sobre o que é errado; ainda é sofista o indivíduo que, utilizando uma argumentação verbal, a leva a igualar-se à indução socrática, mas só aparentemente, pelo que a alma se não purifica do vão conceito de sabedoria; e, finalmente, por sofista deve ser designado todo o indivíduo que, dando-se à prática da Filosofia, se fica meramente pelas aparências e não desce fundo até à realidade... (KERFERD, pp. 4 e 5)

Sócrates

Como te disse, limitei-me a assistir como observador ao diálogo travado entre o Estrangeiro e Teeteto. Guardei silêncio para se inteirar do perfil dos sofistas... Mas, para além da defesa que dos sofistas já apresentaste, não terás agora uma contrapartida para o meu silêncio...?

Todo o Mundo e Ninguém

Sim, uma contrapartida, dizes bem... Pois direi que eles fizeram o seu caminho, tiveram os seus dissabores, experimentaram muitas vezes a morte... Os sofistas, se os não quisermos encarar como um bando de charlatães, de simples impostores, não caíram, por assim dizer, do céu. Eles vinham de todo o mundo grego — e muitos chegavam a Atenas e por Atenas se fixavam. Atenas, por uns largos sessenta anos no decurso da segunda metade do século V a.C., tornou-se o verdadeiro centro do movimento sofístico. Sem a existência de Atenas, o movimento não disporia de terreno fértil para criar raízes.... Éramos todo o mundo e ninguém.

Sócratas

Vou ajudar-te no teu cântico, fazendo perguntas cuja respostas não ignoro. Pode ser...? Penso que assim corrijo alguma atitude dura que tive para com os sofistas... Admites...?

Todo o Mundo e Ninguém

Ó Sócrates, por quem és!

Sócrates

Então aí vai a primeira pergunta. Que era Atenas nesse período, meu caro...? Que era Atenas então...?

Todo o Mundo e Ninguém

A tua pergunta merece duas respostas...

Sócrates

Duas respostas...?

Todo o Mundo e Ninguém

Exacto. Eis a primeira: condições sociais e políticas, ocorridas nessa época, tinham-se aberto à presença de quem se equiparasse ao esplendor de Atenas. E que esplendor! Os templos derrubados pelos persas eram reconstruídos segundo dimensões até então nunca vistas — e as moradias particulares dos atenienses caprichavam em luxo, conforto e harmonia. Este esplendor assentava no facto de a Grécia, relativamente a períodos anteriores, ter ultrapassado em muito a sua produção na agricultura, na indústria e no comércio... A segunda resposta...

Sócrates

A segunda resposta...?

Todo o Mundo e Ninguém

A segunda resposta exige que se pronuncie o nome de Péricles. Porque não podemos considerar Péricles como um mero seguidor de Sólon... O tempo tinha corrido, as situações eram outras. Outras, mesmo que os homens não dessem conta delas, ou então as não compreendessem, ou pura e simplesmente as aceitassem como dádivas (por vezes um tanto caprichosas...) das múltiplas divindades a quem rendiam culto e homenagem. Bem, o tempo tinha corrido, e as situações...

Sócrates

Já o disseste: as situações eram outras... Mas que situações eram essas e quais as suas novas qualidades..?

Todo o Mundo e Ninguém

Digamos que, no fundo e em certo período, persistiram as leis de Sólon. Mas eis a Guerra do Peloponeso — e eis ainda as mesmas classes e famílias à frente dos destinos do mesmo estado democrático. Porém...

Sócrates

Porém...

Todo o Mundo e Ninguém

Iam-se, porém, operando mudanças. Não era o repouso (e já alguém surgira que defendera o repouso) e era sim o movimento (e também o movimento tivera o seu defensor e os seus adeptos). Era...

Sócrates

Sê claro, simples, límpido — e define essas mudanças...

Todo o Mundo e Ninguém

Vejo que te impacientas. E sabes porquê...? Porque há nas minhas palavras repouso e movimento. Está bem, no entanto: serei mais conciso. Dir-te-ei, pois, que, em 462-461 a.C., foram introduzidas reformas constitucionais na democracia ateniense. Tornou-se, enfim, numa democracia plena. Assentava, por assim dizer, em dois princípios...

Sócrates

Em que dois princípios...?

Todo o Mundo e Ninguém

Di-lo Tucídedes. Ora busquemos...Aqui está: «É chamada uma democracia porque a condução dos negócios implica muitos e não poucos — e ao mesmo tempo que há igualdade para todos os negócios civis, mercê das leis estabelecidas; também é permitido tratar individual e plenamente dos negócios públicos.» (II.37.1) Ora foi nesta democracia plena que sofistas e filósofos floresceram...E se não fora a existência dos sofistas, Sócrates, nunca terias existido, nem tão-pouco uma filosofia socrática se teria propagado; pelo mundo...

Sócrates

Sim...?

Todo o Mundo e Ninguém

Sim, Sócrates. Nem só Tales, Anaximandro, Heraclito, Parménides, Empédocles, Anaxágoras...Nós também fomos pré-socráticos, acredita. Subjectivos...? Sim. Subjectivos, para que tu e outros pudessem chegar à objectividade. Crê em mim: a filosofia é uma interpretação objectiva e subjectiva da existência. Repara como tudo isto anda ligado...Eu disse: A minha vida é azul!» Lembras-te...? Foi logo no princípio do nosso encontro... Trata-se, sem dúvida, de um juízo subjectivo. Sofista então me chamaste... Pois bem: inteirando-me da tua objectividade, nos diálogos, em que vens nu de corpo e alma, mais azul a minha vida se torna...Deram-te a morte por uma taça de cicuta — e acusaram-te, como a nós!, de desviares a juventude, de falares no que existe no céu e sob a terra...Somos irmãos: cicuta, pois, não vou dar-te, caro Sócrates. Mas aceitas ou não beber comigo este copo com o vinho mais perfumado de toda a minha pátria...?

Sócrates

Aceito, pois. Aceito porque a tua opinião me parece correcta — e «a opinião correcta não é em nada inferior à ciência, nem menos útil no que respeita às nossas acções, e o homem que desfruta de uma opinião verdadeira não fica atrás daquele que possui a ciência.» (PLATÃO, «Ménon», Garnier-Flammarion, 98c-98e, pp. 371 e 372)

Bibliografia
Kerferd, The Sophistic Movement; e Platão, A República (Livro VII), Teeteto, Protágoras e Ménon.

O corpo

De manhã, os primeiros gestos de C.(*)

HOJE de manhã C. levantou-se, esticou os braços, abriu as mãos até fazer um leque com os dedos. Depois, escovou com a mão o curto e negro cabelo. Duas horas mais tarde pegava, de determinada maneira, no seu livro preferido.

Interrompo aqui alguns gestos naturais de C. executados hoje de manhã. E interrompo porque a partir deste momento este relato dos gestos de intimidade de C. passaria a intimidar quem os ouve. Quero eu dizer que uma sequência de gestos que podem constituir uma rotina, que a intimidade me possibilitou observar, realçar, destacar de todo um espaço privado, e que são anteriores a qualquer representação, a qualquer amostragem, se podem transformar por uma leviana deslocação para um espaço público (de um olhar para muitos olhares, de um ouvido para muitos ouvidos, de um sentido para muitos sentidos), se podem tornar uma descrição intimista e violenta, cujos modelos mais radicais deste espectáculo poderíamos encontrar no Strip-Tease e no Peep-Show.

Temos assim que aquilo que nos é mais íntimo — o corpo, os gestos do corpo — mas também discursos, pensamentos, livros; aquilo que nos é mais interior, mais profundo (a intimidade apela sempre a uma sabedoria de descida) pode deixar de ser intimidade e passar a ser intimista, material de exibição, promíscuo como espectáculo. Isto acontece quando se misturam espaços públicos com espaços privados, quando se torna coisa pública o que é coisa individual, quando se torna transmissível o que é secreto.

Vou portanto anular qualquer descrição de gestos de intimidade para falar da gestualidade como o movimento mais natural, mais autêntico de maior intimidade, anterior ao antefacto do «passo» ou «movimento», e a sua possibilidade como expressão artística.

Se percorrermos uma História de Arte portuguesa com o olhar focado no gesto, encontraremos toda uma memória fixada da gestualidade, e uma colecção de gestos, que os artistas, em particular os pintores e os escultores, se encarregaram de registar através das suas obras. Há uma memória do gesto fixada, não explícita, que começa nas «iniciais historiadas» e se prolonga pelos mestres desconhecidos do séc. XVI, às Anunciações da escola portuguesa, ao retrato de Angelica Kauffmann de Francisco Vieira Júnior, ao «segredo» do Mestre Lagoa Henriques, a Almada, à escultura de Manuel Rosa, e Paula Rego, a Ana Isabel, a Julião Sarmento, à Ilda David, etc. Todos eles se encarregaram de fixar, de tornar rígido, o que é por excelência, o que é por definição, dinâmico, fragmentário e episódico — o gesto.

Toda esta gestualidade pode englobar «o gesto» propriamente, as expressões, os movimentos, as posturas ou poses. Digamos para simplificar que é a expressão cinética do movimento, específica da visão, que foi registada. Ou ainda, na definição de gesto de Desmond Morris, «qualquer acção que emite um signo visual para um observador».

É no momento de recepção, destes signos visuais, e em função de maior ou menor intimidade, que podemos diferenciar esta gestualidade, nos gestos, nas expressões, nas posturas ou poses, nos tiques e nos gestos acidentais.

Sem querer seguir uma interpretação antropológica diria que os gestos e as expressões são acções que emitindo signos visuais pretendem substituir uma língua ou um código. Em qualquer caso têm uma função social e traduzem ou aplicam uma narrativa: o código dos surdos-mudos, os sinaleiros, a mímica, a pantimina, o ballet.

Outro tipo de gestualidade cuja função é a comunicação, a transmissão de informação, para o público, são as posturas e as poses.

Correspondem ao gesto composto, acabado, ao gesto organizado. Revelam uma certa preocupação pela composição, baseada numa empírica ideia de educação: a das boas maneiras, ou a arte de fazer calçar meias azuis com camisa azul. É uma ideia do gesto como arranjo.

Qualquer destes dois tipos de gestos pretendem ser vistos, pretendem ser signos visuais, públicos, transmitir alguma informação. Serem o substituto da língua ou duma fala, quer se trate duma prece, do folclore, do ballet quer seja «uma gestualidade comunicativa quer seja mítica» (Greimas).

EM)Diferentes destes gestos públicos, procuro a intimidade de outros gestos. Dos gestos que não substituem a palavra - «Nenhuma palavra que o gesto não faça«(1), que não substituem a frase, a narrativa. Que não são o elemento duma sequência, mas que são a manifestação, a «presentação», o acontecimento, o episódio, a irrupção, visível pela atenção da intimidade como um sabedoria de descida.

Interessa-nos esta outra gestualidade. Esta gestualidade que viabiliza, quando a língua já não é suficiente. Interessa-nos o gesto, não como arqueologia da língua, da composição, mas do gesto como *dispêndio* (Kristeva) — «uma actividade de uma produtividade anterior do produto», portanto *anterior à representação* como fenómeno de significação no circuito comunicativo. É esta manifestação de fisicalidade bruta, intraduzível, amímica, que privilegio como arte autêntica, inesperada — o movimento dos tiques ou gestos autónomos e os gestos acidentais.

Estes gestos são essa manifestação mais autêntica da vitalidade do corpo, da total responsabilidade dos sistemas simpático e parassimpático, dum corpo linguagem, o corpo preparado, com um ritmo próprio — «o plano no qual a matéria é» — (Bachelard).

Esta é a gestualidade que está aquém da função, do utensílio, da expressão.

Estes gestos não são indizíveis. Podem ser nomeados e deles se podem fazer extensas colecções, mas são gestos da *não apelação*. Não nomeiam nada, não organizam coisa nenhuma, nenhuma narrativa. Ainda que possam ser medidos através do «quine» e dos «quinemas» (Birdwhistell — o «quine» é a unidade mínima perceptível dos movimentos corporais, como por exemplo, o levantar e o baixar das sobrancelhas) estes gestos são gestos do desarranjo, não correspondem ao balbuciar de uma língua, são o estrebuchar como uma linguagem de fragmentos.

Daqui, a eleição destes gestos da inexpressão. Inaproveitáveis para a composição (outra ideia de intimidade, a composição) eles escapam à coreografia e às Artes da fixação. No entanto, eles são o pretexto e o fundamento do corpo na sua autenticidade de produzir arte através do movimento e da dança.

Se é fácil e comum na composição coreográfica a utilização repetida, ensaiada e ordenada de certas unidades quineseológicas como o acenar, o saltitar, o acariciar, o indicar, o olhar estas composições coreográficas serão sempre um arranjo virtual gestual, uma espécie de farsa coreográfica. Ou, uma arte nostálgica: «a mão estendida para aquele que parte, e que em breve não será mais que a lembrança duma presença perdida, tenta perpetuar o momento presente apesar do passado já a possuir».(2) Estas sequências de movimento serão sempre composições de vestígios, e o discurso sobre elas é por isso um contínuo discurso sobre a nostalgia.

Uma outra arte de gestualidade é possível, porque o tique ou gesto automático, e os gestos acidentais são a disponibilidade natural dum corpo enquanto instrumento e linguagem, enquanto produtor de arte. No regresso instantâneo à sua manifesta e enigmática natureza, este corpo produz o gesto imediato, um gesto orgânico e animal, numa pureza gestual natural, sem nome, espontânea.

Posso inclusivé nesta produção espontânea de movimento, utilizar uma terminologia da dança — as atitudes. As atitudes desta gestualidade da intimidade como uma combinação de movimento e sensibilidade, de raiz psico-fisiológica, como preparação a um acto e expectativa de um estímulo que o desencadeia.

Propõe-se, portanto, não uma gestualidade representada, não a composição consequente da repetição, do ensaio, da ideia do simulacro e do verosímil.

Propõe-se a intimidade de um corpo disponível que olha, e outro que age (chamemos-lhe o corpo do bailarino). Propõe-se não a obra de Arte mas o Episódio — a manifestação espontânea, o gesto acidental, sem código, único e novo.

Propõe-se esta gestualidade anterior à ideia de Composição e de Representação, produzida pelo corpo do «bailarino», como modelo de intimidade de um espectáculo de dança.

Tenho por referência actual a imagem de um par que pela primeira vez dança, num baile ou num salão de dança.

António Pinto Ribeiro

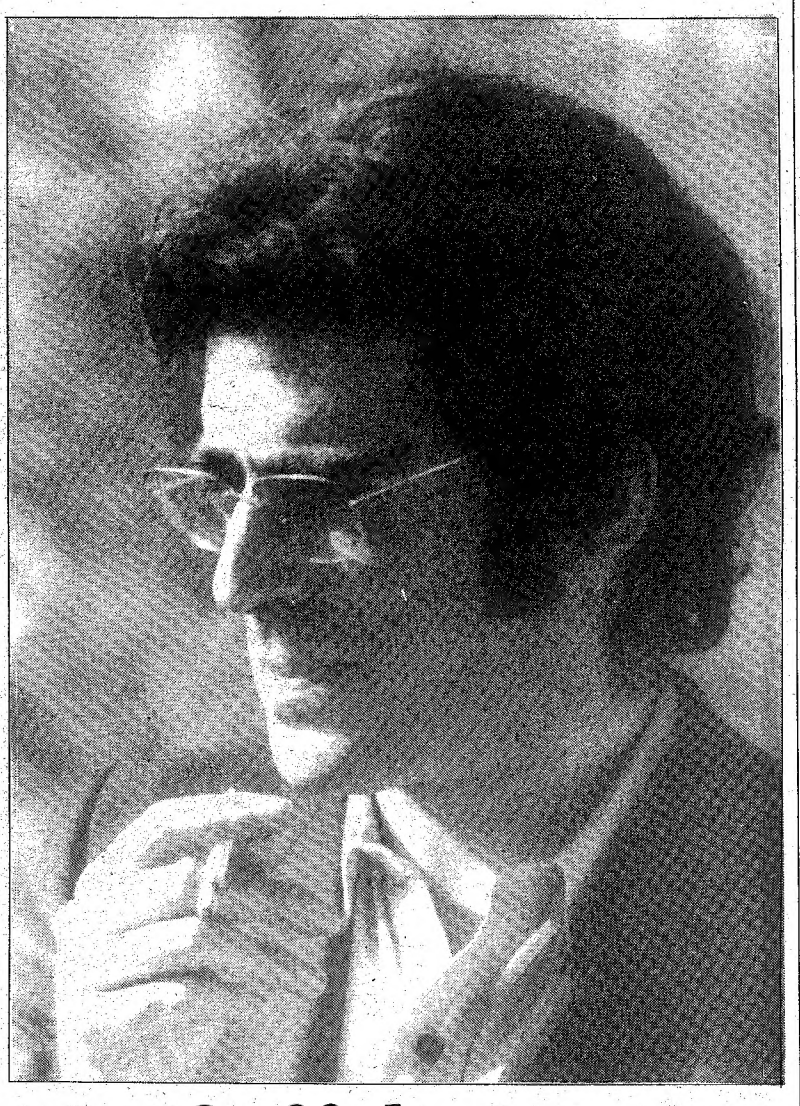
(*) Texto da comunicação apresentada nas Jornadas «A intimidade na arte portuguesa», promovidas pela Associação dos Professores de História

Notas

(1) António Franco Alexandre, **Moradas 1 e 2**

(2) Jean Bruh, **La main**

O mundo
é a Feira de S. Pedro de Sintra



Os 39 degraus

Vasco Graça Moura

NOS segundos e quartos domingos
de cada mês, o mundo é a feira de s. pedro
de sintra, desde que não chova muito.

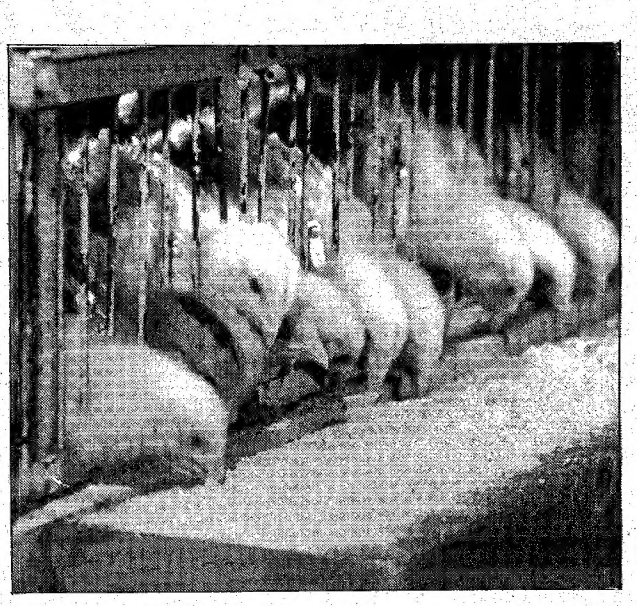
pode encontrar-se tudo; puxadores de portas
e sacos de feijão, pinturas sobre cobre, pratos velhos,
pintainhos e plainas, regueifas, beringelas, umas pessoas sobem

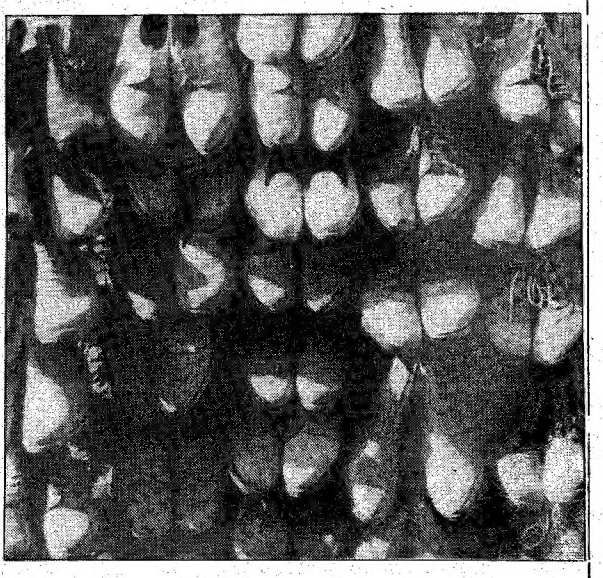
até ao largo, e as outras descem, a apreçarem
calçado e hortaliças, caixinhas de música, tapetes,
ou a comerem queijadas e pevides, ou a comprarem flores,

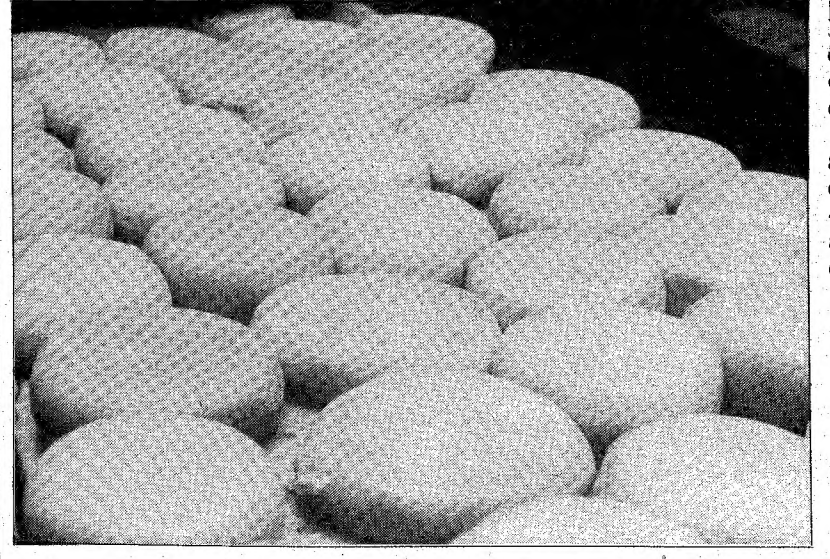
ou simplesmente a olharem umas para as outras,
felizes por estarem na feira de s. pedro de sintra,
onde, além disso, ficam ao pé os ferro-velhos

e mesmo à mão as lojas de atoalhados muito coloridos.
os automóveis passam em fila devagar,
a g.n.r. não é muito detestável,

e os namorados sussurram «olha aquela
chàleira é que ficava bem lá em







casa»
ou «gosto mais do de barro azul e verde».

as mães conceituadas sentam-se com os maridos nos comes-e-bebes,
a descansarem os pés inchados, com a máquina fotográfica ao colo, atentas,
não vá passar algum carteirista roubador do sossego.

entretanto lá vem mais gente alegremente derreada
com cestinhos e alcofas a mostrarem
alhos franceses, chouriços, queijos secos.

mesmo as crianças não desatam a espernear
por dá cá aquela palha, que querem aquela gaitinha,
numa gritaria imprópria dos perfumes da tarde.

depois, ao fim do dia, parece que não se passou nada,
as tendas foram desarmadas, as mercadorias
metidas em camionetas como bacorinhos.

a rua e o largo esvaziam-se à espera do primeiro
ou do terceiro domingo do mês,
que ficam para a volta dos tristes,
e as pessoas foram-se embora quase de repente, sem

mais lembranças vagabundas de byron ou de beckford
ou de poetas em mangas de camisa,
desocupados por ali, plantados no meio do caminho.

das várias feiras dos arredores de lx.ª,
a de s. pedro de sintra é a que mostra o útil e o inútil
em toda a pacatez da sua beleza transportável.

(in A Furiosa Paixão pelo Tangível)

«A minha pátria é a língua portuguesa»

Jorge Amado sugere o Nobel para Luandino

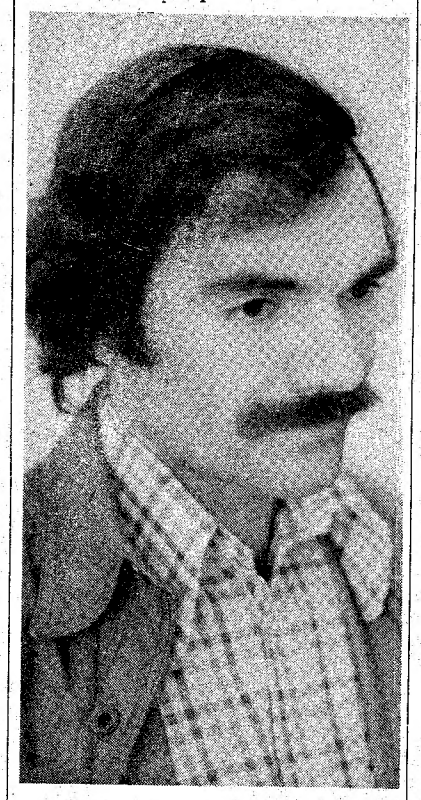
JORGE AMADO, um dos grandes nomes da ficção brasileira, defendeu no Rio de Janeiro a atribuição do Prémio Nobel de Literatura ao escritor angolano Luandino Vieira.

Em entrevista ao «Jornal da Tarde», Jorge Amado expressa a opinião de que a obra de Luandino Vieira justifica que seja ele o primeiro escritor de língua portuguesa a receber aquele galardão.

O romancista de *Gabriela, Cravo e Canela* afirmou, ainda, que considera Luandino Vieira «um dos mestres vivos da ficção em língua portuguesa».

Uma questão, quanto a nós, pertinente: tanto nos dispersamos pelo mundo (África, Brasil, Ásia...) que algo deixámos ao longo dessa dispersão: a língua portuguesa. Caso o Nobel seja atribuído a Luandino Vieira, será que algum de nós menosprezará o verso de Pessoa que nos diz «A minha pátria é a língua portuguesa»...?

Acreditemos que não.



Acabados de Chegar

■ Cobardias, Miguel Rovisco, Edições Ática

Cobardias, treze episódios, aos sábados na Televisão. Isso sabe o público. E que mais sabe...? Ouçamos o realizador da série, Herlânder Peyroteo: «Miguel Rovisco, mais preocupado com Deus do que com a religião, mais com Portugal do que com a política, sequioso de absoluto e perfeição, empregado modesto e cidadão anónimo, ganhou, em pouco mais de um ano, dois Prémios Garrett de Teatro, um Prémio da Juventude, uma encenação no Teatro D. Maria II, outra no Porto, treze episódios. **(Cobardias)** na televisão. Pôs termo à vida. Tinha 27 anos. Dissera: «todos os homens são cobardes...» E ainda: «O tempo é uma superstição.» Pôs na boca de um dos seus jovens personagens: «Adorai-vos porque somos péssimos!» Escreveu um dia: «Lá fora (fora do quarto fechado da solidão onde só falava com um espelho-namorado) não há nada para amar...» Há quem se suicide por amor, mas também há quem se suicide por falta de amor...» — Capa de José Rodrigues.

■ Pássaro de Fogo, Jacinto de Magalhães, Edição Póstuma

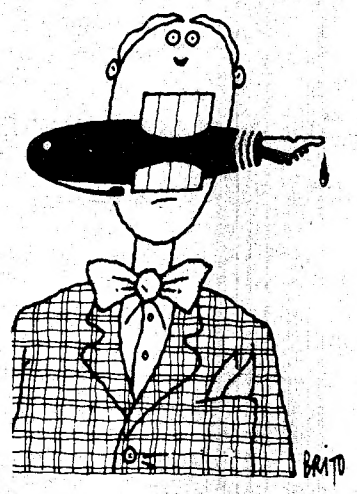
Trata-se do último livro do autor, de uma obra iniciada em 1 974 com o volume de contos **Galope Parado,** a que se seguiram os livros de poemas **Entre mim e o outro** (1978), prefaciado por José Augusto Seabra, **Um Momento Antes** (1980), **A Água e o Silêncio** (1982), **Trás-os-Montes** (1985), **Nas Águas daquele Mar** (1985 e **Poema** (1986).

Médico, cientista, fundador e director do Instituto de Genética Médica do Porto, Jacinto de Magalhães desenvolveu, paralelamente, uma importante acção cultural como jornalista e cronista político nas páginas de «O Comércio do Porto», jornal onde dirigia o suplemento literário. No jornal «O Primeiro de Janeiro» desenvolveu activa colaboração através de artigos médicos e científicos.

Como intelectual foi expressiva a sua contribuição na defesa da cultura. Fundador e director científico da revista «Nova Renascença», Jacinto de Magalhães optou pela poesia, campo em que se destacaria através de um conjunto de livros onde se detecta a «profunda emoção» referida por Rilke. — Capa de Zita Magalhães.

■ Adrian Mole, (continuação), Difel

Na sequência do hilariante, comovente e tremendamente popular *Diário Secreto de Adrian Mole aos 13 anos e 3/4* este volume começa onde o anterior nos deixou, isto é, nos 15 anos de Adrian. Muitas observações ao longo dos dias. Por exemplo (tirámos as datas para comodidade de redacção): «Acabo de reparar que nunca vi um cadáver ou um bico de maminha verdadeiro. É o que dá viver num beco sem saída.» Ou então: «Ontem eu era o tipo normal de adolescente intelectual. Hoje sei o que é sofrer... Amo-a! Meu Deus! Minha Pandora!» Mas há mais: «O meu Pai acaba de me perguntar se eu queria um irmão ou uma irmã. Eu disse que nem um nem outro. Porque é que eles andam sempre a chatear com esta conversa? Espero que não estejam a pensar em adoptar uma. São uns pais péssimos. Olhem para mim, sou completamente neurótico.» E ainda: «O nosso carteiro foi substituído por outro que se chama Courtney Elliot... De qualquer maneira não é um carteiro à toa, usa uma camisa de folhos e uma gravata com bolas vermelhas. Recusou uma chávena de café instântaneo dizendo que só bebia café brasileiro e feito de fresco.» E também: «O Nigel arranjou-me um encontro às cegas com a Sharon Botts. Vou-me encontrar com ela no ringue de patinagem no sábado. Estou nervoso à brava. Não sei patinar quanto mais fazer amor...» Que diz o leitor: leitura ou não leitura? Uma opção que dependerá, sem dúvida, da disposição do dia.



O eu nos outros

Parménides

UM dia, sumida em anos corridos, um qualquer desconhecido carpinteiro teria assentado as tábuas do soalho. Tábuas compridas, com nós, cuidadosamente aplainadas. Era o soalho do salão da casa, um salão convertido em biblioteca, com estantes até aos arabescos do tecto. Encerado ao longo do calendário de mogno, perpétuo, silencioso na parede, o soalho, sob certos ângulos da luz do dia ou quando iluminado pelo lustre, era um espelho de reflexos baços, mas endereçando aos olhos fracções de imagens que a memória guardava em seu tempo sem medida, enrolado sobre si, escondia. Stela C.L. recordava o gato amarelo e branco, atravessando o salão, as patas, reflectidas, prolongando-se para além do soalho. Quais eram do gato as patas verdadeiras...? Mas não só; também as pernas das cadeiras, os cantos descaídos e triangulares das toalhas, as corolas das flores no cimo frágil de caules curvos e dolentes. E muitas vezes, também, solas de sapatos, tacões, biqueiras — e o ferro aguçado de guarda-chuvas pretos, o desenho por desabrochar de sombrinhas coloridas, fímbrias de saias, calças de homens... Havia um mundo, ora prado ora em trânsito, que emergia da cera do soalho e se perdia (sempre) pela porta do salão.

«Tudo flui, tudo se vai...» — pensava Stela quando, anos mais tarde, se dava, na Faculdade, aos muitos caminhos da Filosofia. De certa maneira, recordando o soalho encerado do grande salão da casa paterna, apreendia («Mas que mnemónica!») as duas vias enunciadas por Parménides: a via da verdade e a via da aparência. Não é que soasse tudo muito certo, pois que o filósofo era de grande profundidade, e rico em pormenores, mas o certo é que se poderia considerar como verdadeiro tudo quanto se passava sobre o soalho e como mera aparência o que era reflectido pelo espelho da cera estendido ao comprido das tábuas. Fosse como fosse, esse cómodo paralelismo subsistiu sempre na mente de Stela; a doutrina de Parménides e o soalho luzidio do salão grande da casa de sus pais. Quando em férias, deixando Lisboa com uma certa fadiga, Stela deitava-se no soalho, só uma almofada para apoio da nuca dourada, e contemplava as mãos, longas e finas, por duas vezes: junto aos olhos, verdadeiras, e reflectidas na cera, aparência só.

«Um verdadeiro dilema...» — E Stela C. L., na solidão de uma cidade do interior, sorria de olhos fechados, deitada pelo chão, dada ao silêncio dos livros que, aprumados nas estantes, forravam as paredes do salão de tecto alto. Um verdadeiro dilema porque, entre a aparênica e a realidade, Stela sentia-se mais agradada da primeira do que da segunda. Entre o ser e o não-ser, vibrava com os reflexos do não-ser e magoava-se com o perfil duro do ser. «E se eu...»

Sim, era isso: teria de disseminar a vida pelas duas vias de Parménides, uma por ele louvada (a da verdade), a outra por ele condenada (a da aparência). Afinal, optando por essas duas vias, era uma terceira via que Stela escolhia — um caminho simultaneamente feito de coisas e não-coisas, de pessoas e não-pessoas, de sentimentos e não-sentimentos, de Stela e não-Stela.

— Que queres tu...? — disse ela um dia a Paulo M. A., seu colega de estudos. — De outra maneira não sei viver... Sou e não sou: eis o que sou. Que parte queres tu de mim...? A dos paralelepípedos de Lisboa, que nada reflectem, ou a do soalho encerado que os meus gestos enriquecem...?

E sorrindo, ao mesmo tempo que se furtava não se furtando, estendeu a Paulo as mãos longas, finas e nuas.

E Paulo interrogou-se:

«As duas...?»

Pedro Alvim